

INORA ROBERTS

Fumo Azul

Tradução de Ester Cortegano

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA SINCRO
Livros com sexto sentido

Para o meu próprio Carpinteiro

PONTO DE ORIGEM

O local específico onde um fogo foi iniciado.

As coisas que começam mal são pelo mal reforçadas.

– WILLIAM SHAKESPEARE

PRÓLOGO

O fogo nasceu em calor e fumo e luz. Como uma besta sobrenatural que sai do útero pela força das próprias garras, irrompeu para a vida com uma gargalhada que cresceu num rugido.

E, num único e magnífico instante, mudou tudo.

Como uma besta, deslizava, serpenteava sobre a madeira, riscava o que antes fora limpo e brilhante com os seus dedos negros e poderosos.

Tinha olhos vermelhos e penetrantes, e uma mente tão brilhante, tão completa, que memorizava tudo na sua órbita.

Ele via-o como uma espécie de entidade, um deus de ouro e carmim que existia apenas para destruir. E que se apoderava de tudo o que queria, sem remorso, sem piedade. Com tanto *ardor*.

Tudo caía na sua frente, suplicantes de joelhos que o adoravam ao mesmo tempo que eram consumidos.

Mas fora ele que o fizera, que o criara. Por isso, ele era o deus do fogo. Mais poderoso do que as chamas, mais hábil do que o calor, mais chocante do que o fumo.

O fogo não existia antes de ele lhe dar o sopro.

Ao vê-lo nascer, apaixonou-se.

A luz tremulava sobre o seu rosto, dançava nos seus olhos fascinados. Ele pegou numa cerveja, saboreou a sua frescura aguda na garganta enquanto sentia a pele gotejar com o calor.

Havia excitação na sua barriga, maravilhamento na sua mente. Inúmeras possibilidades dardejavam-lhe pela imaginação à medida que o fogo corria pelas paredes.

Era belo. Era forte. Era divertido.

Ao vê-lo nascer, ele nasceu. E o seu destino ficou marcado, gravado a ferro quente no coração e na alma.

1 .

Baltimore, 1985

A infância de Catarina Hale terminou numa escaldante noite de agosto, poucas horas depois de os Orioles esmagarem os Rangers, no Memorial Stadium, com um pontapé nos seus traseiros texanos — como dizia o pai — por nove a um. Os seus pais tinham tirado uma rara noite de folga para carregarem com toda a família para o jogo, o que tornara a vitória ainda

mais saborosa. Na maior parte das noites, um deles ou, muito frequentemente, os dois trabalhavam longas horas no Sirico's, a pizzeria que tinham herdado do seu avô materno. E o mesmo lugar onde, oito anos antes, os seus pais se tinham conhecido. A mãe era uma vibrante jovem de dezoito anos — assim rezava a história — quando um Gibson Hale de vinte ali entrara para comer uma fatia.

Entrara em busca de piza, como ele gostava de dizer, e ganhara uma deusa italiana.

O seu pai falava mesmo assim, de uma maneira estranha. Mas Reena gostava de o ouvir.

E também ganhara a pizzeria, dez anos mais tarde, quando o avô e a avó decidiram que estava na altura de calçarem os seus sapatos de viagem. Bianca, a mais nova de cinco filhos e a única rapariga, ficara a geri-lo com Gib, uma vez que nenhum dos seus irmãos queria o estabelecimento.

O Sirico's existia no mesmo local da Little Italy há mais de quarenta e três anos. O que significava que era ainda mais velho do que o pai de Reena, um facto que a espantava. Agora, era o seu pai — que não tinha uma única gota de sangue italiano nas veias — que dirigia o restaurante, juntamente com a mãe — que era italiana até aos ossos.

O Sirico's estava quase sempre cheio e dava muito trabalho, mas Reena não se importava, mesmo quando tinha de ajudar. A sua irmã do meio, Isabella, queixava-se quando tinha de trabalhar ali aos sábados à noite, em vez de sair com o namorado, ou com as amigas. Mas Bella estava quase sempre a queixar-se de uma coisa ou outra, de qualquer maneira.

Queixava-se especialmente do facto de a irmã mais velha, Francesca, ter o seu próprio quarto no terceiro andar, enquanto ela tinha de partilhar um com Reena. Xander, apesar de ser o mais novo de todos, também tinha um quarto só para ele, porque era o único rapaz.

Partilhar o quarto com Bella não constituía nenhum problema, e fora mesmo divertido até Bella se tornar adolescente e decidir que era demasiado crescida para fazer outra coisa senão conversar sobre rapazes, ou ler revistas de moda, ou brincar com o cabelo.

Reena tinha onze anos e cinco sextos. Os cinco sextos eram uma adição fundamental, já que significavam que lhe faltavam apenas catorze meses até *ela* se tornar adolescente. Aquela era, de momento, a sua mais fervorosa ambição, ultrapassando prévias ambições como tornar-se freira ou casar com o Tom Cruise.

Naquela noite quente e abafada do agosto dos seus onze anos e cinco sextos, Reena acordou no escuro com fortes dores na barriga. Encolheu-se, tentou fechar-se numa bola, e mordeu o lábio para conter um gemido. Do

outro lado do quarto, tão longe quanto possível, agora que fizera catorze anos e estava mais interessado em ter o cabelo comprido do que em ter uma irmã mais nova, Bella ressonava suavemente.

Reena friccionou a barriga e pensou nos cachorros-quentes e pipocas e rebuçados que tinha devorado no jogo. A mãe avisara-a de que se ia arrepender.

Porque é que a mãe nunca se enganava, nem uma única vez?

Tentou oferecer o seu sofrimento, como as freiras estavam sempre a dizer, para que algum pobre pecador pudesse beneficiar da sua dor de barriga. Mas a dor não desaparecia!

Talvez não fosse dos cachorros-quentes. Talvez fosse de quando Joey Pastorelli lhe batera no estômago. Ele ficara em sarilhos por causa disso. Por lhe ter batido, por lhe ter arrancado a saia e chamado um nome que ela não percebera. O senhor Pastorelli e o pai dela tinham brigado, quando o pai fora a casa dele para «discutir a situação».

Ela ouvira-os gritar um com o outro. O seu pai nunca gritava — bem, quase nunca. A mãe era quem gritava lá em casa, porque era cem por cento italiana.

Mas, bolas, como ele tinha gritado com o senhor Pastorelli. E como a abraçara com força ao voltar para casa.

E, depois, tinham ido ao jogo.

Talvez ela estivesse a ser castigada por se ter sentido contente por Joey Pastorelli ser castigado. E por ter ficado um pouco contente por ele lhe ter batido e rasgado a saia, porque depois tinham ido ao jogo e visto os Orioles darem uma sova aos Rangers.

Ou, talvez, tivesse lesões internas.

Ela sabia que se podia sofrer de lesões internas e até *morrer* porque o tinha visto em *Emergency!*, uma das séries que ela e Xander mais gostavam de ver.

A ideia provocou-lhe uma terrível cólica que fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas. Começou a levantar-se da cama — queria a sua mãe — e sentiu qualquer coisa húmida entre as pernas.

A fungar, embaraçada com a perceção de que podia ter feito chichi na cama, como um bebé, saiu silenciosamente do quarto e percorreu o corredor até à casa de banho. Entrou na divisão, com a sua banheira e azulejos cor-de-rosa, e ergueu a *T-shirt* dos *Ghostbusters*.

Sentiu-se percorrida por uma quente onda de medo quando viu o sangue nas suas coxas. Estava mesmo a morrer. Os seus ouvidos começaram a palpitar. Quando outra cólica lhe comprimiu a barriga, ela abriu a boca para soltar um grito.

E compreendeu.

Não estava a morrer, pensou. Não estava a sofrer de lesões internas. Estava com o período. O seu primeiro período.

A mãe já lhe explicara tudo, os óvulos, e os ciclos, e o tornar-se uma mulher. As suas duas irmãs tinham períodos todos os meses, tal como a mãe.

Havia *Kotex* no armário por baixo do lavatório. A mamã mostrara-lhe como se usavam e ela trancara-se, um dia, na casa de banho para praticar. Enquanto se limpava, ela pensou que tinha de deixar de ser mariquinhas. Não era que o sangue a incomodasse assim tanto, o sítio de onde vinha é que era nojento.

Mas agora já era crescida, suficientemente crescida para tratar de uma coisa que a mamã lhe dissera ser natural, uma coisa de mulheres.

Como já não tinha sono, e já era uma mulher, decidiu descer à cozinha e beber uma *ginger ale*. Estava tanto calor dentro de casa. E ela tinha tanto em que pensar, agora que *se tornara*. Pegou no copo e saiu de casa, para se sentar a beber e a pensar nos degraus de mármore branco.

Havia silêncio suficiente para ouvir o cão dos Pastorelli ladrar daquela maneira dura, como se estivesse a tossir. E as luzes da rua eram brilhantes. Sentiu-se como se fosse a única pessoa acordada no mundo. Naquele momento, era a única pessoa no mundo que sabia o que acontecera dentro do seu corpo.

Deu um pequeno gole na sua bebida e pensou em como seria quando regressasse à escola, no mês seguinte. Quantas das raparigas teriam tido o seu período durante o verão.

Agora os seus seios iam começar a crescer. Baixou o olhar para o peito e perguntou-se como *isso* seria. Qual seria a sensação. Não se sentia o crescer do cabelo, nem das unhas, mas talvez se conseguisse sentir o crescer dos seios.

Esquisito, mas interessante.

Se comessem a crescer naquele momento, já os teria quando *finalmente* se tornasse adolescente.

Estava sentada nos degraus de mármore, uma rapariga de peito liso e a barriga dorida. O denso cabelo louro-mel a frisar com a humidade, os olhos de longas pestanas a começarem a fechar-se. Um pequeno sinal mesmo por cima do canto direito do lábio superior, aparelho nos dentes.

Naquela noite de calor opressivo, o presente parecia absolutamente seguro, o futuro era um sonho vago.

Soltou um bocejo e pestanejou, ensonada. Levantou-se para entrar e o seu olhar percorreu rapidamente toda a rua até ao Sirico's, no local onde se encontrava desde antes de o seu pai nascer. Ao princípio, pensou que a luz trémula que estava a ver na grande janela frontal era alguma espécie de reflexo, e pensou, Bonito.

Os seus lábios curvaram-se enquanto continuava a estudar a luz, depois a sua cabeça inclinou-se, perplexa. Não parecia nada um reflexo, nem parecia que alguém se tinha esquecido de desligar todas as luzes no fecho do restaurante.

Curiosa, desceu as escadas para o passeio, ainda de copo na mão.

Demasiado intrigada para pensar em como a sua mãe a esfolaria viva se a soubesse sozinha na rua a meio da noite, mesmo que fosse a sua rua, Reena continuou a avançar.

E o seu coração parou quando o que estava a ver começou a filtrar-se por entre a névoa do sono. Havia fumo a jorrar da porta principal, uma porta que não estava fechada. As luzes que estava a ver eram chamas.

— Fogo! — primeiro foi um sussurro, depois gritou enquanto corria de volta para casa e entrava de rompante pela porta da frente.

* * *

Ela nunca esqueceria, por mais anos que vivesse, a noite em que vira, com a sua família, o Sirico's a arder. O bramido do fogo que trespassava os vidros partidos e subia em rápidas torres de ouro era um zumbido constante nos seus ouvidos. Havia sirenes a gritar, havia mangueiras enormes a jorrar água, havia choros e gritos. Mas o som do fogo, a sua voz, sobrepunha-se a tudo o resto.

Ela sentia-o no interior da sua barriga, sentia o fogo como sentia as cólicas. O fascínio e o horror, a sua terrível beleza, pulsavam ali dentro.

Como seria estar dentro do fogo, aquele sítio onde estavam os bombeiros? Quente e escuro? Denso e brilhante? Algumas das chamas pareciam enormes línguas, que se mostravam e depois recuavam, como que para saborear o que estavam a queimar.

O fogo erguia-se, ondulante, como plumas. Fazia-lhe arder os olhos, o nariz, ao mesmo tempo que o turbilhão da dança das chamas a ofuscava. Ainda estava descalça, e o asfalto era como carvão quente debaixo dos seus pés. Mas não conseguia afastar-se, não conseguia desviar os olhos daquele espetáculo, daquele circo louco e furioso.

Alguma coisa explodiu, e ouviram-se mais gritos em reação. Bombeiros de capacetes e rostos enegrecidos pelo fumo e a cinza moviam-se como fantasmas pelo labirinto de fumo. Como soldados, pensou ela. Parecia um filme de guerra.

E, no entanto, até a água cintilava ao voar.

Perguntou-se o que estaria a acontecer lá dentro. O que estariam os

homens a fazer? O que estava o fogo a fazer? Se era uma guerra, iria ele esconder-se e depois atacar, brilhante e dourado?

A cinza caía lentamente como neve suja. Hipnotizada, Reena deu um passo em frente. A mãe agarrou-a pelo pulso, puxando-a para trás, e enlaçou-a com um braço para a manter junto a si.

— Fica aqui — murmurou Bianca. — Temos de ficar todos juntos.

Ela só queria ver. O coração da mãe era uma bateria excitada contra o seu ouvido. Começou a virar a cabeça para olhar para cima, para perguntar se se podiam aproximar. Só mais um pouco.

Mas não havia excitação no rosto da sua mãe. Não era admiração que fazia cintilar os seus olhos, mas as lágrimas.

Ela era linda; toda a gente o dizia. Mas, agora, a sua face parecia ter sido esculpida em qualquer coisa muito dura, deixando linhas agrestes bem fundas. As lágrimas e o fumo tinham avermelhado os seus olhos. Havia cinza no seu cabelo.

Ao seu lado estava o pai, com uma mão sobre o seu ombro. E, para horror de Reena, ela viu que também nos olhos dele havia lágrimas. Ela via o fogo refletir-se no seu brilho, como se, de alguma maneira, o tivesse invadido.

Não era nenhum filme, era real. Uma coisa deles, uma coisa que fora deles ao longo de toda a sua vida, estava a ser destruída pelo fogo mesmo na sua frente. Conseguia agora ver para além da luz hipnótica e do movimento do fogo, conseguia ver os borrões pretos nas paredes do Sirico's, a fuligem e a cinza molhada a manchar os degraus de mármore branco, os afiados estilhaços de vidro.

Os vizinhos enchiam a rua, o passeio, quase todos de pijama. Alguns tinham crianças ou bebés ao colo. Alguns choravam.

Ela lembrou-se nesse momento que Pete Tolino, a mulher e o bebé viviam no pequeno apartamento por cima do restaurante. O seu coração apertou-se quando olhou para cima e viu o fumo que jorrava das janelas superiores.

— Papá! Papá! O Pete e a Teresa!

— Eles estão bem — pegou-lhe ao colo quando ela se soltou da mãe. Pegou-lhe ao colo como costumava fazer quando ela era pequena. E pressionou o rosto contra o seu pescoço. — Estão todos bem.

Ela escondeu a face no ombro dele, envergonhada. Não pensara nas pessoas, não pensara sequer em todas as coisas — os quadros e as cadeiras, as toalhas de mesa e os grandes fornos.

Só pensara no fogo, no seu brilho, no seu rugido.

— Desculpa — ela agora chorava, com a cara enterrada contra o ombro nu do seu pai. — Desculpa.

— Chh. Vamos resolver isto tudo — mas a sua voz era áspera, como se ele tivesse bebido o fogo. — Eu resolvo.

Reconfortada, ela deixou a cabeça pousada no ombro do pai e estudou os rostos e o fogo. Viu as irmãs abraçadas uma à outra, viu a mãe abraçada a Xander.

O velho senhor Falco estava sentado à sua porta, e os seus dedos engelhados percorriam um rosário. A senhora DiSalvo, vizinha do lado, aproximou-se e pôs um braço em volta dos ombros da mãe. Com algum alívio, ela viu finalmente Pete, sentado na berma do passeio, com a cabeça entre as mãos e a mulher ao lado com o bebé ao colo.

Depois, viu Joey. Estava de pé, com os polegares enfiados nos bolsos da frente das calças, uma anca inclinada, a olhar o fogo. O seu rosto estava cheio de algo parecido com alegria, do tipo de alegria que ela vira nos rostos dos mártires nos seus cartões de santos.

Algo que fez com que Reena apertasse com mais força a mão do seu pai.

Depois, Joey virou a cabeça, olhou para ela. Sorriu.

Ela sussurrou, «Papá», mas um homem com um microfone adiantou-se e começou a fazer perguntas.

Tentou manter-se colada ao pai quando ele a pousou. Joey ainda estava a olhá-la fixamente, ainda estava a sorrir, e isso era mais assustador do que o fogo. Mas o pai fez-lhe sinal para se juntar às irmãs.

— Fran, leva o teu irmão e irmãs para casa.

— Quero ficar aqui contigo — Reena agarrou-se às mãos dele. — Eu preciso de ficar aqui.

— Tens de ir para casa — ele agachou-se até os seus olhos raiados de sangue ficarem ao nível dos dela. — Já está quase tudo acabado. Está quase tudo feito. Eu disse que resolvia isto, e é o que vou fazer — deu-lhe um beijo na testa. — Vai lá para casa. Eu já vou.

— Catarina — a mãe chamou-a. — Ajuda as tuas irmãs a fazerem café e qualquer coisa para comer. Para as pessoas que nos ajudaram. É o que podemos fazer.

* * *

Comida era sempre algo que podiam fazer. Bules de café, jarros de chá frio, grossas sanduíches. Pela primeira vez, não houve discussões na cozinha entre as irmãs. Bella chorou consistentemente ao longo de todo o processo, mas Fran não lhe bateu por causa disso. E quando Xander disse que levava um dos jarros, ninguém lhe disse que era muito pequeno para isso.

Havia agora um fedor no ar, um que ela nunca esqueceria, e o fumo pairava como uma cortina suja. Mas elas abriram uma mesa articulada no passeio para colocarem o café, o chá, as sanduíches. Distribuíram copos e pão pelas mãos sujas.

Alguns dos vizinhos tinham voltado para casa, para se afastarem do fumo e do fedor, da cinza que caía e se depositava sobre os carros e no chão numa camada fina e suja. Já não havia nenhuma luz brilhante, e, mesmo à distância, Reena conseguia ver o tijolo enegrecido, os rios de fuligem molhada, os buracos abertos onde houvera vidros.

Os vasos de flores que ela ajudara a mãe a plantar na primavera para decorar os degraus brancos jaziam agora quebrados, pisados, mortos.

Os pais continuavam na rua em frente ao Sirico's, de mãos dadas, o pai com as calças de ganga que enfiara quando ela o acordara, a mãe com o robe vermelho vivo que ela lhe oferecera pelo seu aniversário no mês anterior.

Mesmo quando os grandes carros dos bombeiros se foram, eles continuaram ali, juntos.

Um dos homens com capacete de bombeiro aproximou-se e falou com eles pelo que pareceu um longo momento. Depois, os pais voltaram para casa, ainda de mão na mão.

O homem dirigiu-se para a ruína do Sirico's. Acendeu uma lanterna e desapareceu na escuridão.

A família carregou os restos de comida e bebidas de volta para casa. Reena pensou que pareciam todos sobreviventes naqueles filmes de guerra, com cabelos sujos e rostos cansados. Quando a comida estava arrumada, a mãe perguntou se alguém queria dormir.

Bella começou novamente a soluçar.

— Como é que podemos dormir? O que vamos fazer?

— O que há para fazer. Se não querem dormir, vão-se lavar. Eu preparo o pequeno-almoço. Vão. Pensaremos melhor quando estivermos limpos e comermos alguma coisa.

Ser a terceira na ordem de idades significava que Reena era sempre a terceira na fila para a casa de banho. Esperou até ouvir Fran a sair e Bella entrar. Depois, esgueirou-se do seu quarto e foi bater à porta do quarto dos pais.

O pai lavara o cabelo, e ainda o tinha molhado. Vestira umas calças de ganga limpas e uma camisa. A sua cara estava com o ar com que ficava quando ele apanhava uma gripe.

— As tuas irmãs açambarcaram a casa de banho? — ele sorriu um pouco, mas o sorriso não lhe atingiu os olhos. — Podes usar a nossa, desta vez.

— Onde está o teu irmão, Reena? — perguntou a mãe.
— Adormeceu no chão.
— Oh — ela voltou a prender o cabelo molhado com uma fita. —
Tudo bem. Vai, vai tomar o teu duche. Eu arranjo-te roupas lavadas.
— Porque é que o bombeiro entrou quando os outros saíram?
— Ele é inspetor — explicou-lhe o pai. — Vai tentar descobrir como
aquilo aconteceu. Eles chegaram mais depressa do que teriam chegado se
não tivesses visto. Pete e a família estão sãos e salvos, e isso é o mais impor-
tante. O que estavas a fazer acordada tão tarde, Reena?
— Eu... — ela sentiu o rubor aquecer-lhe a nuca quando se recordou
do período. — Quero dizer só à mãe.
— Eu não me zango.
Ela fixou os olhos nas pontas dos pés.
— Por favor. É um assunto privado.
— Podes ir começando a fazer umas salsichas, Gib? — perguntou
Bianca num tom casual. — Eu já desço.
— Está bem. Está bem — pressionou os olhos com as mãos. Depois,
baixou-as e olhou para Reena de novo. — Eu não me zango — repetiu ele,
e deixou-as sozinhas.
— O que é que se passa que não podes contar ao teu pai? Porque é
que o estás a magoar numa altura destas?
— Eu não queria... Eu acordei porque... doía-me a barriga.
— Estás doente? — Bianca voltou-se e pousou uma mão sobre a testa
de Reena.
— Veio-me o período.
— Oh. Oh, minha menina — Bianca puxou-a para si, abraçou-a com
força. Depois, começou a chorar.
— Não chores, mamã.
— É só por um minuto. Tanta coisa, tudo ao mesmo tempo. A minha
pequena Catarina. Tanta coisa perdida, tanta mudança. Minha *bambina* —
soltou a filha. — Tu mudaste esta noite, e, por causa disso, salvaste vidas.
Daremos graças pelo que foi salvo e depois lidamos com o que se perdeu.
Estou muito orgulhosa de ti.
Beijou Reena em ambas as faces.
— Ainda te dói a barriguinha? — quando Reena fez um sinal afirma-
tivo, Bianca beijou-a de novo. — Vai tomar um duche e depois podes tomar
um bom banho quente na minha banheira. Vais sentir-te melhor. Precisas
de me perguntar alguma coisa?
— Eu sabia o que devia fazer.
A mãe dela sorriu, mas havia uma tristeza nos seus olhos.
— Então, vai tomar o teu duche e depois eu ajudo-te.

— Mamã, eu não conseguia dizer na frente do papá.

— Claro que não. Não há problema nenhum. Isto é um assunto de mulheres.

Assunto de mulheres. A frase fê-la sentir especial e o banho quente acalmou-lhe as dores. Quando, finalmente, desceu as escadas, a família estava na cozinha e ela percebeu, pela forma gentil como o pai lhe tocou o cabelo, que ele já sabia da novidade.

Havia uma melancolia em volta da mesa, uma espécie de silêncio exausto. Mas, pelo menos, Bella parecia ter esgotado as lágrimas — por enquanto.

O pai pousou a mão sobre a da mãe e apertou-a antes de começar a falar.

— Temos de esperar até nos disserem que é seguro. Depois, começaremos a limpar. Não sabemos ainda a gravidade dos danos, ou de quanto tempo precisaremos para voltar a reabrir.

— Agora vamos ser pobres — o lábio de Bella tremia. — Está tudo estragado, e não temos dinheiro.

— Não tiveste sempre um teto por cima da cabeça, comida na mesa, roupas no corpo? — perguntou Bianca severamente. — É assim que te comportas quando há problemas? Com choros e queixas?

— Ela esteve a chorar o tempo todo — disse Xander enquanto brincava com um pedaço de torrada.

— Eu não te perguntei o que consigo ver sozinha. O teu pai e eu trabalhamos todos os dias, há quinze anos, para fazer do Sirico's um bom restaurante, um lugar importante neste bairro. E, para o construir, o meu pai e a minha mãe trabalharam durante mais anos do que vocês podem imaginar. Custa muito. Mas não foi a família que ardeu, foi um lugar. E nós vamos reconstruí-lo.

— Mas o que é que vamos fazer? — perguntou Bella.

— Cala-te, Isabella! — ordenou Fran quando a irmã começou a falar.

— Eu quero dizer: o que é que fazemos primeiro?

— Nós temos seguro — Gibson baixou o olhar para o prato como se estivesse surpreendido por encontrar comida lá dentro. Mas pegou no garfo, começou a comer. — Vamos usá-lo para reconstruir ou reparar ou o que quer que seja necessário fazer. Temos poupanças. Não vamos ser pobres — acrescentou, com um olhar severo para a sua filha do meio. — Mas precisaremos de ser cuidadosos, durante todo o tempo que for necessário. Não podemos ir para a praia, como tínhamos planeado fazer no fim de semana do Dia do Trabalhador. Se o seguro não for suficiente, teremos de mexer nas nossas poupanças ou pedir um empréstimo.

— Lembrem-se disto — acrescentou Bianca. — As pessoas que tra-

balham para nós não têm emprego, neste momento, enquanto não pudermos reabrir. Algumas delas têm famílias. Não fomos os únicos a sofrer com isto.

— O Pete, a Theresa e o bebé — disse Reena. — Eles podem não ter roupa, nem mobília, nem nada. Podíamos dar-lhes alguma coisa.

— Muito bem, aí está uma coisa positiva. Alexander, come os teus ovos — acrescentou Bianca.

— Eu preferia uns *Cocoa Puffs*.

— Bem, e eu preferia ter um casaco de arminho e uma tiara de diamantes. Come. Vai haver muito trabalho a fazer. Toda a gente tem de fazer a sua parte.

— Ninguém. Ninguém — acrescentou Gibson agitando o indicador na frente de Xander —, entra no restaurante sem autorização.

— O vovô — murmurou Fran. — Temos de lhe dizer.

— É demasiado cedo para ligar com uma notícia destas — Bianca ia empurrando a comida em volta do prato. — Eu ligo-lhe mais logo. E aos meus irmãos.

— Como é que isto pode ter acontecido? Como é que eles vão descobrir? — perguntou Bella.

— Não sei. É o trabalho deles. O nosso é reconstruir tudo — Gibson ergueu a sua chávena de café. — E é o que vamos fazer.

— A porta estava aberta.

Gibson voltou-se para Reena.

— O quê?

— A porta, a porta principal, estava aberta.

— Tens a certeza?

— Eu vi. Vi que a porta estava aberta, e as luzes... o fogo na janela. Talvez o Pete se tenha esquecido de a trancar.

Desta vez, foi a mão de Bianca que pousou sobre a do marido. Antes de ela poder dizer alguma coisa, a campainha tocou.

— Eu vou — ela levantou-se. — Acho que vai ser um longo dia. Se alguém está cansado, devia tentar dormir agora um pouco.

— Acabem de comer — ordenou Gibson. — Tratem da loiça.

Fran levantou-se ao mesmo tempo que ele e deu a volta à mesa para o abraçar. Com dezasseis anos, era magra e graciosa, com uma feminilidade que Reena reconhecia e invejava.

— Vai correr tudo bem. Vamos fazer com que seja ainda melhor do que antes.

— Assim é que se fala, minha menina. Eu estou a contar contigo. Com todos — acrescentou. — Reena? Vem comigo um minuto.

Enquanto saíam juntos da cozinha, ouviram o comentário irritado

de Bella «Santa Francesca». Gibson limitou-se a suspirar, depois fez sinal a Reena para entrar na sala da televisão.

— Hum, ouve, querida, se não te sentes bem, eu posso dispensar-te do trabalho na cozinha.

Uma parte dela queria aproveitar a oportunidade, mas a culpa foi um pouco mais forte.

— Eu estou bem.

— Se... não estiveres, diz alguma coisa.

Fez-lhe uma festa distraidamente, depois saiu para a frente da casa.

Ela ficou a olhar para o pai. Ele sempre lhe parecera tão alto, mas agora tinha os ombros descaídos. Reena queria fazer o que Fran fizera — dizer-lhe a coisa certa, abraçá-lo, mas agora já era tarde.

2.

Tencionara ir diretamente para a cozinha, portar-se bem. Como Fran. Mas ouvira a voz de Pete, e parecia que ele estava a chorar. Ouvia também a do pai, mas não compreendia as palavras.

Por isso, foi-se aproximando sorrateiramente da sala de estar.

Pete não estava a chorar, mas parecia que poderia começar a qualquer segundo. O seu cabelo comprido estava caído dos lados do rosto enquanto ele olhava fixamente as mãos que se apertavam no colo.

Pete tinha vinte e um anos — tinham-lhe feito uma pequena festa no Sirico's, só com a família. Ele *era* família, já trabalhava ali desde os quinze anos. E, quando ele engravidara Theresa e tivera de casar com ela, Gibson e Bianca tinham-nos deixado ficar no apartamento por cima da loja por quase nada.

Ela sabia *isso* porque ouvira o tio Paul a falar do assunto com a mãe. Ouvir as conversas dos outros era algo por que ela tinha de fazer penitência — muitas vezes. Mas parecia sempre compensar algumas Ave-marias a mais.

Agora ela via a mãe sentada ao lado de Pete, com a mão pousada na sua perna. O pai estava sentado na mesa de centro — o que eles *nunca* podiam fazer — de frente para ele. Ainda não conseguia ouvir o que o pai estava a dizer, porque ele falava muito baixo, mas Pete estava a abanar a cabeça.

Depois, ergueu-a, e os seus olhos cintilavam.

— Eu juro, não deixei nada aceso. Já reví isto milhares de vezes na minha cabeça. Cada passo que dei. Meu Deus, Gib, se eu tivesse feito asneira dizia-lhe. Tem de acreditar em mim, não me estou a desculpar. A Theresa e o bebé... se lhes tivesse acontecido alguma coisa...

— Não aconteceu nada. — Bianca fechou a mão sobre a dele.

— Ela estava com tanto medo. Tanto medo. Quando o telefone tocou — ele olhou para Bianca. — Quando me ligou e me disse que havia um fogo e que tínhamos de sair, parecia um pesadelo. Nós só agarrámos no bebé e saímos a correr. Nem sequer tinha sentido o cheiro do fumo até o Gib lá chegar, para nos ajudar a sair.

— Pete, eu quero que penses bem. Trancaste a porta?

— Claro que...

— Não — Gib abanou a cabeça. — Não quero que me dês uma resposta pronta. Pensa em todos os passos. As rotinas tornam-se tão automáticas que podes esquecer-te de alguma coisa e depois não te lembras disso. Volta atrás. Últimos clientes?

— Ah. Céus — Pete passou uma mão pelo cabelo. — Jamie Silvio e uma miúda com quem anda a sair. Uma nova. Comeram uma *pepperoni* a meias, beberam umas cervejas. E Carmine, ficou até à hora de fecho, a tentar convencer a Toni a sair com ele. Hum, saíram mais ao menos à mesma hora, por volta das onze e meia. A Toni, o Mike e eu acabámos de limpar. Eu fiz a caixa... Oh, meu Deus, Gib, o envelope para o banco ainda estava lá em cima, eu...

— Não te preocupes com isso agora. Saíste ao mesmo tempo que a Toni e o Mike?

— Não, o Mike saiu primeiro. A Toni ficou comigo até eu terminar. Era quase meia-noite e ela gosta que fique um de nós a ver até ela entrar em casa. Saímos os dois... e eu lembro-me, lembro-me de pegar nas chaves e de ela dizer que tenho um porta-chaves muito giro. A Theresa mandou fazer um com a fotografia da Rosa. Lembro-me de ela dizer que era muito querido, enquanto eu trancava a porta. Eu tranquei a porta, Gib. Juro. Pode perguntar à Toni.

— Está bem. Nada disto é por tua culpa. Onde é que estão a dormir?

— Na casa dos meus pais.

— Precisam de alguma coisa? — perguntou Bianca. — Fraldas para a bebé?

— A minha mãe tem sempre lá coisas para ela. Eu só queria vir dizer-vos. Queria saber o que é que posso fazer. Passei por lá agora. Ainda não podem lá entrar, têm aquilo bloqueado. Mas não está com bom aspeto. Eu queria saber o que podia fazer. Tem de haver alguma coisa que possa fazer.

— Vai haver muito para fazer assim que nos deixarem entrar. Mas, neste momento, é melhor voltares para junto da tua mulher e da tua filha.

— Liguem para a casa da minha mãe, se precisarem de alguma coisa. A qualquer hora. Vocês têm sido tão bons para mim, para nós — levantou-se e abraçou Gib. — Qualquer coisa.

Gib acompanhou-o à porta antes de se voltar para Bianca.

— Tenho de ir lá, dar uma vista de olhos.

Reena entrou a correr na sala.

— Quero ir contigo. Eu vou contigo.

Gib abriu a boca e Reena viu uma recusa na sua face. Mas Bianca abanou a cabeça para ele.

— Sim, vai com o teu pai. Quando voltarem, vamos ter uma conversa, outra vez, acerca de ficares a escutar as conversas dos outros. Eu espero até voltarem para ligar aos meus pais. Talvez tenhamos mais para lhes dizer nessa altura. Talvez não seja tão mau como pensamos agora.

* * *

Parecia pior, pelo menos aos olhos de Reena. À luz do dia, os tijolos negros, o vidro partido, os destroços molhados pareciam horríveis, cheiravam pior. Parecia impossível que o fogo pudesse ter feito tanto, tão depressa. Onde houvera uma montra, com a sua piza pintada no vidro, havia agora um enorme buraco, e lá dentro ela viu a destruição. Os destroços queimados do que tinham sido bancos cor de laranja e velhas mesas, os montes retorcidos do que tinham sido cadeiras. A tinta amarela das paredes desaparecera, bem como o enorme menu pendurado na área de cozinha aberta onde o seu pai — e por vezes a mãe — atiravam massa ao ar para entreter os clientes.

O homem do capacete de bombeiro e lanterna saiu da ruína com uma espécie de caixa de ferramentas. Era mais velho do que o seu pai; ela percebia isso porque tinha mais rugas no rosto e o cabelo que conseguia ver debaixo do capacete era quase todo grisalho.

* * *

Ele estudara-os rapidamente antes de sair. O homem — Gibson Hale — tinha aquele tipo de corpo comprido e ossudo que quase nunca se torna pesado. Um pouco pior ainda por causa da noite que tinha passado. Tinha muito cabelo, todo encaracolado, cor de areia e com umas pontas mais claras. Saía para o sol quando podia e não usava chapéu.

John Minger não estudava apenas o fogo, mas as pessoas nele envolvidas.

A miúda era bonita como uma pintura, mesmo apesar da privação de sono que era visível nos seus olhos. Tinha o cabelo mais escuro do que o do pai, mas os mesmos caracóis. John pensou que deveria vir a ficar também com a mesma altura e estrutura de corpo.

Ele vira-os na noite anterior, quando chegara ao local. A família inteira, ao princípio toda agrupada como os sobreviventes de algum naufrágio. A mulher, essa é que era a beldade. O tipo de bomba que não se vê muitas vezes fora de um ecrã de cinema. A filha mais velha era a que mais a ela saía, lembrou ele. À do meio faltava aquele fator *uau* por uma fração. O rapaz era giro, ainda com aquele aspeto rechonchudo da infância.

Aquela miúda parecia elástica, e as nódoas negras e arranhões nas pernas compridas fazia pensar que passaria mais tempo a correr por todo o lado com o irmão do que a brincar com bonecas.

— Senhor Hale. Ainda não vou poder deixá-lo entrar.

— Eu queria ver. Já... consegui descobrir onde começou?

— Na verdade, gostava de falar consigo acerca disso. Quem é esta menina? — ele sorriu para Reena.

— A minha filha Catarina. Peço desculpa, eu sei que já me disse o seu nome, mas...

— Minger. Inspetor John Minger. Disse-me que foi uma das suas filhas que viu o fogo e o foi acordar.

— Fui eu — disse Reena. Ela sabia que provavelmente era pecado estar orgulhosa do seu estatuto. Mas talvez fosse apenas um pecado venial. — Fui eu que o vi primeiro.

— Também gostava de conversar sobre isso — desviou o olhar quando um carro de polícia encostou ao passeio. — Dão-me licença por um minuto? — sem esperar por uma resposta, dirigiu-se para o carro, falou em voz baixa com o polícia lá dentro. — Há algum sítio onde possamos conversar mais à vontade? — perguntou ao voltar.

— Vivemos mesmo ao cimo da rua.

— Ótimo. Só mais um minuto — dirigiu-se para outro carro e despiu aquilo que Reena percebeu então ser uma espécie de fato-macaco. Por baixo, usava roupas normais. Guardou o macaco e as botas na bagageira, juntamente com a caixa de ferramentas, e, depois de trancar o carro, fez um aceno com a cabeça para o polícia.

— O que tem ali dentro? — quis saber Reena. — Na caixa das ferramentas?

— Todos os tipos de coisas. Eu mostro-te, quando quiseres. Senhor Hale? Posso dar-lhe uma palavrinha? Podes esperar aqui, Catarina?

Mais uma vez, não esperou, limitou-se a afastar-se um pouco.

— Se houver alguma coisa que me possa dizer — começou Gib.

— Já lá chegamos — ele puxou um maço de cigarros e um isqueiro do bolso. — Preciso de falar com a sua filha. Agora, o seu primeiro instinto pode ser acrescentar pormenores, sugerir-lhe coisas. Seria melhor que não o fizesse. Que nos deixasse conversar sem interromper.

— Está bem. Claro. Ela é, eehh, observadora. A Reena.

— Ótimo — voltou para junto de Reena. Os olhos dela, reparou, eram mais ambarinos do que castanhos e, apesar das olheiras, pareciam astutos. — Viste o fogo da janela do teu quarto? — perguntou Minger enquanto caminhavam.

— Não. Das escadas. Estava sentada nas escadas à entrada da minha casa.

— Já passava um bocado da hora de deitar, não?

Ela pensou um pouco, pensou em como poderia responder sem revelar os pormenores pessoais embaraçosos e ao mesmo tempo evitar uma mentira.

— Estava calor, e eu acordei porque não me sentia muito bem. Fui buscar um copo de *ginger ale* à cozinha e saí para me sentar nas escadas a beber.

— Está bem. Se calhar podias mostrar-me onde estavas sentada quando viste.

Ela correu em frente e sentou-se obedientemente nos degraus de mármore branco, o mais perto da sua posição original quanto se conseguia lembrar. Olhou para o fundo da rua enquanto os homens se aproximavam.

— Estava mais fresquinho do que lá em cima no meu quarto. O calor sobe. Aprendemos isso na escola.

— É verdade. Então — Minger sentou-se ao seu lado e olhou para o fundo da rua, como ela. — Estavas aqui sentada, com a tua *ginger ale*, e viste o fogo.

— Vi as luzes. Vi as luzes no vidro, e não sabia o que eram. Pensei que o Pete talvez se tivesse esquecido de desligar as luzes lá dentro, mas não parecia ser isso. Movia-se.

— Como?

Ela encolheu um ombro, sentiu-se um pouco tola.

— Uma espécie de dança. Era bonito. Fiquei a pensar no que era aquilo e por isso levantei-me e andei um bocado — mordeu o lábio e olhou para o pai. — Eu sei que não devia.

— Podemos falar sobre isso noutra altura.

— Eu só queria ver. Sou muito bisbilhoteira, a minha avó Hale está sempre a dizer isso, mas eu queria saber o que era.

— Até onde foste? Podes mostrar-me?

— Está bem.

Ele levantou-se com ela, caminhou ao seu lado, imaginou como seria para uma criança descer a rua escura numa noite quente. Excitante. Proibido.

— Eu trouxe a minha *ginger ale* e bebi mais um pouco enquanto an-

dava — ela franziu a testa, concentrada, a tentar recordar cada passo. — Acho que posso ter parado aqui, aqui perto, porque vi que a porta estava aberta.

— Qual porta?

— A porta principal da loja. Estava aberta. Vi que estava aberta e primeiro pensei, Caraças, o Pete esqueceu-se de trancar a porta, a mamã vai dar-lhe cabo do pelo. É ela que nos dá cabo do pelo, lá em casa. Mas depois, vi que havia fogo, e vi o fumo a sair pela porta. Fiquei assustada. E gritei o mais alto que consegui e corri para casa. Subi as escadas e acho que ainda estava a gritar porque o papá já estava levantado e a vestir umas calças e a mamã tinha pegado no robe. E toda a gente estava a berrar. A Fran não parava de dizer, «O que foi, o que foi? É a casa?» E eu disse, «Não, não, é a loja.» É assim que chamamos quase sempre ao Siricó's. A loja.

Ela já pensara naquilo, decidiu John. Já revira todos os pormenores na sua cabeça, reproduzira os pormenores.

— A Bella começou a chorar. Ela chora muito porque é adolescente, mas a Fran não chora tanto. Adiante, o papá, ele olhou pela janela e depois disse à mãe para ligar ao Pete... que vive por cima da loja... e dizer-lhe para sair, para tirar a família dali. O Pete casou com a Theresa e tiveram um bebé em junho. O pai disse à mãe para dizer ao Pete que havia fogo na loja e que tinha de sair imediatamente, e depois para ligar aos bombeiros. Estava a descer as escadas a correr enquanto lhe dizia isso. E disse para ligar para o 112, mas ela já estava a fazer isso.

— Ótimo relatório.

— Lembro-me de mais coisas. Saímos todos a correr, mas o papá foi o que correu mais depressa. Correu a rua toda. Havia mais fogo. Eu vi isso. E o vidro partiu-se e saltou cá para fora. O fogo. O papá não entrou pela frente. Eu tinha medo que ele fosse e lhe acontecesse alguma coisa. Tive medo de que ficasse queimado. Mas ele correu para as escadas das traseiras e subiu para a casa do Pete.

Ela parou por um momento, comprimiu os lábios.

— Para os ajudar a sair — sugeriu John.

— Porque eles são mais importantes do que a loja. Pete tinha o bebé e o meu pai pegou no braço da Theresa e desceram todos as escadas a correr. Já havia pessoas a saírem das suas casas. E estava toda a gente aos gritos. Acho que o pai queria tentar correr lá para dentro, mas a mamã agarrou-o com força e disse: «Não, não.» E ele não foi. Ficou cá fora com ela e disse «Oh, céus, pequenina.» Ele chama assim à minha mãe, às vezes. Depois, ouvi as sirenes e apareceram os carros dos bombeiros. Os bombeiros saíram e prepararam as mangueiras. O meu pai disse-lhes que tinha saído toda a gente, que não havia ninguém lá dentro. Mas alguns deles entraram.

Não sei como é que conseguiram, com o fogo e o fumo, mas eles entraram. Pareciam soldados. Soldados-fantasma.

— Não te escapa nada, pois não?

— Eu tenho uma memória de elefante.

John olhou rapidamente para Gib, sorriu.

— Tem aqui uma miúda esperta, senhor Hale.

— Gib. Trate-me por Gib. E, sim, pois tenho.

— Muito bem, Reena, podes dizer-me agora que mais é que tu viste? Quando estavas sentada nas escadas, antes de veres o incêndio. Vamos voltar para trás, sentamo-nos e podes tentar lembrar-te.

Gib olhou de relance para a loja, depois novamente para John.

— Foi vandalismo, não foi?

— Porque diz isso? — perguntou John.

— A porta. A porta aberta. Eu falei com o Pete. Foi ele que fez o fecho ontem à noite. Eu tinha levado a família ao jogo.

— Os Birds esmagaram os Rangers.

— Pois — Gib conseguiu um pequeno sorriso. — Foi o Pete que fechou, com outra das minhas miúdas... empregadas. Ele trancou tudo, e lembra-se especificamente disso porque ele e a Toni, Antonia Vargas, tiveram uma conversa sobre o seu porta-chaves enquanto ele fechava. Ele nunca deixou uma porta destrancada. Por isso, se estava aberta, foi porque alguém a arrombou.

— Depois falamos sobre isso — sentou-se novamente com Reena. — É um bom sítio, este. Um bom sítio para se tomar uma bebida fresca numa noite quente. Sabes que horas eram?

— Hum, eram umas três e dez. Porque eu vi o relógio da cozinha quando fui buscar a *ginger ale*.

— Já devia estar toda a gente do bairro a dormir, a essa hora da noite.

— Todas as casas estavam às escuras. A luz dos Castos à porta estava acesa, mas eles esquecem-se quase sempre de a desligar, e também vi um pouco de luz na janela do quarto da Mindy Young. Ela dorme sempre com uma luz acesa, embora já tenha dez anos. Ouvi um cão ladrar. Acho que era o *Fabio*, o cão dos Pastorelli, porque ladrava como ele. Parecia excitado, e depois parou.

— Passou algum carro?

— Não. Nem um.

— Àquela hora da noite, com tanto silêncio, terias ouvido se alguém ligasse um motor ao fundo da rua, ou fechasse uma porta de um carro.

— Estava tudo em silêncio. Tirando o cão a ladrar algumas vezes. Até se ouvia o ar condicionado da vizinha a zumbir. Não ouvi mais nada, que me lembre. Nem sequer quando estava a aproximar-me da loja.

— O.K., Reena, bom trabalho.

A porta abriu-se e, mais uma vez, John foi esmagado pela beleza.

Bianca sorriu.

— Gib, não convidaste o senhor a entrar? Não ofereceste uma bebida fresca? Por favor, entre. Tenho limonada fresca.

— Obrigado — John já se levantara. Ela era o tipo de mulher por quem os homens se põem de pé. — Não me importo de beber qualquer coisa fria, e preciso de mais um pouco do vosso tempo.

A sala era colorida. Ele pensou que as cores ousadas combinavam com uma mulher como Bianca Hale. Estava tudo arrumado. A mobília estava longe de ser nova, mas fora recentemente polida, a ponto de ele sentir o cheiro a óleo de limão. Havia desenhos nas paredes, retratos a giz da família, com molduras simples. Alguém ali tinha bom olho e uma mão talentosa.

— E quem é o artista?

— Sou eu — Bianca vertia sumo de limão sobre gelo. — É o meu passatempo.

— São ótimos.

— A mamã também tinha desenhos na loja — acrescentou Reena. — O que eu mais gostava era o do papá. Tinha um enorme chapéu de cozinheiro e estava a atirar uma piza ao ar. Agora desapareceu, não foi? Ardeu.

— Eu desenho outro. Ainda melhor.

— E havia o velho dólar. O meu vovô emoldurou o primeiro dólar que ganhou quando abriu o Sirico's. E o mapa de Itália, e a cruz da vovó, abençoada pelo Papa, e...

— Catarina — Bianca ergueu uma mão no ar para interromper aquele fluxo. — Quando perdemos alguma coisa, o melhor é pensarmos no que ainda temos e no que podemos fazer com isso.

— Alguém pegou fogo à loja de propósito. Houve alguém que não quis saber dos teus desenhos, nem da cruz, nem de nada. Nem sequer pensou que o Pete e a Theresa e a bebé estavam lá dentro.

— O quê? — Bianca agarrou-se às costas de uma cadeira. — O que é que estás a dizer? Isto é verdade?

— Estamos a precipitar-nos um pouco. Um inspetor da polícia, da brigada de incêndios, virá...

— Da polícia — agora Bianca deixou-se cair numa cadeira. — Oh, meu Deus. Oh, bom Jesus.

— Senhora Hale, eu já relatei as minhas impressões iniciais à brigada de incêndios da polícia. O meu trabalho é inspecionar o edifício e determinar se existem indícios de origem criminosa. Alguém da brigada de incêndios da polícia virá inspecionar o edifício e conduzir uma investigação.

— E porque não o senhor? — perguntou Reena. — Já sabe como foi. John olhou para ela, para aqueles olhos cor de âmbar cansados e inteligentes. Sim, pensou. Já sabia.

— Se o incêndio foi deliberado, trata-se um crime, e a polícia terá de tomar conta das operações.

— Mas o senhor já sabe.

Não, não escapava mesmo nada àquela miúda.

— Eu contactei com a polícia porque, quando inspecionei o edifício, encontrei o que me pareceram ser sinais de entrada forçada. Os detetores de fumo tinham sido desligados. Encontrei o que me pareceram múltiplos pontos de origem.

— O que é um ponto de origem? — perguntou Reena.

— Isso significa que o fogo começou em mais do que um ponto específico, e, pelo padrão do espaço ardido, pela maneira como o fogo marcou certas áreas no chão, nas paredes, na mobília, parece que foi usada gasolina como iniciador, juntamente com aquilo a que chamamos rastilhos. Outro combustível, como jornal, ou papel de cera, carteiras de fósforos. Parece que alguém entrou, colocou rastilhos pelas zonas de mesas e até à cozinha. Ali havia mais combustível: latas pressurizadas, armários de madeira. As mesas, as cadeiras. Gasolina, muito provavelmente, foi espalhada pelo chão, pelas mobílias, as paredes. O fogo já estava bem adiantado quando a Reena saiu de casa.

— Quem faria uma coisa dessas? De propósito? — Gib abanou a cabeça. — Estava a imaginar um par de miúdos estúpidos a entrar para fazerem estragos, terem um acidente, mas está a falar de alguém que tentou deliberadamente incendiar o restaurante... com uma família a viver por cima. Quem faria uma coisa dessas?

— É isso que eu lhe estou a perguntar. Há alguém que tenha algum ressentimento contra si ou a sua família?

— Não. Não, meu Deus, nós já vivemos neste bairro há quinze anos. A Bianca cresceu aqui. O Sirico's é uma instituição.

— Um concorrente?

— Eu conheço toda a gente que tem restaurantes nesta área. Damos-nos todos bem.

— Um antigo empregado, talvez. Ou alguém que trabalhe para si e tenha sido reprimido.

— De maneira nenhuma. Disso tenho eu a certeza.

— Alguém com quem o senhor, ou alguém da sua família, ou um dos seus empregados, tenha discutido? Um cliente?

Gib esfregou a cara com as mãos, depois levantou-se para ir até à janela.

— Ninguém. Não consigo pensar em ninguém. Nós temos um estabelecimento familiar. Recebemos algumas queixas, de vez em quando, não há restaurante que não as tenha. Mas nada que pusesse alguém a fazer uma coisa destas.

— Talvez algum dos seus empregados tenha tido uma alteração, mesmo fora do trabalho. Eu vou querer uma lista dos seus nomes. Eles terão de ser entrevistados.

— Papá.

— Agora não, Reena. Temos tentado ser bons vizinhos e gerir o restaurante como os pais da Bianca o geriam. Modernizámos um pouco o sistema, mas o coração é o mesmo, percebe? — havia mágoa na sua voz, mas, no meio da mágoa, fumegava também alguma fúria.

— É um sítio sólido. Se trabalharmos arduamente, dá para se viver bem. Não conheço ninguém que nos quisesse fazer uma coisa destas.

— Temos recebido chamadas dos vizinhos durante toda a manhã — acrescentou Bianca, enquanto o telefone voltava a tocar. — Pus a nossa mais velha a atender o telefone. As pessoas dizem-nos como lamentam, oferecem-se para ajudar. Para limpar as coisas, para trazer comida, para ajudar a reconstruir. Eu cresci aqui. Cresci no Sirico's. As pessoas adoram o Gib. Especialmente o Gib. É preciso odiar para se fazer isto, não acha? Ninguém nos odeia.

— O Joey Pastorelli odeia-me.

— Catarina — Bianca passou uma mão cansada sobre o rosto. — O Joey não te odeia. É só um miúdo que gosta de implicar.

— Porque é que dizes que ele te odeia? — John queria saber.

— Ele atirou-me ao chão, e bateu-me, e rasgou-me a saia. Chamou-me um nome feio, mas ninguém me diz o que ele significa. O Xander e os amigos viram e foram ajudar-me, e o Joey fugiu.

— É um miúdo difícil — disse Gib. — E foi... — olhou John nos olhos, e alguma coisa passou entre eles que Reena não conseguiu compreender. — Ficámos preocupados. Ele devia ter acompanhamento, pelo menos. Mas tem doze anos. Não me parece que um miúdo de doze anos conseguisse entrar ali e fazer aquilo que me disse ter sido feito.

— Vale a pena investigar. Reena, disseste-me que julgavas ter ouvido o cão dos Pastorelli quando estavas sentada lá fora.

— Acho que era ele. É um bocado assustador, e tem um ladrar áspero. Como aquela tosse que nos faz doer a garganta.

— Gib, estou aqui a pensar uma coisa. Se algum miúdo magoasse a minha filha, eu ia querer trocar algumas palavras com ele e com os pais.

— E eu fiz isso. Estava no trabalho quando a Reena e o Xander e mais alguns miúdos apareceram. A Reena estava a chorar. Ela quase nunca

chora, por isso percebi que estava magoada. Tinha a saia rasgada. Quando me contou o que tinha acontecido... eu fiquei a ferver. Eu...

Lentamente, virou-se para a esposa, com uma ponta de horror nos olhos.

— Oh, meu Deus, Bianca.

— Diga-me o que fez, Gib — pediu John.

— Fui diretamente para a casa dos Pastorelli. O Pete estava cá e foi comigo. O Joe Pastorelli é que abriu a porta. Tem passado o verão quase todo fora, a trabalhar.

Ele fechou os olhos com força.

— Eu estava tão irritado. Tão preocupado. Ela é uma menina, e tinha a saia toda rasgada, e a perna a sangrar. Eu disse-lhe que estava farto que o filho dele andasse a atormentar a minha filha, e que aquilo tinha de acabar. Que desta vez o Joey tinha ido longe de mais e que estava a pensar chamar a polícia. Que, se não ensinasse melhores maneiras ao filho dele, a polícia havia de o fazer. Ficámos a gritar um com o outro.

— Ele disse que o pai era um idiota armado em santo e que devia meter-se na merda da sua vida.

— Catarina! — o tom de voz de Bianca era cortante. — Nunca mais uses essa linguagem nesta casa.

— Eu só estou a dizer o que *ele* disse. Para o relatório. Ele disse que o pai estava a criar um bando de fedelhos ranhosos e mimados que nem sequer sabiam lutar as suas lutas sozinhos. Mas disse mais palavrões. O pai também disse alguns.

— Eu não consigo reproduzir exatamente o que disse, nem o que ele disse — Gib beliscou a ponta do próprio nariz. — Não tenho um gravador na cabeça, como a Reena. Mas foi uma discussão acesa e estive quase a entrar no campo físico. Podia ter acontecido, mas os miúdos estavam ali parados na frente da loja. Eu não queria começar uma luta na frente deles, especialmente quando tinha lá ido para falar de violência.

— Ele disse que alguém devia ensinar-te uma lição, a ti e à tua família toda. Com palavrões — acrescentou Reena. — E fez gestos feios quando tu e o Pete se foram embora. Eu vi o Joey quando estávamos todos lá fora por causa do fogo. Ele sorriu para mim. Um sorriso mau.

— Os Pastorelli têm mais filhos?

— Não. Só o Joey — Gib sentou-se no braço da poltrona da mulher. — Uma pessoa quer ter pena do miúdo, porque parece que o Pastorelli é bruto para ele, mas ele é tão problemático — olhou novamente para Reena. — Talvez pior do que isso.

— Tal pai, tal filho — murmurou Bianca. — Ele bate na mulher, acho eu. Já a vi com nódoas negras. É muito reservada, por isso não a conhe-

ço bem. Vivem aqui há quase dois anos, julgo eu, e raramente tive uma conversa com ela. A polícia apareceu uma vez, mesmo depois de ele ser despedido. Os vizinhos do lado ouviram-nos gritar e chorar e chamaram a polícia. Mas Laura, a senhora Pastorelli, disse-lhes que não se passava nada, e que tinha ido contra uma porta.

— Está-me a parecer que é um verdadeiro encanto, esse homem. A polícia há de querer falar com ele. Lamento que isto tenha acontecido.

— Quando é que podemos entrar e começar a limpar?

— Ainda vai demorar algum tempo. A equipa da brigada de incêndios tem de fazer o seu trabalho. Estruturalmente, aquilo aguentou-se bastante bem, e as portas contra incêndio impediram que se espalhasse para o andar de cima. A sua companhia de seguros também querará inspecionar. Estas coisas levam tempo, mas faremos o que pudermos para que seja o mais expedito possível. Digo-lhe uma coisa, teria sido muito pior sem a sua *Olho de Águia*, aqui — piscou o olho a Reena enquanto se levantava. — Tenho muita pena disto tudo. Vou fazer os possíveis para vos manter informados.

— Vai voltar? — perguntou-lhe Reena. — Para me mostrar o que tem na sua caixa de ferramentas e para que serve?

— Podes ter a certeza. Foste mesmo de uma grande ajuda — estendeu-lhe a mão e, pela primeira vez, viu os olhos dela mostrarem alguma timidez. Mas ela retribuiu o cumprimento.

— Obrigado pela limonada, senhora Hale. Gib? Importa-se de me acompanhar até ao meu carro?

Saíram juntos.

— Não sei porque não tinha pensado nos Pastorelli. Ainda me custa a acreditar que ele pudesse ter ido tão longe. No meu mundo, se estou assim tão lixado com um tipo, vou lá e dou-lhe um murro.

— Abordagem direta. Se ele está envolvido nisto, talvez quisesse atingi-lo na sua vida. Nos seus alicerces, a sua tradição, o seu ganha-pão. Ele estava sem trabalho, o Gib não. Ei, e agora, quem é que também está sem trabalho?

— Bem, Jesus!

— O Gib e o seu funcionário foram confrontá-lo. Os seus filhos estavam na frente do restaurante a vê-lo confrontá-lo. Os vizinhos também, imagino.

Gib fechou os olhos.

— Sim. Sim, as pessoas vieram para a rua.

— Atacar e destruir o seu negócio, isso sim, ensina-lhe uma lição.

Quer apontar-me a casa dele?

— Ali, à direita — Gib fez um sinal com a cabeça. — A que tem

as cortinas corridas. Está um dia quente, para fechar cortinas. Filho da mãe.

— O melhor é manter-se longe dele. Contenha essa vontade de o confrontar por causa disto. Ele tem carro?

— Uma carrinha. Aquela velha *Ford* ali. A azul.

— Por volta de que horas foi essa vossa discussão?

— Hum, mais ou menos depois das duas. A enchente de almoço estava quase terminada.

Enquanto avançavam, várias pessoas paravam, ou abriam portas, ou enfiavam a cabeça pelas janelas para falarem a Gib. Na casa dos Pastorelli, as cortinas mantiveram-se cerradas.

Havia um pequeno ajuntamento no passeio em frente ao restaurante, por isso John parou enquanto ainda estavam onde não pudessem ser ouvidos.

— Os seus vizinhos quererão falar consigo, fazer-lhe perguntas. Talvez fosse melhor não mencionar o que temos conversado.

— Claro que não — ele soltou um longo suspiro. — Bem, eu andava a pensar em fazer umas reddecorações. Parece que chegou a altura.

— Quando libertarmos o local, vai ver muitos danos lá dentro, muitos deles causados durante a supressão. Mas os ossos do edifício, esses aguentaram-se bem. Dê-nos alguns dias e, quando puder entrar, eu venho cá e acompanho-o pessoalmente. Tem aqui uma bela família, Gib.

— Obrigado. Ainda não conhece todos, mas eu conheço-os.

— Eu vi-vos a todos ontem à noite — John tirou as chaves do bolso, fê-las tilintar na mão. — Vi os seus miúdos a prepararem comida e sanduíches para os bombeiros. As pessoas que pensam em fazer coisas positivas em momentos difíceis é porque também têm bons ossos. Ali está a brigada de incêndios — virou a cabeça ao ver um carro a parar. — Vou trocar umas palavras com eles. Vamo-nos mantendo em contacto — disse ele, e ofereceu-lhe a mão.

John dirigiu-se para o carro enquanto os detetives saíam por cada um dos lados e fez-lhes um sorriso de aço.

— Olá, Minger.

— Olá para vocês também — disse ele. — Bem, parece-me que já fiz o trabalho todo — pegou no cigarro, acendeu-o. — Eu faço-vos uma atualização.

3.

Não foram precisos alguns dias. A polícia apareceu logo na tarde seguinte e levou o senhor Pastorelli. Reena viu o que aconteceu com os seus próprios olhos quando estava a voltar para casa com a sua melhor amiga desde o segundo ano, Gina Rivero.

Pararam quando chegaram à esquina do Siricòs. Tanto a polícia como os bombeiros tinham-no rodeado de fita, e avisos, e barricadas.

— Parece tão sozinho — murmurou Reena.

Gina pousou uma mão sobre o ombro dela, expressando o seu apoio.

— A minha mãe disse que, na missa de domingo, vamos todos acender velas por ti e pela tua família.

— Isso é simpático. O padre Bastillo veio à nossa casa visitar-nos. Disse coisas sobre termos força na adversidade, e sobre os caminhos de Deus serem insondáveis.

— E são — disse Gina devotamente, e levou uma mão ao seu crucifixo.

— Acho que é bom acender velas, e rezar, e tudo isso, mas é melhor fazer mesmo alguma coisa. Como investigar, e descobrir porquê, e fazer com que alguém seja castigado. Se ficarmos sentados a rezar, não vai acontecer nada.

— Eu acho que isso é blasfémia — sussurrou Gina, e olhou rapidamente em volta, não fosse o Anjo de Deus aparecer, prestes a desferir o seu golpe.

Reena encolheu os ombros. Não percebia como podia ser blasfémia dizer o que se pensava de alguma coisa, mas havia uma razão por que o irmão mais velho de Gina, Frank, lhe chamava irmã Maria, ultimamente.

— O inspetor Minger e os dois detetives fazem coisas. Fazem perguntas e procuram provas, para se ficar a saber. É melhor saber. É melhor fazer alguma coisa. Quem me dera ter feito alguma coisa quando o Joey Pastorelli me atirou ao chão e me bateu. Mas estava tão assustada que mal consegui lutar.

— Ele é maior do que tu — o braço livre de Gina enlaçou a cintura de Reena. — E é mau. O Frank disse-me que ele não passa de um miúdo estúpido que precisa que alguém lhe dê um pontapé no c-u.

— Pode-se dizer cu, Gina. Não vais para o inferno por isso. Olha, estão ali os detetives da brigada de incêndios.

Ela reconheceu o carro e os homens. Vinham de fato e gravata, como

homens de negócios. Mas já os vira de fato-macaco e capacetes, quando tinham estado a trabalhar no Sirico's.

Eles tinham ido a casa e falado com ela, como fizera o inspetor Minger. E um jato de excitação atingiu-lhe a barriga quando os viu sair do carro e dirigirem-se para a casa de Joey.

— Eles também falaram com o meu pai. Ele veio ver o Sirico's e falou com eles.

— Chh. Olha — ela pôs também um braço em volta de Gina, e puxou-a um pouco para trás, mesmo para a esquina, quando a senhora Pastorelli abriu a porta. — Ela não os quer deixar entrar.

— Porquê?

Foi preciso muita força de vontade para não lhe dizer, mas Reena limitou-se a abanar a cabeça.

— Estão a mostrar-lhe um papel.

— Ela parece assustada. Os homens estão a entrar.

— Temos de esperar — declarou Reena. — Temos de esperar para ver — desceu a rua para se sentar no passeio no meio de uns carros ali estacionados. — Podemos esperar mesmo aqui.

— Devíamos ir já para a tua casa.

— Isto é diferente. Tu podes ir e dizer ao meu pai — ergueu o olhar para Gina. — Devias ir dizer ao meu pai. Eu vou esperar para ver.

Enquanto Gina corria pelo passeio rua acima, Reena ficou sentada, os olhos treinados fixos nas cortinas que mais uma vez não se tinham aberto durante todo o dia — e observou.

Levantou-se quando o seu pai apareceu sozinho.

A primeira coisa que ele pensou quando a olhou nos olhos foi que já não era uma criança que ali estava. Havia naqueles olhos uma frieza, um gelo feroz, que era completamente adulto.

— Ela não queria deixá-los entrar, mas eles mostraram-lhe um papel. Acho que era um mandado, como na *Ação em Miami*. Por isso, teve de os deixar.

Ele pegou-lhe na mão.

— Eu devia mandar-te para casa. Era o que eu devia fazer, porque ainda nem tens doze anos e isto é o tipo de coisa em que não devias participar.

— Mas não vais fazer isso.

— Não, não vou — suspirou. — A tua mãe trata das coisas à maneira dela. Tem a sua fé, e o génio, o seu sólido bom senso e um coração extraordinário. Fran, essa, tem a fé o coração. Ela acredita que as pessoas são todas boas. Isso significa que, para elas, é mais natural ser-se bom do que mau.

— Não é assim para toda a gente.

— Não, não é assim para toda a gente. A Bella, neste momento, está bastante concentrada em si mesma. É toda emoção, e se as pessoas são boas ou más não é importante, neste momento, a não ser que isso a afete. Provavelmente, vai ultrapassar esta fase, mas ela sente sempre antes de pensar. E o Xander tem uma natureza soalheira. Um miúdo feliz.

— Ele veio ajudar-me quando o Joey me estava a magoar. Afugentou o Joey, e só tem nove anos e meio.

— Também faz parte da sua natureza. Ele quer ajudar, especialmente se alguém está a ser magoado.

— Porque ele é como tu.

— É bom ouvir isso. E como tu, meu tesouro — ele baixou-se, beijou-lhe os dedos. — Tu és mais como a tua mãe. Com umas coisas a mais que são apenas tuas. A tua natureza curiosa. Sempre a desmontar as coisas, não só para veres como funcionam, mas como se encaixam. Quando eras bebé, não bastava dizer-te que não podias tocar nalguma coisa. Tu tinhas de ir tocar, ver qual era a sensação, ver o que acontecia. Nunca te chegou que te ensinassem alguma coisa. Tens sempre de ir ver por ti.

Reena encostou a cabeça ao braço do pai. Estava um calor espesso e sonolento. Ouviu-se um trovão rugir à distância. Ela sentiu pena de não ter um segredo, qualquer coisa profunda e sombria e privada para lhe dizer. Sabia, naquele momento, que lhe podia contar qualquer coisa.

Depois, do outro lado da estrada, a porta abriu-se. Saiu o senhor Pastorelli, vestido de calças de ganga e uma velha *T-shirt* branca, um detetive de cada lado. Ele manteve a cabeça baixa, como se estivesse embaçado, mas ela viu o desenho do seu queixo, o desenho da sua boca, e pensou, Fúria.

Um dos detetives trazia uma grande lata vermelha e o outro, um saco de plástico.

A senhora Pastorelli estava a chorar, soltando sonoros soluços, enquanto olhava da porta. Tinha um pano da louça amarelo vivo na mão, e enterrou nele o seu rosto.

Usava ténis brancos, e os cordões do esquerdo tinham-se desatado.

Mais uma vez, saíram pessoas das suas casas para observar. O velho senhor Falco, sentou-se nos degraus da sua casa, de calções vermelhos, as pernas brancas magricelas a fundirem-se contra a pedra. A senhora DiSalvo parou no passeio com o seu filho Christopher, que estava a comer um chupa-chupa. O doce parecia tão brilhante, tão vermelho. Tudo parecia tão brilhante, tão áspero, à luz do Sol.

Estava tudo em silêncio. Silêncio suficiente para Reena ouvir a respiração pesada da senhora Pastorelli entre cada soluço.

Um dos detetives abriu a porta de trás do automóvel e o outro pôs a

mão sobre a cabeça do senhor Pastorelli para ele entrar. Guardaram a lata — de gasolina, percebeu ela — e o saco de plástico verde na bagageira.

O detetive de cabelo escuro e barba por fazer como o Sonny Crockett¹ disse qualquer coisa ao outro, depois atravessaram a estrada.

— Senhor Hale.

— Detetive Umberio.

— Acabámos de deter Pastorelli sob suspeita de fogo posto. Estamos a levá-lo sob custódia, e levamos também algumas provas.

— Então, ele admitiu?

Umberio sorriu.

— Ainda não, mas, com o que aqui temos, é muito provável que o faça. Depois, dizemos-lhe alguma coisa — ele olhou para a senhora Pastorelli, ainda à porta, a gemer para o pano amarelo. — A mulher tem um olho negro e está a chorar por causa dele. Há com cada um.

Levou dois dedos à testa numa pequena saudação, depois voltou para o carro. Quando ligou o motor e começou a andar, Joey saiu a correr de dentro de casa.

Estava vestido como o pai, de calças de ganga e uma *T-shirt* que se tornara cinzenta de demasiadas lavagens e pouca lixívia. Gritou com a polícia enquanto corria atrás do carro, gritou palavras horríveis. E estava a chorar, viu Reena, com um pequeno aperto no coração. A chorar pelo pai enquanto corria atrás do carro, a agitar os punhos.

— Vamos para casa, pequenina — murmurou Gib.

Reena voltou para casa de mão dada com o pai. Ainda ouvia os gritos horríveis enquanto Joey corria impotentemente atrás do dele.

* * *

A notícia espalhou-se. Era como um fogo, com as suas bolsas de ar e calor encurralado que explodiam quando atingiam o ar. A indignação, como um rastilho, transportava as chamas pelo bairro, entrava nas casas e nas lojas, percorria os passeios e os parques.

As cortinas da casa dos Pastorelli permaneciam firmemente cerradas, como se o fino material pudesse funcionar como um escudo.

Para Reena, parecia que a sua própria casa nunca estava fechada. Os vizinhos entravam em vagas com os seus pratos cobertos, o seu apoio e os seus mexericos.

Sabiam que ele podia sair sob fiança?

¹ Personagem de série de televisão dos anos 80, *Ação em Miami*, interpretada por Don Johnson. (N. da T.)

Ela nem sequer vai à missa ao domingo.

Foi o Mike, do Sunoco, que lhe vendeu a gasolina!

O meu primo, que é advogado, disse que ele podia ser acusado de tentativa de homicídio.

Além dos mexericos e das especulações, havia a repetida declaração: eu sabia que aquele homem ia causar problemas.

O vovô e a vovó vieram no seu *Winnebago* desde Bar Harbor, no Maine. Acamparam na casa do tio Sal, em Bel Air, porque era o mais velho e o que tinha a casa maior.

Foram todos ao Sirico's para ver, os tios, alguns dos primos e tias. Parecia um desfile, só que não havia máscaras, nem música. Alguns dos vizinhos apareceram também, mas ficaram atrás, por respeito.

O vovô era velho, mas robusto. Era a palavra com que Reena mais ouvia descrevê-lo. Tinha o cabelo branco como uma nuvem, tal como o espesso bigode. Também tinha uma grande barriga e grandes ombros. Gostava de vestir camisolas de golfe com o crocodilo no bolso. A desse dia era vermelha.

Ao seu lado, a vovó parecia minúscula, e escondia os olhos atrás dos óculos de sol.

Havia muita conversa, quer em inglês quer em italiano. O italiano vinha principalmente do tio Sal. A mãe dizia que ele gostava de pensar que era mais italiano do que *manicotti*.

Ela viu o tio Larry — que era apenas Lorenzo, quando alguém o queria arrelhar — a aproximar-se para pôr uma mão no ombro da irmã, e Bianca pôr a mão sobre o dele. Era o mais calado de todos, o tio Larry, e o mais novo dos tios.

O tio Gio voltou-se e olhou tão fixamente para as cortinas cerradas na casa dos Pastorelli que parecia conseguir furá-las com os olhos. Esse era o mais impulsivo, e ela ouviu-o balbuciar em italiano qualquer coisa que parecia uma praga. Ou uma ameaça. Mas o tio Paul — Paolo — abanou a cabeça. Era o mais sério.

Durante um longo momento, o vovô não disse nada. Reena perguntou-se o que estaria ele a pensar. Recordaria o tempo em que o seu cabelo não era todo branco, e a sua barriga não era tão grande, e ele e a vovó tinham feito pizzas e posto o primeiro dólar numa moldura numa parede?

Talvez se estivesse a recordar de quando vivia no andar de cima, antes de a mamã nascer, ou de quando o *mayor* de Baltimore tinha aparecido ali para jantar. Ou de quando o tio Larry partira um copo e cortara a mão, e o Dr. Trivani parara de comer a sua beringela *parmigiana* para o levar ao seu consultório ao fundo da rua e dar-lhe uns pontos.

Ele e a vovó contavam muitas histórias sobre os velhos tempos. Reena gostava de as ouvir, apesar de já as conhecer muito bem. Por isso, ele devia estar a recordá-las.

Passou pelo meio dos primos e tios para pôr a mão na dele.

— Tenho muita pena, vovô.

Sentiu os dedos dele apertaram os dela e depois, para sua surpresa, viu-o afastar uma das barricadas. O seu coração começou a bater com mais força e mais depressa enquanto ele a levava para os degraus. Conseguia ver entre a fita a madeira queimada, as poças de água suja. O assento de um dos bancos altos derreteria numa forma estranha. Havia marcas das chamas por todo o lado, e o chão criara bolhas nos sítios onde não ardera.

Para seu espanto, viu uma lata de *spray* cravada numa parede, como se tivesse sido disparada de um canhão. Nada restava das cores alegres, nem das garrafas com cera das velas a escorrer dos lados, nem dos lindos quadros na parede desenhados pela mão da sua mãe.

— Vejo aqui fantasmas, Catarina. Bons fantasmas. O fogo não os afugenta. Gibson? — quando se voltou, o pai passava pela abertura na barricada. — Tens seguro?

— Sim. Já cá vieram ver. Não vai haver problema.

— Queres usar o dinheiro do seguro para reconstruir?

— Essa dúvida nem se põe. Devemos poder entrar e começar já amanhã.

— Como é que queres começar?

O tio Sal começou a falar — porque ele tinha sempre uma opinião —, mas o vovô ergueu um dedo. Era o único que conseguia fazer o tio Sal engolir as palavras, de acordo com a mãe de Reena.

— O Sirico's é do Gibson e da Bianca. Eles é que têm de decidir o que vão fazer e como. O que é que a família pode fazer para ajudar?

— Eu e a Bianca somos donos do Sirico's, mas o senhor é a raiz de onde ele cresceu. Eu gostaria de ouvir o seu conselho.

O vovô sorriu. Reena viu a maneira como o sorriso se movia pelo seu rosto, erguendo-lhe o espesso bigode branco e afastando a tristeza dos seus olhos.

— És o meu genro preferido.

E com esta velha piada de família, ele voltou a descer para o passeio.

— Vamos voltar para casa e conversar.

Enquanto regressavam, outro desfile, Reena viu moverem-se as cortinas na casa de Pastorelli.

* * *

«Conversar» era uma descrição livre de qualquer evento que reunisse o grosso da família num único sítio. Eram necessárias doses maciças de comida, as crianças mais velhas ficavam responsáveis pelas mais novas, o que resultava em brigas ou guerras abertas. O comportamento era recebido com sobranceiras franzidas ou gargalhadas, de acordo com a disposição geral do momento.

A casa enchia-se com o aroma do alho e do manjeriço que Bianca cortava no seu jardim de ervas. E de barulho.

Quando o vovô pediu a Reena para ir para a sala de jantar com os adultos, ela sentiu borboletas baterem as asas dentro do estômago.

A mesa fora aberta completamente, mas mesmo assim não havia espaço para todos. A maior parte das crianças estava lá fora a usar a mesa desdobrável ou mantas no chão, enquanto algumas das mulheres tomavam conta do rebanho. Mas Reena estava na sala com todos os homens, a sua mãe e a tia Mag, que era advogada e muito esperta.

O vovô serviu esparguete de uma das enormes tigelas para o prato de Reena.

— Então, este rapaz, este Joey Pastorelli, bateu-te.

— Bateu-me na barriga e atirou-me ao chão e bateu-me outra vez.

O vovô respirava com força pelo nariz — e tinha um enorme nariz, por isso o som fazia-a lembrar aquele que um touro faz antes de investir.

— Vivemos numa época em que homens e as mulheres devem ser iguais, mas nunca está correto um homem bater numa mulher, ou um rapaz bater numa rapariga. Mas... fizeste alguma coisa, disseste alguma coisa, a este rapaz para ele pensar que tinha de te bater?

— Eu nem me chego ao pé dele, porque ele está sempre a armar zangatas na escola e aqui no bairro. Uma vez levou um canivete e disse que ia esfaquear o Johnnie O'Hara porque ele é um estúpido de um irlandês, e a Irmã tirou-lho e mandou-o para a Madre Superiora. Ele... às vezes, ele olha para mim de uma maneira que me faz doer a barriga.

— No dia em que te bateu, o que é que estavas a fazer?

— Estava a brincar com a Gina no recreio da escola. Estávamos a jogar à bola, mas estava tanto calor. Nós queríamos gelado, por isso ela veio a correr a casa para ver se a mãe lhe dava dinheiro. Eu tinha oitenta e oito cêntimos, mas não chegava para dois. E ele apareceu e disse que eu tinha de ir com ele, que tinha uma coisa para me mostrar. Mas eu não queria, e disse-lhe que não, que estava à espera da Gina. Ele tinha a cara toda vermelha, como se tivesse estado a correr, e ficou muito zangado, e agarrou-me o braço e puxou-me. Por isso, eu afastei-o e disse-lhe que não ia com ele. E ele bateu-me na barriga. Chamou-me um nome que significa...

Calou-se, olhou para os pais com um ar acanhado.

— Eu fui ver no dicionário.
— Claro — murmurou Bianca, depois acenou com uma mão no ar.
— Ele chamou-lhe putinha. É uma palavra feia, Catarina. Nunca mais a quero ouvir nesta casa.

— Não, mamã.

— O teu irmão foi ajudar-te — continuou o vovô. — Porque é teu irmão e porque é correto ajudar quem está com problemas. Depois, o teu pai fez o que é correto e foi falar com o pai do rapaz. Mas o homem não era um homem, não fez o que era correto. Quis atacar a tua família de uma maneira cobarde, magoar-nos a todos. A culpa é tua?

— Não, vovô. Mas foi por culpa minha que fiquei demasiado assustada para me defender. Na próxima, não hei de ficar.

Ele deu uma pequena gargalhada.

— Aprende a correr — disse ele. — E, se não conseguires correr, então, luta. Agora — recostou-se na sua cadeira e ergueu o garfo. — O meu conselho é este. Salvatore, o teu cunhado tem uma empresa de construção. Quando soubermos o que é necessário, podes tratar disto por nós, com desconto. Gio, o primo da tua mulher é canalizador, não é?

— Já falei com ele. Tudo o que precisarem, Bianca, Gib.

— Mags, podes falar com a companhia de seguros, ver o que podemos fazer para se despacharem a mandar o cheque?

— Claro que sim. Gostava de ver a apólice, para ver se há alguma coisa que talvez fosse bom mudar ou ajustar para o futuro. Depois, há a questão da ação criminal contra este... — ela ergueu as sobrancelhas ao olhar para Reena. — Esta pessoa. Se for a julgamento, o mais provável é que Reena seja chamada a testemunhar. Não me parece que vá — continuou. — Já pedi algumas informações. Tipicamente, os casos de fogo posto são muito difíceis de provar, mas eles parecem ter este completamente apanhado.

Ela ia enrolando a massa no seu garfo enquanto falava, e comia economicamente.

— Os investigadores foram bastante cuidadosos e o incendiário foi muito estúpido. O procurador julga que ele vai aceitar o acordo para evitar a possibilidade de ser julgado por tentativa de homicídio. Eles têm as provas todas, incluindo o facto de já anteriormente ele foi interrogado duas vezes por outros incêndios.

Mag enrolou mais massa enquanto as vozes irromperam em volta da mesa.

— Ele foi despedido do emprego como mecânico no princípio do verão — continuou ela. — Houve uma suspeita de fogo posto na garagem, umas noites depois disso. Os danos foram mínimos porque outro empregado se lembrou de usar a dita garagem para uma voltinha com a namorada.

Falaram com as pessoas, incluindo com o Pastorelli, mas não conseguiram determinar que tinha sido fogo posto. Há uns anos, ele teve uma discussão com o irmão da mulher em Washington. O irmão era gerente de uma loja de componentes elétricos. Alguém atirou um *cocktail* Molotov pela janela. Uma...

Lançou outro olhar a Reena.

— Uma senhora da noite viu uma carrinha a arrancar a toda a velocidade, até conseguiu tirar uma parte da matrícula. Mas a mulher do Pastorelli jurou que ele tinha passado a noite em casa, e aceitaram a palavra dela contra a da outra mulher.

Mag pegou no seu copo de vinho.

— Vão usar isto como padrão para o entalarem.

— Se o inspetor Minger e os nossos detetives da brigada de incêndios tivessem sido chamados, tinham-no apanhado logo.

Mag sorriu para Reena.

— Talvez. Mas apanharam-no agora.

— Lorenzo?

— Podem contar com os meus braços — disse ele. — E tenho um amigo no negócio dos soalhos. Posso arranjar-vos um bom preço na substituição.

— Eu tenho camiões basculantes e força braçal à vossa disposição — acrescentou Paul. — E o cunhado de um amigo meu vende material de restaurante. Arranjo-vos um bom desconto.

— Com tudo isto e mais a ajuda dos vizinhos, eu, a Bianca e os miúdos podemos pegar no dinheiro e ir fazer umas férias no Havai.

O pai dela estava a brincar, mas tinha a voz a tremer, por isso Reena percebeu que ele estava comovido.

* * *

Quando os restos tinham sido repartidos ou guardados e a cozinha arrumada, quando o último dos tios, tias e primos tinha saído pela porta, Gib foi buscar uma cerveja e levou-a para os degraus da porta da frente. Precisava de pensar, e preferia pensar com uma cerveja fresca.

A família chegara-se à frente, e ele não esperara menos do que isso. Dos seus pais ouvira um «Bem, isso é terrível!». E não esperara mais do que isso.

As coisas eram assim.

Mas ele estava agora a pensar que, durante dois anos, vivera no mesmo quarteirão com um homem que provocava incêndios para resolver os seus problemas pessoais. Um homem que podia ter escolhido pegar fogo à sua casa, em vez do seu restaurante.

Um homem cujo filho de doze anos tinha atacado — Cristo, quisera violá-la? — a sua filha mais nova.

Isso deixava-o nauseado, e ele pensou que confiava demasiado, que estava demasiado pronto para acreditar nos outros. Era demasiado mole.

Ele tinha mulher e quatro filhos para defender e, naquele momento, sentia-se completamente desadequado.

Deu um gole na garrafa de *Peroni* quando John Minger estacionou junto ao passeio.

Minger vinha de calças de caqui e uma *T-shirt* que parecia mais velha do que o pó. Aproximou-se.

— Gib.

— John.

— Tem um minuto?

— Tenho vários. Quer uma cerveja?

— Não digo que não.

— Sente-se — Gib deu uma palmadinha no degrau ao seu lado, depois levantou-se e entrou na casa. Regressou com o resto do *pack* de cervejas.

— Bela tarde — John levou a cerveja à boca. — Mais fresca.

— Sim. Eu diria que está só a aproximar-se do quinto nível do inferno, em vez de ir direto ao centro.

— Dia difícil?

— Não. Não, não é isso — recostou-se para trás, pousando um cotovelo no degrau acima. — A família da minha mulher veio cá hoje. Foi difícil ver a mãe e o pai dela a olharem para aquilo — apontou com o queixo para o Sirico's. — Mas eles estão a aguentar. Mais do que isso. Estão prontos para arregaçar as mangas e começar a trabalhar. Vou ter tanta ajuda que acho que me posso sentar aqui sem mexer um dedo e pôr o negócio a andar dentro de um mês.

— E está a sentir-se um fracasso. É isso que ele quer.

— O Pastorelli? — Gib ergueu a sua garrafa num brinde. — Missão cumprida. O miúdo dele vem atrás da minha, põe as mãos em cima da minha, e eu estou a pensar nisso agora, a ver a coisa, a ver realmente a coisa, e pensei, Jesus Cristo, eu acho que ele ia tentar violar a minha menina.

— Mas não violou. Ela só tem uns arranhões e umas nódoas negras, e não ganha nada em estar a pensar no que podia ter acontecido.

— Nós temos de os manter em segurança. É o nosso trabalho. A minha mais velha saiu com um rapaz. É um bom miúdo, e não é nada sério. E eu estou aterrorizado.

John bebeu um longo gole de cerveja.

— Gib, uma das coisas que um homem como o Pastorelli quer é o seu medo. Isso faz com que se sinta importante.

— Eu nunca o vou esquecer, pois não? Isso torna-o bastante importante, foda-se. Desculpe. Desculpe — Gib endireitou-se, passou uma mão pelo cabelo. — Estou a sentir pena de mim mesmo, é só isso. Tenho uma família inteira pronta a ajudar-me... eles são mais do que eu consigo contar. Tenho a vizinhança a postos. Só preciso de esquecer, mesmo.

— E vai conseguir. Talvez isto o ajude. Eu vim para lhe dizer que já tem autorização para entrar e começar a arranjar as coisas. Fazendo isso, já está vingando-se dele.

— Vai ser bom, poder fazer alguma coisa.

— Ele vai-se embora daqui, Gib. Vou-lhe dizer uma coisa: apenas uma fração dos casos de fogo posto acabam com uma detenção, e nós apanhámo-lo. O filho da mãe tinha enfiado no barracão os sapatos e as roupas a feder a gasolina, gasolina comprado a um miúdo no Sunoco que o conhecia. Tinha embrulhado nas roupas um pé de cabra que julgamos ter sido para entrar. Foi suficientemente estúpido para se servir de uma cerveja do seu frigorífico antes de pegar fogo ao local. Bebeu-a ainda ali. Temos as impressões digitais na garrafa.

Ergueu a *Peroni*, inclinou a garrafa para um lado para filtrar a luz do Sol com o vidro.

— As pessoas pensam que o fogo leva tudo, mas por vezes ficam coisas inesperadas. Como uma garrafa de *Bud*. Ele arromba a caixa registadora, leva-lhe os trocos. Havia um envelope com notas para o banco, e encontrámo-lo com ele. Temos as impressões digitais no interior da caixa, no frigorífico na cozinha. Há o suficiente para o seu defensor público aceitar o acordo.

— Não vai haver julgamento?

— Só a audição da sentença. Eu quero que fique contente com isto, Gib. Quero que se sinta bem. Muitas pessoas vêm o fogo posto como um crime contra a propriedade. Só um crime contra um edifício, mas não é assim. O Gib sabe que não é. É um crime contra as pessoas que perderam as suas casas, ou os seus negócios, que vêm o seu trabalho árduo e as suas memórias a arder. O que ele lhe fez a si e à sua família foi maldoso e foi pessoal. Agora vai pagar.

— Pois.

— A mulher não conseguiu juntar dinheiro para a fiança, nem para um advogado. Ela bem tentou. Tem-se falado é do miúdo. Na última vez que os polícias aqui estiveram, atirou-lhes com uma cadeira. A mãe suplicou-lhes que não o levassem, por isso eles esqueceram o assunto. É melhor manter-se de olho nele.

— Vou fazer isso, mas não me parece que eles fiquem por aqui. A casa é alugada e estão atrasados nos pagamentos, três meses — Gib encolheu os ombros. — Também se tem falado sobre isso no bairro. Talvez isto tenha sido para mim uma chamada de atenção, para dar valor àquilo que tenho.

— Tem a mulher mais bonita que já vi na minha vida. Não me leve a mal.

— É difícil levar — Gib abriu outra cerveja, inclinou-se para trás novamente. — Na primeira vez que a vi, foi tiro e queda. Entrei com uns amigos. Estávamos a pensar ir ao The Block a seguir, talvez engatar umas miúdas, ou ir a um bar. E ali estava ela. Foi como se alguém me tivesse enfiado a mão no peito, agarrado o meu coração e apertado com toda a força. Ela estava de calças de ganga à boca-de-sino e uma blusa branca daquelas... acho que lhes chamam estilo *country*. Se alguém me tivesse perguntado antes se acreditava no amor à primeira vista, eu diria que claro que não. Mas foi o que aconteceu. Ela voltou a cabeça, e olhou para mim, e *bang!* Vi o resto da minha vida nos olhos dela.

Ele riu um pouco, pareceu descontrair-se.

— E ainda vejo, isso é o mais extraordinário. Já vai para vinte anos, e ainda vejo o mesmo, quando olho para ela.

— É um homem cheio de sorte.

— Pode ter a certeza. Eu teria dado tudo, tudo, para ficar com ela. Em vez disso, ganhei esta vida, esta família. Tem filhos, John?

— Tenho. Um filho e duas filhas. Um neto e uma neta, também.

— Netos? A sério?

— As luzes da minha vida. Não fiz tudo o que devia quando os meus filhos eram pequenos. Eu tinha dezanove anos quando apareceu o primeiro. Engravidei a minha rapariga, casámos. A segunda veio dois anos depois e a terceira três anos mais tarde. Eu andava a apagar incêndios, na altura. Não os pus em primeiro lugar, e isso foi culpa minha. Então, divorciámo-nos. Há quase dez anos.

— Lamento.

— O mais engraçado é que, depois disso, começámos a dar-nos melhor. Ficámos mais próximos. Talvez o divórcio tenha queimado as coisas más e dado espaço para algumas boas. E é assim — bebeu mais um pouco da sua garrafa. — Sou um homem livre, se a sua mulher tiver uma irmã mais velha disponível.

— Só irmãos, mas tem uma legião de primas.

Ficaram um momento num silêncio amigável.

— Isto é um bom sítio — John bebeu e fumou e estudou a rua. — Um bom sítio, Gib. Se precisar de mais um par de mãos para reconstruir a pizzeria, tem as minhas à disposição.

— Obrigado.

No andar de cima, Reena estava deitada a ouvir as vozes que lhe chegavam pela janela aberta à medida que o céu se suavizava com o crepúsculo de verão.

* * *

Já estava escuro quando foi acordada pelos gritos. Saltou rapidamente da cama com a ideia de ser perseguida por fogo. Ele voltara. Ele voltara para lhes queimar a casa.

Não era fogo, e fora Fran quem gritara. Fran, que estava agora no passeio com o rosto enterrado contra o ombro do rapaz que a levava ao cinema.

A televisão estava acesa na sala de estar, com o som no mínimo. Os seus pais estavam já à porta. Quando ela passou por eles e saiu para a rua, viu por que razão Fran tinha gritado e porque os seus pais estavam com aquela postura rígida à porta de casa.

O cão estava a arder, com o pelo a fumegar, tal como o lago de sangue que saíra da sua garganta. Mas ela reconheceu o cão de ladrar duro a que Joey Pastorelli chamava *Fabio*.

* * *

Ela viu a polícia levar Joey Pastorelli, como tinha levado o pai. Mas Joey não ia de cabeça baixa, e os seus olhos estavam cheios de uma alegria perversa.

Era uma das últimas coisas que ela recordava com absoluta clareza daquelas longas e quentes semanas de agosto, quando o verão estava a terminar e a sua infância terminara.

Recordava a alegria nos olhos de Joey, o seu andar arrogante enquanto era levado para o carro da polícia. E lembrava-se das mãos dele, manchadas de sangue, o sangue do seu próprio cão.

4.

Universidade de Maryland, 1992

A pieguice pegajosa e cor-de-rosa do *Emotions* de Mariah Carey filtrava-se pela parede do quarto ao lado. Era uma corrente interminável, como lava espumosa. Inescapável e cada vez mais aterradora.

Reena não se importava de ouvir música enquanto estudava. Não

se importava de ouvir festas, discussões ou o trovão do dia do julgamento final.

Mas se a sua colega de dormitório voltasse a tocar aquela faixa, nem que fosse mais uma vez, ela ia lá e espetava-lhe com um lápis pelo olho. Depois disso, havia de obrigá-la a comer aquele maldito CD, com caixa e tudo.

Estava a meio da época de exames, pelo amor de Deus. E a quantidade de coisas que tinha para estudar naquele semestre era de morrer.

Mas valia a pena, lembrou-se a si mesma. Ia valer a pena.

Afastou-se do computador e esfregou os olhos. Talvez precisasse de um pequeno intervalo. Ou de tampões para os ouvidos.

Levantou-se, ignorou a desarrumação de duas estudantes universitárias a partilharem um pequeno quarto e abriu o pequeno frigorífico para tirar uma *Diet Pepsi*. Encontrou um pacote aberto de leite magro, quatro *Slim-Fasts*, uma *Diet Sprite* e um saco de cenouras.

Aquilo estava mal. Porque é que toda a gente roubava as suas coisas? Claro, quem é que iria gamar a comida de «eterna-dieta» da Gina?

Sentou-se no chão, com a voz da Mariah a nadar no seu cérebro sobrecarregado como sereias malignas, e olhou as pilhas de livros e apontamentos na sua secretária.

Porque teria ela pensado que conseguia fazer aquilo? Porque teria pensado que *queria* fazer aquilo? Podia ter seguido as pisadas de Fran, continuando o negócio da família.

Podia estar em casa, naquele momento. Ou a sair com algum rapaz, como uma pessoa normal. Em tempos, a sua ambição na vida fora tornar-se adolescente. Agora estava quase na outra ponta dessa era, e estava sentada num dormitório apinhado, sem *Diet Pepsi*, enterrada sob trabalho como uma insana masoquista.

Tinha dezoito anos e nunca tivera sexo. Mal tivera qualquer coisa que pudesse passar por um namorado.

Bella ia casar no mês seguinte, Fran tinha praticamente de escorraçar os rapazes com um pau e Xander ia abrindo alegremente caminho por entre aquilo a que a sua mãe chamava o seu bando de beldades.

E ela estava sozinha num sábado à noite porque andava tão obcecada com os seus exames como a sua colega de dormitório andava obcecada com a Mariah Carey.

Oh, não, agora era a Celine Dion, percebeu ela.

Podem matar-me já.

A culpa era dela. Fora ela que se matara a estudar na escola secundária e passara mais fins de semana a trabalhar do que a divertir-se. Porque ela sabia o que queria. Sabia o que queria desde aquela longa semana de agosto.

Ela queria o fogo.

Por isso estudara, concentrada em mais do que aprender. Concentrada nas bolsas de estudo. Trabalhara, guardando o dinheiro como um esquilo guarda as nozes, para o caso de não ganhar bolsas.

Mas ganhara-as, por isso ali estava ela, na universidade de Maryland, a partilhar um quarto com a sua velha amiga e já a pensar nos cursos de pós-graduação à sua frente.

Quando o semestre terminasse, voltaria para casa, trabalharia na loja e passaria a maior parte do tempo livre no quartel dos bombeiros. Ou a tentar convencer John Minger a deixá-la acompanhá-los nas saídas.

Claro, havia o casamento de Bella. Falara-se de pouco mais além do casamento de Bella, nos últimos nove meses. O que, pensando bem, era uma boa razão para se estar ali, sozinha no seu quarto num sábado à noite.

Podia ser pior. Podia estar na Central do Casamento.

Se alguma vez se casasse — o que significava que precisaria primeiro de um namorado a sério, *oficial* — ia ser uma coisa bem simples. A Bella que ficasse com as intermináveis provas do vestido elaborado — embora fosse lindo — e os intermináveis e tantas vezes chorosos debates por causa dos sapatos e do penteado e das flores. Os planos — que eram mais como uma grande campanha de guerra — para a enorme recepção.

Ela preferia ter um simpático casamento familiar em St. Leo e depois uma festa no Siricó's.

O mais provável era acabar por se tornar a perpétua dama de honor. Raios, ela já era uma perita nesse campo.

E, pelo amor de Deus, quantas vezes *mais* conseguiria Lydia ouvir o tema da *Bela e o Monstro* sem entrar em coma?

Com uma súbita inspiração, Reena levantou-se de um pulo, abriu caminho por entre a confusão até alcançar o seu leitor portátil e revirou as massas de caixas de CD.

Com um sorriso feroz, escolheu Nirvana e pôs *Smells Like Teen Spirit* a tocar no volume máximo.

Quando a guerra entre diva e *grunge* estava no seu auge, o telefone tocou.

Ela não baixou a música — era agora uma questão de princípios — e limitou-se a gritar para o telefone.

Um terceiro ataque de música assaltou-lhe o ouvido quando Gina lhe gritou em resposta:

— Festa!

— Eu disse-te que tenho de estudar.

— Festa! Anda lá, Reena, isto está a começar a aquecer. Tens de te divertir.

— Não tens exame de literatura na segunda?

— Festa!

Teve de se rir. Gina conseguia sempre fazê-la rir. A fase religiosa por que passara durante o verão do incêndio metamorfoseara-se numa fase poética, depois numa fase de *rock*, depois numa fase de diva da moda.

Agora era apenas festa, o tempo todo.

— Vais chumbar — avisou Reena.

— Vou deixar tudo nas mãos de um poder superior e reavivar o meu cérebro com vinho barato. Anda lá, Reena, o Josh está cá. Está a perguntar por ti.

— Está?

— E com um ar todo triste. Sabes que vais ter boas notas nessa merda toda, de qualquer maneira. É melhor vires salvar-me antes que eu deixe um tipo qualquer aproveitar-se da minha bêbada pessoa. Ei, pensando melhor...

— Na casa da Jen e da Deb, certo?

— Festa!

— Vinte minutos — disse Reena, a rir-se, e desligou.

Levou quase todo esse tempo para trocar as velhas calças de fato de treino por umas calças de ganga, decidir-se por um *top* e fazer qualquer coisa com o cabelo, que era agora uma explosão de caracóis que lhe desciam até às omoplatas.

Manteve a música em altos berros enquanto se vestia e punha um pouco de pó de arroz para disfarçar a palidez do marranço-para-os-exames.

Devia era estudar, devia era deitar-se cedo e dormir bem. Não devia sair. Aplicou o rímel enquanto se pregava um sermão.

Mas estava tão cansada de ser a única que se portava sempre bem. Podia sair por uma hora, divertir-se um pouco e impedir que a Gina se metesse em demasiados sarilhos.

E ver o Josh Bolton.

Ele era tão giro, com o cabelo dourado, uns maravilhosos olhos azuis, o sorriso doce e tímido. Tinha vinte anos e estudava literatura. Ia ser escritor.

E estava a perguntar por ela.

Ia ser aquele. Ela tinha noventa e nove por cento de certeza. Ele ia ser o primeiro.

Talvez nessa noite. Pousou o rímel e olhou-se ao espelho. Talvez, nessa noite, ficasse finalmente a saber como era. Pressionou a barriga com a mão quando a sentiu agitar-se de expectativa e nervos. Aquela podia ser a última vez que se via ao espelho como uma virgem.

Sentia-se pronta, e queria que fosse com alguém como Josh. Uma pessoa sonhadora, e doce, e com alguma experiência, para não haver demasiada falta de jeito no processo.

Ela odiava não saber o que fazer. Estudara os aspetos básicos, claro. A anatomia, a física da coisa. E absorvera o romantismo do ato em livros e filmes. Mas a efetiva ação de ficar nua e encaixar o seu corpo noutra corpo seria uma absoluta estreia.

Não era coisa que se pudesse praticar, ou fazer um diagrama, ou experimentar até se dominarem todos os aspetos técnicos.

Por isso, ela queria um parceiro compreensivo e paciente que a guiasse nos aspetos mais complicados até ela encontrar o seu próprio caminho.

Não importava muito que ela não o amasse. Gostava bastante dele, e não andava em busca do casamento, como Bella.

Pelo menos, por enquanto.

Só queria saber, queria sentir, ver como funcionava. E, talvez fosse uma estupidez, mas ela queria livrar-se daquele último vestígio da infância. Ter tudo aquilo ao fundo da sua mente era provavelmente a razão por que andava inquieta e distraída, nos últimos tempos.

E, claro, estava outra vez a pensar demasiado.

Agarrou na sua carteira, desligou a música e saiu a correr do dormitório.

Estava uma linda noite, quente e estrelada. Era ridículo desperdiçá-la enterrada em apontamentos de química, disse-se a si mesma enquanto caminhava para o parque de estacionamento. Ergueu o rosto para o céu, mas sentiu um arpejo na espinha. Olhou por cima do ombro, analisou a relva, os caminhos, as luzes da rua.

Não estava ninguém a observá-la, pelo amor de Deus. Deu-se uma pequena reprimenda, mas acelerou o passo. Era apenas culpa, mais nada. Podia viver com um pouco de culpa.

Saltou para o seu *Dodge Shadow* em segunda mão e, cedendo à paranoia, trancou as portas antes de o ligar.

A casa ficava a cinco minutos de carro do *campus*, um velho edifício de tijolo de três andares que estava iluminado como o Natal. Os convivas transbordavam até ao relvado, e a música transbordava para a rua.

Detetou o cheiro doce de um charro e ouviu fragmentos de acesos debates sobre o brilhantismo de Emily Dickinson e a atual administração e discussões mais confortáveis sobre a defesa dos Orioles.

Teve de se espremer entre a multidão. Quando conseguiu entrar, evitou por pouco apanhar com o conteúdo de uma bebida alcoólica qualquer em cima da camisola e sentiu algum alívio por conhecer algumas das pessoas amontoadas na sala.

Gina viu-a e esgueirou-se por entre os corpos para a agarrar pelos ombros.

— Reene! Chegaste! Tenho grandes novidades!

— Não me digas mais nada enquanto não comeres uma caixa inteira de *Tic Tacs*.

— Oh, merda — Gina enfiou a mão nos bolsos tão apertados que deviam estar a causar lesões internas. O *Slim-Fast* não conseguira desbastar os seis quilos que ela engordara no seu primeiro semestre.

Encontrou a pequena caixa de plástico com que sempre andava e despejou vários *Tic Tacs* cor de laranja na boca.

— Já bebi um bocado — disse ela, enquanto mastigava.

— Quem diria? Olha, podes deixar o teu carro aqui e vens comigo para casa. Eu fico sem beber e sou a condutora.

— Está tudo bem, daqui a pouco vou vomitar. Depois, fico logo melhor. Seja como for: novidades! — puxou Reena por uma cozinha igualmente apinhada e fê-la sair pela porta das traseiras.

Havia mais pessoas no jardim. Teria todo o *campus* decidido borri-far-se nos exames?

— O Scott Delauter vai reprovar — anunciou Gina, e fez uma pequena dança com o traseiro para acompanhar a sua declaração.

— Quem é o Scott Delauter e porque é que danças com a sua infelicidade?

— É um dos inquilinos. Já o conheceste. Um tipo baixinho, de dentes grandes. E estou a dançar porque a sua infelicidade é o nosso *jackpot*. Vão ficar com menos uma pessoa no próximo semestre e mais um do grupo acaba o curso em dezembro. A Jen diz que podem meter-nos cá já no próximo período, se ficarmos no mesmo quarto. Reena, podemos sair da espelunca.

— Vir para aqui? Gina, desce à terra. Não temos dinheiro para isto.

— Estamos a falar de dividir a renda e as tralhas. Não é muito mais, Reena — Gina juntou as mãos num gesto de súplica, com os olhos escuros toldados de excitação e vinho barato, a voz reverente. — Há três casas de banho. Três casas de banho para quatro pessoas. Não uma para seis.

— Três casas de banho — Reena falou como numa oração.

— É a salvação. Quando a Jen me disse, eu tive uma visão. Uma visão, Reena. Acho que vi a Virgem Maria a sorrir. E tinha uma esponja de banho na mão.

— Três casas de banho — repetiu Reena. — Não, não, não posso ser arrastada para o lado negro da força. Quanto é a renda?

— É... quando pensares que é a dividir, e que não vais precisar de gastar dinheiro a comprar comida no *campus* porque podemos cozinhar aqui, é praticamente de graça.

— Isso tudo, hein?

— Vamos as duas trabalhar durante o verão. Podemos poupar. Por favor, por favor, por favor, Reena. Eles têm de saber rapidamente. Olha, olha, vamos ter um jardim — ela abriu os braços. — Podemos plantar flores. Que diabo, podemos cultivar os nossos próprios legumes e montar uma banca. Podemos até *ganhar* dinheiro a viver aqui.

— Diz-me quanto é, Gina.

— Deixa-me primeiro ir buscar uma bebida para ti...

— Diz-me já — exigiu Reena. E pestanejou quando Gina proferiu a renda mensal.

— Mas tens de pensar...

— Chh, deixa-me pensar — Reena fechou os olhos, fez as contas. Seria apertado, decidiu. Mas, se fizessem as próprias refeições, cortassem algum dinheiro que gastavam em idas ao cinema, CD, roupas. Ela podia desistir de roupas novas pela maravilha de três casas de banho.

— Eu alinho.

Gina soltou um grito, agarrou Reena num abraço e pôs as duas a dançar na relva.

— Vai ser o máximo! Mal posso esperar. Vamos buscar vinho e beber ao fracasso académico do Scott Delauter.

— Parece-me mauzinho, mas estranhamente apropriado — deu meia volta com Gina e depois estacou. — Josh. Olá.

Josh fechou a porta atrás dele e fez-lhe aquele sorriso lento e tímido que a fazia encaracolar os dedos dos pés.

— Olá. Disseram-me que estavas aqui.

— Sim. Pensei em fazer uma pausa no estudo. O meu cérebro estava a começar a escapar-se pelas orelhas.

— Tens amanhã para o arranque final.

— Foi o que eu lhe disse — Gina sorria amplamente para os dois. — Ouçam, podem instalar-se por aí. Eu agora vou lá dentro vomitar, naquela que será, dentro de pouco tempo, uma das minhas casas de banho — deu um último abraço embriagado a Reena. — Estou tão feliz.

Josh viu a porta fechar-se com força atrás de Gina.

— Posso perguntar porque é que a Gina está tão feliz por ir vomitar?

— Está feliz porque nos vamos mudar para aqui, no próximo semestre.

— A sério? Isso é ótimo — aproximou-se um pouco e, ainda com as mãos nos bolsos, baixou a cabeça para a beijar. — Parabéns.

Os nervos ferveram sobre a sua pele, uma sensação que achou fascinante e maravilhosamente adulta.

— Pensei que ia gostar de viver no dormitório. A aventura. Eu e a

Gina. Mas algumas das outras no nosso andar deixam-me maluca. Uma está a tentar destruir o meu cérebro com Mariah Carey vinte e quatro horas por dia.

— Insidioso.

— Acho que estava a começar a funcionar.

— Estás linda. Ainda bem que vieste. Eu estava de saída quando ouvi dizer que aqui estavas.

— Oh — o prazer esfumou-se. — Vais-te embora.

Ele sorriu novamente e tirou uma mão do bolso para pegar na dela.

— Agora, já não vou.

* * *

Bo Goodnight não sabia muito bem o que estava a fazer numa casa estranha, com um bando de miúdos da faculdade que ele não conhecia. Ainda assim, uma festa era sempre uma festa e ele deixara Brad arrastá-lo para aquela.

A música não era má e havia montes de miúdas. Altas, baixas, roliças, magrinhas. Era como um *buffet* de mulheres.

Incluindo aquela por quem Brad estava atualmente louco e a razão por que ali estavam.

Ela era amiga de uma amiga de uma das raparigas que viviam naquela casa. E Bo até gostava bastante dela — de facto, podia até ter tentado alguma coisa, se Brad não a tivesse visto primeiro.

As regras da amizade ditavam que ele tinha de se aguentar.

Pelo menos, fora Brad quem perdera na moeda ao ar e fora designado como condutor de serviço. Talvez nenhum deles devesse beber, uma vez que ainda não tinham idade legal para isso. Mas uma festa era uma festa, pensou Bo novamente enquanto bebia a sua cerveja.

Além disso, ele já trabalhava, pagava a própria renda, cozinhava as próprias refeições — boas ou más. Era bem mais adulto do que muitos daqueles universitários ali.

Considerando as suas opções, observou a sala. Era um rapaz alto e magro, com vinte anos, cabelo preto ondulado e olhos que eram verdes e um pouco sonhadores. O seu rosto era algo para o estreito, como o corpo, mas ele julgava ter conseguido uns bíceps razoáveis a usar o martelo e a carregar madeira.

Sentia-se um pouco deslocado com os pedaços de conversa que ia percebendo — queixas a respeito dos exames, comentários sobre ciência política e estudos femininos. A universidade não fora para ele. Nunca se sentira mais feliz do que no seu último dia na escola secundária. Trabalhara

todos os verões até esse momento. Primeiro, como aprendiz e agora, aos vinte anos, como carpinteiro, com um salário decente.

Adorava fazer coisas com a madeira, e era bom nisso. Talvez fosse bom porque o adorava. A sua educação era o trabalho, com o cheiro a serradura e a suor.

Era assim que ele gostava.

E era ele que construía o seu próprio caminho. Não tinha o papá a pagar-lhe as contas, como a maioria das pessoas naquela sala.

A ponta de ressentimento surpreendeu-o, embarçou-o, até, um pouco. Pô-la de lado e fez uma tentativa deliberada para descontrair os ombros. E, com um longo olhar em volta da sala, concentrou-se em duas raparigas sentadas num sofá a conversar.

A ruiva parecia bastante promissora e, se corresse mal, a morena era uma forte segunda escolha.

Deu um passo na direção delas e foi bloqueado por Brad.

— Sai da minha frente, vou alegrar um par de corações femininos.

— Eu disse-te que te ias divertir. Olha, eu vou-me divertir ainda mais. Vou-me embora com a Cammie, vamos para a casa dela. E creio não ser presunçoso da minha parte dizer: Cama!

Bo olhou para o amigo, notou o brilho de prestes-a-dar-uma-queca atrás das lentes dos óculos de Brad.

— Estás a abandonar-me numa casa cheia de pessoas desconhecidas para ires despir uma miúda?

— Definitivamente.

— Bem, parece-me razoável. Mas, se ela te der um pontapé no cu, não me telefones. Vai para casa a pé.

— Não há problema. Ela foi só buscar a mala e...

— Espera — a mão de Bo fechou-se com força em volta do braço de Brad quando ele viu a loura, um relance da loura, no meio da multidão. Uma sensual confusão de caracóis selvagens da cor de bom carvalho. Estava a sorrir, e a sua pele, que parecia de porcelana, era rosada ao longo da curva alta das maçãs do seu rosto.

Viu a forma dos seus lábios e o pequeno sinal por cima. Foi como se o seu sentido da visão se tivesse tornado mais agudo, ganho poderes de telescópio, e ele conseguia ver todos os pormenores dela por entre o fumo, a multidão de rostos. Olhos grandes que lhe pareceram exatamente da mesma cor que o seu cabelo, um nariz longo e fino. E aquela voluptuosa curva dos lábios. Argolas douradas nas orelhas. Duas na esquerda, uma na direita.

Ela era alta — talvez estivesse de saltos altos, não lhe conseguia ver os pés. Mas via a corrente em volta do seu pescoço, com uma espécie de pedra, ou cristal, o contorno dos seus seios contra um *top* rosa escuro.

Por um instante, talvez dois, a música parou para ele. A sala pareceu em silêncio.

Depois, alguém colocou-se na sua linha de visão e tudo regressou em força.

— Quem é aquela rapariga?

— Qual rapariga? — Brad olhou distraidamente por cima do ombro, depois encolheu os ombros. — Isto está cheio delas. Ei, é verdade, da próxima vez que fores fazer uns trabalhos por fora, leva-me.

— O quê? — ainda atordoado, Bo olhou para baixo. Mal se conseguia lembrar do nome do amigo. — Tenho de... toma — enfiou a cerveja na mão de Brad e começou a abrir caminho por entre a multidão.

Quando chegou finalmente ao sítio onde a tinha visto, não havia sinal da rapariga. Uma espécie de pânico cresceu na sua garganta enquanto procurava na cozinha, numa sala de jantar onde havia pessoas sentadas em cima e debaixo da mesa.

— Entrou aqui uma rapariga? Uma loura alta, cabelo encaracolado, camisola cor-de-rosa.

— Foste o único a entrar nos últimos tempos — uma rapariga de cabelos curtos e escuros lançou-lhe um sorriso malicioso. — Mas eu posso ser loura, se quiseres.

— Talvez, noutra altura.

Procurou por toda a casa, subiu ao terceiro andar, desceu outra vez, deu a volta pelo jardim da frente e das traseiras.

Encontrou louras, encontrou caracóis. Mas nunca encontrou aquela que fizera a música parar.

* * *

Ela estava a guiar com o coração na garganta. Pensou que era bom levar o seu próprio carro. Mostrava que não estava a ser arrastada, que estava a fazer uma escolha. Era ela que controlava as suas ações, as consequências.

Fazer amor pela primeira vez devia ser uma escolha. Devia ser uma escolha sempre que se fazia amor.

Ela só gostava de ter pensado nas coisas com antecipação suficiente para ter comprado uma roupa interior mais *sexy*.

Josh vivia num apartamento fora do *campus*, e o companheiro ia passar a noite fora com um grupo de estudo. Quando lhe disse isso — ele estava a beijá-la quando lhe disse isso — fora ela que dissera: «Vamos lá.»

Fora ela que dera o primeiro passo. E era ela que estava a começar uma nova fase da sua vida. Mas isso não evitava que as suas mãos tremessem ligeiramente.

Estacionou alguns lugares ao lado do dele, desligou cuidadosamente o motor, pegou na sua carteira. Ela sabia exatamente o que estava a fazer, lembrou-se a si mesma, e ilustrou-o trancando o carro, colocando as chaves no pequeno bolso interior da carteira onde as guardava sempre.

Sorriu quando lhe estendeu a mão. Atravessaram o parque de estacionamento, entraram pela porta principal do edifício no momento em que outro carro encostava. E estacionava.

— A casa está um bocado desarrumada — disse Josh, enquanto subiam as escadas para o segundo andar.

— De momento, a nossa está prestes a ser condenada pelo delegado de saúde.

Ela esperou que ele abrisse a porta e depois entrou. Ele tinha razão a respeito da desarrumação — roupas, sapatos, uma caixa de piza vazia, livros, revistas. O sofá parecia ter sido arrancado a uma lixeira e depois coberto descuidadamente com um cobertor.

— Aconchegado — comentou ela.

— Bastante nojento, na verdade. Eu devia ter-te pedido que me deses uns dez minutos antes de te deixar entrar. Podia ter enfiado as coisas nos armários.

— Não importa — ela voltou-se e deixou-se abraçar. Ele cheirava a *Irish Spring* e sabia a *Life Savers* de cereja. A mão dele acariciou-lhe o cabelo, desceu-lhe pelas costas.

— Queres música?

Ela anuiu.

— Gosto de música.

Ele passou as mãos pelos seus braços antes de se afastar e se dirigir para uma aparelhagem.

— Não me parece que haja por aqui Mariah Carey.

— Louvado seja Jesus — com uma gargalhada, ela levou uma mão ao peito, onde o coração estava acelerado. — Estou nervosa. Nunca tinha feito isto antes.

A boca dele abriu-se e fechou-se novamente, enquanto os seus olhos aumentavam de tamanho.

— Nunca...

— És o meu primeiro.

— Céus — ele ficou a olhar para ela, os olhos azuis muito sérios. — Agora, sou eu que estou nervoso. Tens a certeza de que...?

— Tenho. Tenho mesmo — ela aproximou-se, depois baixou o olhar para a pilha de CD. — Que tal este? — pegou num de Nine Inch Nails.

— *Sin*?² — ele fez-lhe aquele sorriso doce. — Isto é a rapariga católica a sair da casca?

— Talvez, um pouco. Seja como for, gosto da *cover* que eles fizeram do *Get Down, Make Love* dos Queen. E, bem, parece-me apropriado.

Ele colocou-o no leitor, voltou-se só para a olhar.

— Tenho andado apanhadinho por ti desde o princípio do semestre.

Ela sentiu um calor espalhar-se pela sua barriga.

— Só me convidaste para sair depois das férias da primavera.

— Eu quis tentar, dúzias de vezes. Engasguei-me sempre. E pensei que andavas com aquele tipo, aquele de psicologia.

— O Kent? — naquele momento, ela nem conseguia lembrar-se da cara de Kent. — Saímos algumas vezes. Costumávamos, principalmente, estudar juntos, de vez em quando. Nunca estive com ele.

— E, agora, estás comigo.

— Agora, estou contigo.

— Se mudares de ideias...

— Não vou mudar. Nunca mudo — ela levou as mãos ao rosto dele, os lábios aos seus lábios. — Eu quero fazer isto. Eu quero-te a ti.

Ele tocou-lhe no cabelo, entrelaçando os dedos por entre a massa de caracóis enquanto a beijava, longa e lentamente. Os corpos colaram-se, magnetizados pelo desejo.

O dela parecia elétrico, e vivo.

— Podemos ir para o quarto.

É isto, pensou ela. Conteve a respiração; soltou-a.

— Está bem.

Ele deu-lhe a mão. Ela queria poder lembrar-se daquilo, lembrar-se de cada pequeno pormenor. A maneira como ele cheirava a *Irish Spring* e sabia a *Life Savers* de cereja, e como o cabelo lhe caía sobre as têmporas quando baixava a cabeça.

No quarto dele, havia uma cama de casal por fazer — lençóis azuis, uma colcha cor de ganga, uma única almofada que parecia chata como uma panqueca. Havia uma grande secretária de metal, com um grande computador em cima e uma confusão de livros e disquetes e papéis. Um painel de cortiça com mais notas, fotografias, prospetos.

A gaveta de baixo da cómoda — suficientemente pequena para a fazer pensar que sobrevivera à sua infância — estava aberta e torta. Em cima, havia uma película de pó, mais livros e um grande jarro transparente cheio de trocos. Principalmente, cêntimos.

Ele acendeu a luz ao lado da cama.

² Pecado. (N. da T.)

— A não ser que prefiras tê-la desligada — disse ele.

— Não — como podia ver se estivesse escuro? — Eeh. Não tenho proteção.

— Isso está tratado. Quero dizer... — ele corou, depois riu-se. — Quero dizer, ainda não está tratado neste momento. Mas tenho preservativos.

Era mais fácil do que ela julgara. A maneira como se viraram um para o outro, para dentro um do outro. Os lábios, as mãos, a excitação que abafava os nervos.

Os beijos aprofundaram-se e a respiração de ambos foi acelerando quando se sentaram na cama. Quando se deitaram. Ela teve um momento em que desejou ter tirado os sapatos primeiro — não seria estranho, depois? —, depois houve tanto calor, e movimento.

A boca dele no seu pescoço, as mãos dele nos seus seios. Por cima da camisola, depois por baixo. Ela já chegara até ali anteriormente, mas nunca com o conhecimento de que aquilo seria apenas o princípio.

A pele dele era tão quente, tão macia, o seu corpo tão ágil que lhe provocou uma onda de ternura. Ela imaginara aquilo, a crescente excitação, a sensação da sua pele a deslizar sobre outra, os sons que o desejo a faria soltar. Suspiros, e gemidos, e *hums* de prazer.

Os olhos dele eram tão expressivos e tão azuis, o seu cabelo, tão sedoso. Ela adorava a maneira como ele a beijava, só queria que ele a beijasse para sempre.

Quando as mãos dele se moveram entre as suas pernas, ficou tensa. Fora sempre ali que ela parara no passado. Aquela privacidade que nunca permitira que fosse invadida. Depois, ele parou, aquele rapaz meigo, cujo coração batia contra o dela, e pressionou os lábios contra o lado da sua garganta.

— Não faz mal, podemos só...

Ela pegou-lhe na mão, levou-a de volta ao seu centro, pressionou.

— Sim — ela disse sim, depois fechou os olhos.

Sentiu-se percorrer por um arrepio. Oh, aquilo era novo! Aquilo era para além do que alguma vez conhecera, ou sentira, ou compreendera. O corpo era um milagre e o corpo dela estava a incendiar-se de calores e sofrimentos. Agarrou-se a ele, tentou recuperar o equilíbrio. Depois, mais uma vez, deixou-se ir.

Ele disse o nome dela, e ela sentiu-o também estremecer. Depois a boca dele estava sobre o seu seio, molhada e quente, a provocar sensações excessivas no seu ventre. Ela estendeu a mão para ele, e ele estava tão duro. Quando ele conteve a respiração e recuou um pouco, ela soltou-o, como se se tivesse queimado.

— Desculpa. Fiz alguma coisa errada?

— Não. Não — ele respirou fundo. — Eu, eeh, tenho de me preparar.

— Ah. O.K. — tudo nela estava a tremer, por isso devia estar pronta.

Josh tirou um preservativo da gaveta da mesa-de-cabeceira. O seu primeiro instinto foi desviar o olhar, mas combateu-o. Ele ia entrar nela, aquela parte dele entraria nela. Era melhor ver, conhecer, compreender.

Preparou-se, mas, quando ele ficou pronto, voltou-se para ela para a beijar de novo. Para a beijar e acariciar até os nervos dela se dissolverem novamente.

— Vai doer um bocadinho. Acho que vai doer por um minuto. Desculpa.

— Tudo bem — devia doer um bocadinho, pensou ela. Uma mudança tão grande não devia dar-se sem alguma espécie de dor. Senão não teria importância.

Ela sentiu-o pressionar-se contra ela, dentro dela, e controlou-se para não fugir. Ele continuava a beijá-la.

Suave nos seus lábios, duro entre as suas pernas.

Sentiu dor, um choque que roubou o lado sonhador do momento. Depois, a dor foi substituída por um incómodo, e o incómodo — quando ele começou a mover-se dentro dela — deu lugar a uma confusa mistura de excitação e desconforto.

Depois, ele mergulhou o rosto no seu cabelo e o seu corpo magro e macio fundiu-se com o dela. E houve apenas a doçura.

5.

Foi estranho, mudar-se novamente para casa no verão e carregar com as suas coisas desde o dormitório, sabendo que nos três meses seguintes não teria aulas, nem Gina a queixar-se todas as manhãs quando o despertador tocava.

Ainda assim, quando terminou e quando se viu de volta no seu velho quarto, isso foi para ela tão natural como respirar.

Não era a mesma coisa. Ela agora estava diferente. Dera vários passos deliberados que a apartavam da sua infância. Aquela rapariga que tinha feito as malas no verão anterior talvez ainda vivesse dentro de si, mas a que regressara sabia mais, tinha experimentado mais. E estava pronta, mais pronta do que nunca para ver o que aconteceria a seguir.

Até a casa mudara na sua ausência. Teria de dormir com Fran, durante as semanas seguintes. Bella precisava de um quarto só para ela e para

toda a parafernália do casamento, e Fran, com o seu bom feitio, cedera-lhe o seu durante aquele tempo.

— É mais fácil — explicou Fran quando Reena a questionou acerca do assunto. — Mantemos a paz e vai ser só por algumas semanas. Ela praticamente já se mudou para a casa que os pais do Vince lhes compraram.

— Eu nem posso acreditar que eles lhes compraram uma *casa* — Reena arrumava *tops* na sua segunda gaveta da maneira como preferia. Por cores.

A única coisa de que não sentiria falta na vida de dormitório era a constante desordem.

— Bem, eles são ricos. Este vestido é um espetáculo — acrescentou Fran, enquanto pendurava algumas das roupas de Reena no roupeiro. — Onde o compraste?

— Fui ao centro comercial, depois dos exames. Fazer compras é ótimo para aliviar a tensão — e também quisera coisas novas, para a sua nova pessoa. — É um bocado estranho, a Bella ser a primeira de nós a sair de casa. Pensei que serias tu ou eu. Ela sempre foi a mais carente.

— Vince está a dar-lhe o que ela precisa — Fran voltou-se e, embora conhecesse o rosto e os traços da irmã tão intimamente como os seus, Reena ficou espantada. Àquela luz da tarde, Fran parecia uma pintura. Dourada e magnífica.

— Eu não o conheço muito bem, mas ele parece-me simpático... uma pessoa estável. E Deus sabe como é atraente.

— Está louco por ela. Trata-a como uma princesa, que é o que ela sempre quis. O facto de ser rico também não faz mal nenhum — acrescentou Fran com um pequeno sorriso. — Quando terminar a faculdade de direito e passar no exame da ordem, vai diretamente para a firma do pai. E com todo o mérito, segundo o que tenho ouvido. Ele é brilhante. A mamã e o papá gostam bastante dele.

— E tu?

— Eu também. Ele tem estilo, o que a Bella gosta, mas dá-se bem com a família e entra facilmente no ritmo quando vem cá a casa, ou à loja — o seu rosto foi percorrido por um ar pensativo enquanto ela continuava ocupada a arrumar as coisas de Reena. — Ele olha para a Bella como para uma obra de arte. Não o estou a dizer num mau sentido — acrescentou. — É como se nem pudesse acreditar na sua boa sorte. E, acima de tudo, ele atura-lhe as birras. Que são aos montes.

— Então, tem o selo de aprovação — Reena dirigiu-se também para o roupeiro e puxou um monte de tecido verde-menta que era o vestido de dama de honor. — Podia ser pior.

— Pois — estudando-o, Fran encostou-se à ombreira da porta e cru-

zou os braços. — Ela podia ter escolhido o cor de pulga. Vamos todas parecer um bocado pálidas e tontas, ao lado do seu elegante esplendor. O que é exatamente o seu plano.

Com uma careta, Reena deixou o vestido voltar para dentro do roupeiro.

— Melhor do que o vestido cor de abóbora com os milhões de folhos e mangas de balão em que a prima Angela nos enfiou no ano passado.

— Nem me lembres. Nem a Bella consegue ser assim tão má.

— Vamos fazer um pacto. Quando chegar a nossa vez, escolhemos uma para a outra vestidos que não nos façam parecer umas rústicas.

Fran pôs os braços em volta de Reena, encostou a cara à dela e baulouçou.

— É tão bom ter-te por casa.

* * *

Foi ao Sirico's à hora de almoço e entrou diretamente no meio dos cheiros e sons familiares.

Tinham feito mais do que limpar e reparar, depois do incêndio. Tinham mantido tradições — a área de cozinha aberta para a sala, as garrafas de *Chianti* a servir como castiçais, o grande mostrador de vidro a exibir as sobremesas ainda compradas na pastelaria italiana todos os dias.

Mas também tinham feito alterações, como que numa declaração de que não só superavam a adversidade como a usavam para prosperar.

As paredes eram agora de um escuro amarelo toscano, e a mãe fizera dúzias de novos desenhos. Não só da família, mas também do bairro, do Sirico's como fora antes, como era agora. Os reservados eram de um vermelho vibrante, com as tradicionais toalhas vermelhas e brancas a cobrir as mesas.

As luzes novas mantinham a sala alegre, mesmo em dias escuros. Ou podiam ser reduzidas, para criar atmosferas diferentes nas festas privadas que tinham começado a marcar nos últimos dois anos.

O pai trabalhava no grande balcão de trabalho, a espalhar molho sobre a massa. Havia agora uns toques de cinzento no seu cabelo, que tinham começado a aparecer naquelas semanas após o fogo. Também precisava de usar óculos para ler, o que o irritava grandemente. Especialmente quando lhe diziam que lhe davam um ar distinto.

A mãe estava ao fogão, fazendo os molhos e as massas. Fran já vestira o seu avental vermelho-vivo e estava a servir pratos de lasanha, que era o prato do dia.

A caminho da cozinha, Reena parou junto às mesas, cumprimentou

vizinhos e clientes habituais, riu-se sempre que lhe disseram que precisava de *comer*, pôr alguma *carne* naqueles ossos.

Gib estava a enfiar uma piza no forno e a retirar outra, quando ela chegou junto dele.

— Aqui está a minha menina — ele pousou a piza e abraçou-a fortemente. Cheirava a farinha e a suor. — A Fran disse que tinhas chegado, mas estávamos cheios. Não consegui escapar-me para ir a casa.

— Vim para ajudar. A Bella está lá atrás?

— Acabou de sair. Emergência de casamento — pegou no cortador, dividiu a piza em movimentos rápidos e experientes. — Qualquer coisa que ver com pétalas de rosas. Ou talvez fossem vasos.

— Então, precisas de ajuda. Para quem é a de linguiça com pimenta verde?

— Mesa seis. Obrigado, pequenina.

Ela entregou a piza e registou mais pedidos. Era como se nunca tivesse saído dali, pensou.

Só que ela estava diferente. Não só tinha um ano de faculdade atrás de si, como tudo o que aprendera se acumulava na sua cabeça. Rostos familiares, cheiros familiares, rotinas e movimentos eram automáticos. Mas ela era mais coisas do que fora na última vez que ali trabalhara.

Tinha um namorado. Já era oficial. Ela e Josh eram namorados. Namorados que dormiam juntos.

Ela gostava de sexo, o que era um alívio saber. A primeira vez fora doce, fora uma aventura, mas ela era tão inexperiente, com a mente e o corpo a tentarem compreender. Não atingira o orgasmo.

Isso fora algo novo e maravilhoso que descobrira sobre o ato, e sobre si mesma, na segunda vez que tinham estado juntos.

Agora mal podia esperar para voltar a estar com ele, para aprender a próxima coisa nova.

Não que o sexo fosse a única coisa que os unisse, lembrou-se a si mesma enquanto pegava no telefone para atender um pedido de entrega. Conversavam muito, durante horas. Ela adorava ouvi-lo falar sobre a sua escrita, sobre como queria contar histórias sobre cidades pequenas, como aquela em que tinha sido criado, no Ohio. Histórias sobre pessoas, e sobre o que faziam umas às outras, umas pelas outras.

E ele escutava-a. Parecia igualmente interessado quando ela lhe dizia que queria estudar e compreender o fogo, e porquê.

Agora não tinha apenas um acompanhante para o casamento de Bella. Ela ia levar o seu namorado.

Ainda estava a sorrir com a ideia quando entrou na área de preparação pela primeira vez. A mãe estava a tirar legumes de um dos enormes fri-

goríficos de aço inoxidável. Pete, agora pai de três, estava ao balcão a cortar massa de enormes tigelas para a pesagem.

— Ei, ó universitária! Dá-nos uma beijoca.

Reena abraçou-o e deu-lhe um sonoro beijo nos lábios.

— Quando voltaste?

— Há quinze minutos. Mal entro pela porta, põem-me a trabalhar.

— Esclavagistas.

— Se não pesas essa massa, vou buscar o chicote. Agora, larga lá a minha filha antes que eu vá contar à tua mulher — Bianca abriu os braços. Reena correu para eles.

— Como é que te manténs tão linda? — perguntou-lhe Reena.

— É do vapor da cozinha. Mantém os poros limpos. Oh, minha pequenina, deixa-me ver-te bem.

— Viste-me há duas semanas, na despedida de solteira do século, da Bella.

— Duas semanas, dois dias — Bianca recuou. O seu sorriso esmoreceu por um momento, e qualquer coisa passou nos seus olhos.

— O quê? O que foi?

— Nada — mas Bianca pressionou um beijo na sua testa, como uma bênção. — Tenho os meus filhos em casa outra vez. Pete, troca com a Catarina. Fica ela aqui no teu lugar. Queremos ter conversas de raparigas.

— Mais falatório sobre o casamento. Até já estou com uma dor de cabeça — acenando com as mãos, Pete apressou-se a sair.

— Estou em sarilhos? — apenas meio a brincar, Reena foi buscar uma garrafa de água ao frigorífico. — A minha piada sobre o vestido de dama de honor me fazer parecer uma chalota anémica chegou aos ouvidos da Bella?

— Não, ficas linda, apesar de o vestido ser... infeliz.

— Oooh, que diplomática.

— A diplomacia é a minha última ferramenta para sobreviver a esta história de casamento. Senão, já tinha arrancado a cabeça da Bella pelo pescoço como uma erva, por esta altura — ela ergueu uma mão, abanou a cabeça. — Ela não consegue evitar. Está excitada, aterrada, loucamente apaixonada, e quer que o Vince se orgulhe dela... ao mesmo tempo que quer impressionar os pais dele, parecer-se com uma estrela de cinema e mobilar uma enorme casa nova.

— Parece-me que está no seu elemento.

— Também é verdade. O teu pai precisa de massa para duas grandes e uma média — acrescentou, e viu Reena cortar e pesar massa competentemente. — Não te esqueceste.

— Eu nasci a pesar massa.

Ela devolveu a massa restante ao frigorífico, levou a que o pai precisava. Depois, juntou-se à mãe na bancada de trabalho para preparar salada.

— Duas da casa para a mesa seis. Eu levo a grega para o balcão três. Este casamento é o grande sonho da vida dela — continuou Bianca enquanto cortavam. — Eu quero que ela tenha exatamente o que sonhou. Quero que todos os meus filhos tenham exatamente o que sonharam.

Carregou um tabuleiro, levou-o para a área de serviço.

— Pronto — chamou, depois voltou para trás para preparar outro. — Estiveste com um rapaz.

A água transformou-se numa bola quando Reena conseguiu engoli-la.

— O quê?

— Achas que eu olho para ti e não vejo? — Bianca manteve a voz baixa, calculando a proximidade do marido e o ruído de fundo para cobrir as suas palavras. — Que eu não ia perceber com cada um dos meus filhos? Tu foste a última.

— O Xander esteve com um rapaz?

Para alívio de Reena, Bianca riu-se.

— Por enquanto, prefere as raparigas. Eu conheço o rapaz?

— Não. É só que... Começámos a andar há algum tempo, e aconteceu. Foi só na semana passada. Eu queria que acontecesse, mamã. E desculpa se te desapontei, mas...

— Eu disse isso? Eu perguntei-te sobre a tua consciência, a tua escolha? Tiveram cuidado?

— Sim, mamã — Reena pousou a faca para abraçar a mãe. — Tivemos cuidado. Eu gosto tanto dele. Tu também vais gostar.

— Como é que eu sei se gosto dele se não o trazes a casa para conhecer a tua família? Se não me dizes nada acerca dele?

— Está a tirar literatura. Vai ser escritor. Tem um apartamento todo desarrumado e um sorriso lindo. Chama-se Josh Bolton e cresceu no Ohio.

— E a família dele?

— Não fala muito dela. Os pais estão divorciados, e é filho único.

— Então, não é católico?

— Não me parece. Não perguntei. É bondoso, e é muito inteligente, e escuta-me quando falo.

— Tudo coisas importantes — Bianca voltou-se, pegou o rosto de Reena entre as mãos. — Trá-lo cá para conhecer a família.

— Ele vem ao casamento da Bella.

— Então, também é corajoso — Bianca ergueu as sobrancelhas. — Bem, se sobreviver a isso, talvez valha a pena ficar com ele.

Quando a clientela do almoço diminuiu, Reena sentou-se — perante a insistência do seu pai — com um enorme prato de esparguete na frente. Com Pete a substituí-lo, Gib começou a fazer as rondas. Ela vira-o fazê-las durante toda a sua vida, e sabia que o avô fizera o mesmo antes dele.

Com um copo de vinho, uma garrafa de água, uma chávena de café — dependendo da hora do dia —, ia passando por cada reservado ou mesa, trocando umas palavras, por vezes uma conversa. Se fosse um cliente habitual, por vezes sentava-se durante uns minutos. As conversas variavam entre desporto, comida, política e novidades do bairro, nascimentos, mortes. O assunto não importava, como ela bem sabia.

Era a intimidade.

Nesse dia, era água, e, quando ele se sentou na sua frente, deu um longe gole.

— Está bom? — o pai acenou com a cabeça para o prato dela.

— Do melhor.

— Então, vê se pões mais nessa barriga.

— Como está o senhor Alegrio da bursite?

— A melhorar. Ele diz que vai chover. O neto foi promovido e as rosas dele estão com ótimo aspeto, este ano — Gib sorriu. — O que foi que ele comeu?

— O prato do dia, com *minestrone* e a salada da casa, um copo de *Peroni*, uma garrafa de água com gás, gressinos e um *cannolo*.

— Lembras-te sempre de tudo. É uma pena que estejas a fazer esses cursos de justiça criminal, e química, em vez de gestão hoteleira.

— Eu terei sempre tempo para te ajudar aqui, papá. Sempre.

— Eu estou orgulhoso de ti. Tenho orgulho em que saibas o que queres e que estejas a trabalhar por isso.

— Alguém educou-me para ser assim. Como está o pai da noiva?

— Não ando a pensar nisso, por enquanto — ele abanou a cabeça, bebeu mais água. — Não ando a pensar no momento em que ela me aparecer no seu vestido. Em que a vou levar ao altar e entregar a Vince. Vou chorar como um bebé, se o fizer. Mas é fácil evitar pensar quando estamos a lidar com a insanidade dos preparativos para esse momento.

Ele olhou por cima do ombro dela, sorriu.

— Mais alguém soube que estavas de volta. Olá, John.

— Gib.

Com uma exclamação de prazer, Reena levantou-se e lançou os braços em volta de John Minger.

— Tive saudades de ti! Não te via desde o Natal. Senta-te. Eu já volto.

Foi à cozinha e trouxe outro prato. Quando voltou a sentar-se, enroulou metade do esparguete e pô-lo no segundo prato.

— Vais comer um pouco disto. O pai acha que eu passo fome na universidade.

— O que queres beber, John?

— Um refrigerante qualquer. Obrigado.

— Trago-to já. Tenho de voltar ao trabalho.

— Conta-me tudo — pediu Reena. — Como é que tu estás, os teus filhos, os netos, a vida em geral?

— Tudo bem, vou-me mantendo ocupado.

Ele estava com bom aspeto, pensou Reena. Um pouco mais pesado debaixo dos olhos, e o cabelo era agora quase todo cinzento. Mas ficava-lhe bem. O fogo tornara-o parte da família. Não, mais do que o fogo, corrigiu-se. O que ele fizera desde então. Oferecendo-se para trabalhar, respondendo às intermináveis perguntas que ela lhe fizera.

— Alguns casos interessantes?

— Eles são todos interessantes. Ainda queres acompanhar-nos?

— É só ligares.

O rosto dele suavizou-se com um sorriso.

— Tive um que começou no quarto de um miúdo. Oito anos. Ninguém em casa na altura. Não havia acelerantes, não havia fósforos, não havia isqueiro. Não havia sinais de entrada forçada nem de componentes incendiários.

— Elétrico?

— Não.

Ela começou novamente a comer enquanto pensava.

— Conjunto de química? Os miúdos dessa idade muitas vezes gostam de brincar com conjuntos de química.

— Este não. Disse-me que queria ser detetive.

— A que horas do dia começou?

— Por volta das duas da tarde. O miúdo está na escola, os pais no trabalho. Sem incidentes prévios — levou esparguete à boca, fechou os olhos a apreciar o sabor. — Não é justo fazer isto se não podes ver o local, ou fotografias.

— Espera um minuto, espera um minuto, ainda não desisti — ela sempre pensara que os quebra-cabeças eram feitos para ser resolvidos. — Ponto de origem?

— A secretária do miúdo. Secretária de contraplacado.

— Aposto que ele tinha ali muito combustível. Papel de construção,

cola, a secretária em si, papéis da escola e capas, talvez, brinquedos. Perto da janela?

— Mesmo por baixo.

— Então, ele tem cortinas, provavelmente, que se incendiam. Duas da tarde — ela fechou os olhos, tentando ver. Pensou na secretária de Xander quando tinha aquela idade. A descuidada confusão de brinquedos de rapaz, livros de banda desenhada, papéis da escola.

— Para que lado está virada a janela?

— És uma barra, Reena. Para sul.

— O sol devia estar a entrar com força a essa hora do dia, a não ser que as cortinas estivessem corridas. O miúdo não ia correr as cortinas. Como estava o tempo nesse dia?

— Céu limpo. Soalheiro, quente.

— O miúdo quer ser detetive, provavelmente tem uma lupa.

— Em cheio. Bem, és mesmo uma barra. A lupa está mesmo em cima da secretária, encostada a um livro, por cima de um monte de papéis. O sol bate diretamente, aquece a lente, pega fogo aos papéis. Secretária de madeira, cortinas de pano.

— Coitado do miúdo.

— Podia ter sido pior. Um estafeta viu o fumo, ligou para as emergências. Conseguiram conter o incêndio no quarto.

— Tenho tido saudades de falar sobre estas coisas. Eu sei, eu sei, ainda estou a estudar, e a maior parte das cadeiras por que tenho estado ansiosa só posso fazer quando me transferir para o *campus* de Shady Grove. Mas tenho sentido falta disto.

— Há mais uma coisa de que queria falar contigo — ele pousou o garfo, olhou-a nos olhos. — O Pastorelli saiu.

— Ele... — calou-se, olhou rapidamente em volta para ver se alguém da família os podia ouvir. — Quando?

— Na semana passada. Acabei de saber.

— Tinha de acontecer um dia — disse Reena monocordicamente. — Já teria saído antes, se não tivesse recebido mais tempo por ter dado um murro a um guarda.

— Não me parece que ele vá causar algum problema, ou que volte para aqui, sequer. Já não tem quaisquer laços com o bairro. A mulher ainda está em Nova Iorque, com uma tia. Eu verifiquei. O miúdo já cumpriu lá uma pena, por agressão.

— Eu lembro-me de quando o levaram — ela olhou pela janela, para o outro lado da rua. Havia vasos de gerânios nos degraus daquela que fora a casa dos Pastorelli, e as cortinas estavam abertas.

— Qual deles?

— Os dois. Lembro-me de quando trouxeram o senhor Pastorelli para a rua, algemado, e da mulher com um pano da louça amarelo na cara, um dos sapatos desabotoados. Lembro-me do Joey a correr atrás do carro, aos gritos. Eu estava ali com o meu pai. Acho que o facto de termos visto aquilo juntos fortaleceu qualquer coisa que já tínhamos entre os dois. Acho que foi por isso que ele me deixou acompanhá-lo quando levaram o Joey. Depois de ele matar o coitado do cão.

— O teu pai quis que fechasses um capítulo, aquele que começou quando o sacaninha te atacou. Não há razão para pensar que ainda não acabou, mas tu e a tua família precisavam de saber que ele está cá fora.

— Eu digo-lhes. Mais tarde, John, mais tarde, quando estivermos todos em casa.

— Parece-me bem.

Ela olhou novamente pela janela e o seu rosto descontraiu.

— É o Xander. Eu já volto — saiu do reservado, correu para a porta e depois atravessou a estrada e lançou-se nos braços do irmão.

* * *

Estar em casa era, em muitos sentidos, como ser novamente criança. Os cheiros e sons da casa eram como sempre tinham sido. A cera para os móveis que a mãe sempre usara, os cheiros a cozinhados que pareciam fazer tanto parte da cozinha como a velha mesa de talhante. A música que jorrava do quarto de Xander, quer ele lá estivesse quer não. O som da água no autoclismo do lavabo, que estava sempre a correr a não ser que o manípulo fosse agitado.

Era raro passar-se uma hora sem o telefone tocar e, como o tempo estava bom, as janelas abriam-se para o zumbido do tráfego e as vozes dos pedestres que paravam para conversar.

Era como se tivesse outra vez dez anos, quando se sentou de pernas cruzadas em cima da cama da irmã, enquanto Bella reinava ao pequeno toucador, a preparar-se para sair.

— É que há tanta coisa para fazer — Bella fundia tons de sombra para os olhos com a competência de uma artista. — Não sei como vou ter tempo para fazer tudo antes do casamento. O Vince diz que me preocupo demasiado, mas tudo tem de estar perfeito.

— E vai estar. O teu vestido é lindo.

— Eu sabia exatamente o que queria — ela puxou para trás o glamoroso cabelo louro. — Afinal de contas, tenho estado a planear isto a minha vida toda. Lembras-te de quando brincávamos às noivas, com aquelas velhas cortinas de renda?

— E tu eras sempre a noiva — mas Reena sorriu enquanto dizia isto.

— Agora, já não é a fingir. Eu sei que o papá se passou com o preço do vestido, mas a noiva é o centro das atenções no dia do seu casamento, não é? E não posso ser o centro das atenções com uma imitação qualquer. Eu quero o Vince ofuscado, quando me vir com ele. Oh, espera só até veres o que ele me deu como a minha coisa usada.

— Pensei que ias levar as pérolas da vovó.

— Não. São queridas, mas são muito antiquadas. Além disso, não são pérolas verdadeiras — ela abriu a gaveta do toucador e tirou uma pequena caixa. Aproximou-se de Reena e sentou-se na berma da cama. — Comprou-me isto numa joalharia *vintage*.

Lá dentro estavam uns brincos, cintilantes gotas de diamantes e filigrana tão delicada que parecia tecida por aranhas mágicas.

— Céus, Bella, são diamantes verdadeiros?

— Claro — o solitário no dedo dela brilhava a cada gesto. — O Vince não me ia comprar coisas falsas. Ele tem classe. A família dele tem muita classe.

— E a nossa não tem?

— Não era isso que eu queria dizer — mas Bella falava distraidamente, enquanto erguia um dos brincos à luz. — A mãe do Vince vai de Nova Iorque a Milão só para fazer compras. Eles têm doze empregados em casa. Devias ver a casa dos pais dele, Reena. É uma mansão. Têm jardineiros a tempo inteiro. A mãe dele é tão querida para mim... Eu já a trato por Joanne. Ela vai levar-me ao seu cabeleireiro no dia do casamento.

— Eu pensei que íamos... que tu, eu e a mamã e a Fran íamos à Maria.

— Catarina — Bella sorriu suavemente, deu uma palmadinha na mão de Reena antes de se levantar para levar os brincos de volta para a gaveta. — Já não é a Maria que me corta o cabelo. Eu vou ser a esposa de um homem importante. Vou ter um estilo de vida diferente, obrigações diferentes. Para as cumprir, tenho de ter o corte de cabelo certo, o guarda-roupa certo, tudo certo.

— Quem é que diz o que é certo?

— Uma pessoa *sabe* — ela deu mais um toque ao cabelo. — O Vince tem um primo que é muito giro. Pensei que pudesses gostar que ele fosse o teu acompanhante na receção. Acho que se podem dar bem. Ele entrou agora em Princeton.

— Obrigada, mas eu tenho um namorado. Ele vem ao casamento. Já falei com a mamã.

— Um namorado — esquecendo a sua figura por um momento,

Bella deixou-se cair na cama. — Quando, onde, como? Como se chama? Como é? Diz-me tudo.

As sementes de ressentimento dispersaram-se e voltaram a ser irmãs que se juntavam perante a séria prioridade que eram os rapazes.

— Chama-se Josh. É muito querido, e um grande pão. Quer ser escritor, e conheci-o na universidade. Andamos a sair há uns meses.

— Meses? E não me disseste nada?

— Temos andado um bocado ocupados.

— Mesmo assim — Bella fez um pequeno beicinho. — Ele é daqui?

— Não, cresceu no Ohio. Mas agora vive cá. Trabalha numa livraria durante o verão. Gosto mesmo dele, Bella. Já dormi com ele. Cinco vezes.

— Jesus! — os olhos de Bella ficaram do tamanho de pires enquanto o seu traseiro saltava em cima da cama. — Reena, isto são grandes novidades. Ele é bom? — ela levantou-se, fechou a porta. — O Vince é fantástico na cama. Consegue continuar durante *horas*.

— Acho que é bom — horas? Pensou Reena. Isso era mesmo possível? — É o único com que estive.

— Não te esqueças de usar sempre proteção. Eu parei.

— Paraste o quê?

— De tomar precauções — sussurrou. — O Vince disse que quer começar uma família imediatamente, por isso deitámos fora as minhas pílulas. Estamos tão perto do casamento que não importa se eu engravidar. Deitámo-las fora no fim de semana passado, por isso posso até já estar grávida.

— Meu Deus, Bella — Reena sentiu um choque, um choque enorme, ao pensar na sua irmã a passar de noiva a esposa e mãe àquela velocidade. — Não querem ter algum tempo para se habituarem primeiro ao casamento?

— Eu não preciso de tempo — quando sorriu, tudo nela se tornou sonhador. Lábios, olhos, voz. — Eu sei exatamente como vai ser tudo. E vai ser perfeito. Tenho de acabar de me preparar. O Vince deve estar a chegar a qualquer minuto, e ele detesta quando me atraso.

— Diverte-te.

— Divertimo-nos sempre — Bella sentou-se novamente ao toucador enquanto Reena se dirigia para a porta. — O Vince vai levar-me a um restaurante fabuloso, esta noite. Ele diz que preciso de descontrair e de esquecer os pormenores do casamento, por um momento.

— Eu acho que ele tem razão — ela saiu, fechando a porta no momento em que o irmão subia as escadas.

Ele olhou para a porta fechada, olhou para Reena e sorriu.

— Então, quantas vezes é que ela disse O Vince acha?

- Perdi a conta. Ele é mesmo louco por ela.
— Ainda bem, senão ela acabaria por deixá-lo louco a sério. Uma coisa eu sei, vou ficar contente quando isto acabar.
Ela aproximou-se. Ele já a ultrapassara em altura, por isso teve de se pôr em bicos de pés para lhe beijar uma bochecha.
— Vais ter saudades dela, quando não estiver aqui no quarto do lado.
— Se calhar vou.
— Tens planos para esta noite?
— Na tua primeira noite em casa? Que espécie de irmão me julgas?
— Da minha espécie preferida.

* * *

Ela esperou que Bella saísse para o seu elegante jantar e o resto da família estivesse sentada à mesa do jantar, a partilhar bife grelhado à florentina em honra do seu regresso da faculdade.

— Eu tenho uma novidade — começou. — O John disse-me hoje e eu pedi-lhe que me deixasse falar convosco. O Pastorelli saiu. Foi posto em liberdade há uma semana.

— Filho da mãe.

— À mesa não, Xander — disse Bianca automaticamente. — Eles sabem onde está, para onde foi?

— O homem já cumpriu a sua pena, mamã — ela tivera tempo para se reconciliar com a ideia e para falar calmamente a seu respeito. — O John julga que não precisamos de nos preocupar, e eu concordo. Ele não tem nenhum laço com a rua, nenhuma razão para cá voltar. O que aconteceu já foi há muito tempo.

— E ontem — disse Gib. — Parece que foi ontem. Mas acho que temos de aceitar. Que mais podemos fazer? Ele foi punido pelo que fez. Está feito e ele está fora das nossas vidas.

— Sim, mas não faria mal nenhum termos alguns cuidados, pelo menos durante um tempo — Bianca respirou fundo. — E, provavelmente, é melhor não dizermos nada à Bella antes do casamento. Ela vai ficar histérica.

— Ela fica histérica quando parte uma unha — comentou Xander.

— Exatamente por isso. Pronto, agora já sabemos e vamos ser um pouco mais cuidadosos. Mas temos de acreditar no John quando ele diz que não temos de nos preocupar. Bom... — Bianca ergueu as mãos. — Co-mam, antes que a comida arrefeça.

6.

Bo não tinha cem por cento de certeza de concordar com aqueles planos para o dia, mas, como habitual, estava disposto a alinhar. O seu amigo Brad era agora oficialmente metade do filme Brad e Cammie. E, uma vez que esse filme ia no seu primeiro ato, estava toda a gente feliz. Para espalhar a alegria, o novo casal organizara uma saída dupla, o que estava tudo bem. O que era preocupante era o carácter de «todo-o-dia-até-à-noite» dessa saída.

Um enorme risco, na mente de Bo.

E se ele e aquela amiga da Cammie se detestassem logo? Por vezes, acontecia. Supostamente era bonita, mas essa era a opinião da Cammie. E não se podia confiar na opinião de uma amiga.

Mesmo que se parecesse com a Claudia Schiffer, podia estar sempre a falar, ou sempre aos risinhos. Ele odiava mesmo era as dos risinhos. Ou talvez fosse daquelas raparigas sem qualquer sentido de humor. Ainda preferia as dos risinhos às demasiado sérias, as do tipo tenho-de-salvar-o-mundo-e-tu-devias-fazer-o-mesmo.

Ainda por cima, ele continuava apanhado por uma miúda cujo rosto vira apenas por uns dez segundos, e cujo nome não sabia.

Estúpido, mas que podia fazer?

Aquele era, como ele sabia, um dos métodos de Brad de o fazer voltar ao mundo real. Uma miúda gira — pelo menos, era o pressuposto —, um dia de passeio com um grupo de amigos ao Inner Harbor de Baltimore. Ir ao aquário, passear, ouvir música, comer marisco. Rir um pouco. Ordenou-se a si mesmo que entrasse no espírito da coisa, enquanto ia seguindo as direções de Cammie.

Ela e Brad iam no banco traseiro do carro, principalmente, na sua opinião, para poderem curtir.

Parou no parque de estacionamento, esperou enquanto os seus passageiros completavam o último beijo.

— Podemos entrar todos — Cammie soltou-se de Brad e pegou na carteira. — Isto vai ser divertido! Está um dia absolutamente espetacular.

Nisso tinha de lhe dar razão, pensou Bo. Céu azul, nuvens fofas, sol quente. Era melhor sair e passear do que ficar em casa a matutar numa fantasia ou até ir acabar na oficina do seu patrão.

O objetivo era ter a sua própria oficina. Quando tivesse dinheiro suficiente para arrendar uma casa ou — mais fantasia — comprar uma, teria a sua própria oficina. Um pequeno barracão que dotaria com mesas de trabalho e ferramentas. Talvez montasse o seu próprio negócio.

Dirigiu-se para o edifício de apartamentos, que se parecia exatamente com qualquer outro edifício de apartamentos perto do *campus*. E era justamente o tipo de sítio a que ele só queria dizer adeus. O que ele precisava era de convencer Brad a separar-se de algum do seu dinheiro, para comprarem uma casa a meias e a remodelarem.

— Ela mora mesmo aqui, no primeiro andar — Cammie dirigiu-se para uma porta e bateu. — Vais mesmo gostar da Mandy, Bo. Ela é muito divertida.

O enorme sorriso de Cammie lembrou Bo da razão por que odiava aqueles encontros às cegas. Agora, se não gostasse da amiga, teria de fingir que gostava. Caso contrário, Cammie haveria de massacrar Brad, até Brad o massacrar a ele.

Mas alguma da sua preocupação evaporou-se quando a pequena ruiva de grandes olhos azuis e curvas muito bem moldadas pelas calças de ganga e *T-shirt* cinzenta abriu a porta.

— Olá, Mandy. Já conheces o Brad.

— Sim. Olá, Brad.

Havia a mais pequena sugestão de um ceceio — mas um ceceio *sexy*.

— E apresento-te o Bo. Bowen Goodnight.

— Olá, Bo. Vou só buscar o meu saco e estou pronta para sair. Isto está tudo desarrumado. Não entrem — ela riu-se enquanto dizia isto, e enxotou-os de casa. — A minha colega foi-se embora ontem para um fim de semana maluco em Orange County e deitou a casa a baixo à procura de um par de sandálias. Que eu encontrei assim que ela saiu. Agora, não sou eu que vou arrumar. Ela que trate do assunto.

Falava sem parar, mas de uma maneira engraçada, enquanto agarra-va num saco de pendurar ao ombro e num boné dos Orioles.

Ah, baseball, pensou Bo. Havia esperança.

Ela saiu, fechou a porta atrás de si, depois ofereceu um sorriso rápido e simples a Bo.

— Trouxe uma máquina fotográfica — deu uma palmadinha no grande saco. — Sou muito chata com ela. Estou já a avisar.

— A Mandy é uma fotógrafa fantástica — acrescentou Cammie. — Está a estagiar no *Baltimore Sun*.

— Horário horrível, sem salário. Adoro. Ei, olha-me só para ti.

Antes que Bo pudesse comentar, ela deu meia-volta para estudar um tipo que vinha a descer as escadas. Vestia fato e gravata e parecia um pouco afogueado.

— Meu — disse ela, a rir-se. — Pareces um bocado quente.

— Vou a um casamento — ele levou a mão ao nó da gravata e apertou-o. — Isto está bem feito?

— Cammie, Brad, Bo, este é o Josh. Vizinho de cima, colega e um amador no uso da gravata. Deixa-me arranjar-ta. Quem é que se casa hoje?

— Irmã da namorada. Vou conhecer a família toda. Estou um bocadinho mal disposto.

— Ooh, o grande teste — ela endireitou-lhe a gravata, deu-lhe um pequeno toque na lapela. — Pronto, estás perfeito. E, não te preocupes, 'mor, as pessoas nos casamentos estão todas a chorar ou a embebedar-se.

— Eles são quase todos italianos.

— Então, vão estar a fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Os casamentos italianos são altamente divertidos. Só tens de levantar o teu copo e dizer... como é? *Salute!*

— *Salute.* Está bem. Prazer em conhecer, pessoal. Até qualquer dia.

— Ele é um querido — disse Mandy depois de ele sair. — Anda apaixonado por esta miúda desde o princípio do período. Parece que finalmente está a funcionar. Bom — colocou o boné. — Vamos lá ver aqueles peixes.

* * *

Bella exigira perfeição, e, na opinião de Reena, o seu desejo fora concretizado. O tempo estava espetacular, o azul suave e dourado do princípio do verão, com as flores vivas e delicadas, e a humidade piedosamente baixa.

Ela parecia uma princesa, toda a gente o dizia, com o seu espumoso vestido branco, o cabelo de um dourado cintilante sob o véu resplandecente. Levava na mão uma espetacular criação de rosas cor-de-rosa acentuadas com minúsculos lírios brancos.

A igreja estava decorada com as flores que escolhera em cestos brancos. Rejeitara o tradicional órgão a favor de uma harpa, flautas, violoncelo e um violino. Reena teve de admitir que o som era lindo.

E cheio de classe.

Nada de cortinas de rendas e *bouquets* de papel, pensou Reena enquanto os seus olhos se humedeciam e a garganta se apertava. Isabella Hale desceu a nave de St. Leo pelo braço do pai como um membro da realeza. Com um cintilante rio branco do véu atrás de si, o rosto deslumbrante, diamantes a reluzir nas orelhas.

Tem tudo o que desejou, pensou Reena, enquanto Vince — elegante e atraente no seu fraque — parecia deslumbrado por ela.

Os olhos dele, escuros e profundos, iluminaram-se no seu rosto e nunca se desviaram dos dela. Os do pai estavam húmidos, quando ergueu com cuidado o véu de Bella, lhe deu um suave beijo na face e respondeu à pergunta do padre acerca de quem entregava aquela mulher àquele homem com um terno: «Eu e a sua mãe.»

Por uma vez, Bella não chorou, mas permaneceu de olhos secos e luminosos durante toda a missa e cerimónia. Com os olhos como estrelas e a voz límpida como uma campainha.

Porque ela sabe que é exatamente isto que quer, pensou Reena. Que é o que sempre quis. Tal como sabe que este é o seu momento de glória, e que todos os olhos estão postos nela.

Já não importava que o vestido de dama de honor fosse um pouco menos que lisonjeiro. Havia ali uma outra espécie de fogo, percebeu. Era forte, e vivo, e quente. Era a alegria da sua irmã a arder no ar.

Por isso, Reena chorou quando os votos foram pronunciados, e os anéis trocados, sabendo que aquele era o fim de uma parte das suas vidas. E o início da outra parte da vida de Bella.

* * *

A receção teve lugar no clube de campo dos pais de Vince, onde o pai dele era uma espécie de membro da direcção. Também ali havia flores em abundância, bem como comida, e vinho, e música.

Cada mesa estava coberta com o mesmo tom que as rosas de Bella, salpicada com pétalas de rosas brancas e ainda mais flores e acetinados pilares de velas brancas ao centro.

Reena teve de se sentar na longa mesa principal, juntamente com o grupo nupcial. Sentiu-se grata por a sua mãe ter tido o cuidado de sentar Josh na mesma mesa que Gina, com quem ela podia contar para o manter distraído. E estava quase igualmente grata por Fran — como dama de honor — e o irmão de Vince, que servia de padrinho, terem sido os designados para fazerem os tradicionais brindes.

Comeu lombo, conversou e riu com os outros na mesa de honra, preocupou-se com Josh. E quando teve tempo para olhar em volta do enorme salão, perguntou-se em que tipo de mundo entrava agora a sua irmã.

As duas famílias estavam misturadas, como é costume em tais eventos. Mas, mesmo que não os conhecesse, ela teria sido capaz de dividi-las em grupos. A classe trabalhadora, a classe alta. Bairro citadino, riqueza dos subúrbios.

A noiva não era a única a usar diamantes, ou a usar um vestido que tinha custado mais do que a receita de uma semana no Siricó's. Mas era a única do seu sangue a consegui-lo.

Provavelmente, admitiu Reena, a única do seu sangue que conseguia parecer ter nascido a usar *Prada*.

Como se tivesse lido os seus pensamentos, Xander inclinou-se para lhe falar ao ouvido.

— Agora, somos os parentes pobres.

Ela conteve uma gargalhada e pegou no seu champanhe.

— Que se lixe. *Salute*.

Tornou-se mais fácil quando conseguiu escapar-se aos seus deveres formais e ir em busca de Josh.

— Estás bem? Agora já devo ficar livre, pelo menos durante algum tempo.

— Está tudo bem. Foi um casamento e tanto.

— Um casamento e tanto — concordou ela. — Não sabia que as fotografias demorariam tanto tempo. Sinto que te abandonei. E queria avisar-te que...

— Catarina! — a sua tia Carmela agarrou-a e envolveu-a em nuvens de *White Shoulders*. — Que linda que estás! Até pareces uma noiva, também! Mas tão magra! Temos de te engordar, agora que estás em casa. E quem é este jovem tão jeitoso?

— Tia Carmela, apresento-lhe Josh Bolton. Josh, a minha tia, Carmela Sirico.

— Prazer em conhecer, senhora Sirico.

— E educado, também. Estamos num casamento, hoje pode tratar-me por Carmela. A minha sobrinha — Carmela pôs um braço forte em volta dos ombros de Reena. — É tão bonita, não é?

— É, sim, minha senhora, ela...

— A Francesca é a beldade, e a Isabella tem o estilo, a paixão. A nossa Catarina, ela é a mais esperta. Não és, *cara*?

— Isso mesmo, eu fiquei com os miolos.

— Mas hoje, hoje estás linda! Talvez aqui o teu jovem fique com ideias, quando apanhares o ramo — piscou-lhes o olho. — Eu conheço a sua família? — perguntou a Josh.

— Não, tia — respondeu Reena rapidamente. — Eu conheço o Josh da faculdade. Tenho de o apresentar a mais pessoas.

— Sim, sim. Guarde uma dança para mim — disse a Josh, enquanto o Reena o arrastava para longe dali.

— Era disto que eu te queria avisar — começou Reena. — Vais ouvir muito *daquilo* e ainda mais. Quem é a tua família, o que fazem, onde vão à igreja. Toda a gente da minha família julga que tem de saber essas coisas todas. Não leves a mal.

— Tudo bem. A Gina já me tinha dito qualquer coisa. É um bocado assustador, mas está-se bem. E é verdade que estás mesmo bonita. Nunca tinha estado num grande casamento católico. Foi qualquer coisa.

— E muito longo — disse ela com uma risada. — O.K., eu vou ter de te exhibir aos tios, e ao resto das tias. Tens de ser forte.

E estava a correr tudo bem, pensou ela, à medida que a festa continuava. Josh podia ter sido massacrado com perguntas, mas havia tanta conversa à volta deles que apenas tinha de responder a metade.

A música mantinha as coisas animadas, com um pouco para toda a gente, desde Dean Martin a Madonna. Ela já se deixara arrastar para a alegria do momento quando fez a sua dança com o noivo.

— Nunca vi a minha irmã com um aspeto tão feliz. A cerimónia foi linda, Vince. Está tudo lindo.

— Ela preocupou-se muito. Mas é assim, a nossa Bella.

Ele movia-se suavemente pelo salão, mantendo-se tão concentrado no rosto dela que Reena teve a certeza de que houvera umas lições pelo caminho. De dança e de charme.

— Agora, podemos começar as nossas vidas, fazer o nosso lar, ter a nossa família. Estão convidados para jantar lá em casa, assim que regressarmos da lua-de-mel e nos instalarmos.

— Conta comigo.

— Sou um homem de muita sorte, por ter uma mulher tão bonita, tão encantadora. E que sabe cozinhar — ele riu-se e deu um beijo na face de Reena. — E, agora, tenho outra irmã.

— Eu tenho outro irmão. *Una famiglia.*

— *Una famiglia* — ele sorriu largamente e fê-la rodopiar em volta do piso de dança.

* * *

Mais tarde, enroscada com Josh na cama, Reena pensou no tão aguardado dia da sua irmã. A grandiosidade da cerimónia, todas as palavras solenes, a elegância das flores. A formalidade inicial da receção que, felizmente, desapareceu numa festa ruidosa.

— Diz-me uma coisa, a minha tia Rosa fez mesmo o *Electric Slide*?

— Não me lembro de qual delas era a Rosa, exatamente, mas, sim, acho eu. Ou talvez fosse o *Hokey Pokey*.

— Não, isso foram as minhas primas em segundo grau, a Lena e a Maria-Theresa. Credo.

— Eu gostei especialmente de dançar a *tarenbella*.

— *Tarantella* — corrigiu ela, rindo-se. — Aguentaste-te bem, Josh, e não é fácil. Muitos pontos para ti.

— Eu diverti-me, diverti-me mesmo. A tua família é muito fixe.

— E grande, e barulhenta. Acho que a família do Vince estava um bocadinho passada, principalmente quando o meu tio Larry pegou no microfone e começou a berrar o *That's Amore*.

— Até soou bem. Gostei mais da tua família. A dele é um bocado para o snobe. Ele é fixe — disse Josh rapidamente. — E está nas nuvens com a tua irmã. Pareciam aqueles casais do cinema.

— Pois pareciam.

— E a tua mãe. Posso dizer que a tua mãe é mesmo linda? É que ela não parece mesmo uma mãe. A minha família nunca fez coisas destas, estás a ver, estes grandes eventos. Gostei.

Ela virou-se para ele, sorriu-lhe.

— Então, vens jantar connosco amanhã? A minha mãe disse-me para te convidar. Podes ver como somos quando não estamos todos bem vestidos.

— Claro. Podes ficar esta noite? O meu colega só volta amanhã à noite. Podíamos sair, se quisesses, ou então podíamos apenas ficar aqui.

— Quem me dera — ela beijou-lhe o peito. Era tão macio e quente. — Gostava mesmo. Mas acho que ver-me passar a noite fora seria demasiado para o meu pai, hoje. Ele vai estar todo melancólico. Ainda por cima, as pessoas foram para cima dele com a conversa de que daqui a pouco ia estar a fazer isto outra vez pela Fran.

— Tu empurraste-a mesmo em cheio para a frente do ramo, quando a Bella o atirou.

— Reflexos — ela riu-se novamente e sentou-se para puxar o cabelo para trás. — Quero manter o papá ocupado, esta noite. Senão vai ficar a pensar na noite de núpcias da Bella, e isso é território problemático para ele — levou a mão ao rosto de Josh. — Ainda bem que te divertiste, hoje.

Ele sentou-se e abraçou-a de uma maneira que lhe aqueceu o coração.

— Divirto-me sempre, quando estou contigo.

Ela vestiu-se e retocou a maquilhagem. Não era bom voltar para casa a parecer que tinha acabado de andado a rebolar na cama com um rapaz. À porta, deixou Josh puxá-la para vários beijos longos.

— No próximo dia de folga, podíamos ir a algum lado — sugeriu ele. — À praia, ou coisa do género.

— É uma boa ideia. Vemo-nos amanhã — ela saiu, depois voltou-se e puxou-o para a ombreira da porta para outro beijo. — Este é para o caminho.

Só lhe faltou dançar pelas escadas abaixo e para a noite quente.

Bo entrou no parque de estacionamento enquanto ela punha a sua chave na ignição.

Deixara Brad e Cammie na casa desta. Fora um dia agradável, pensou, do tipo que prometia mais. Gostara de Mandy. Ela era mesmo uma

chata com a sua máquina fotográfica, mas de uma forma que o fazia rir, ou o impressionava.

— Vou querer ver algumas dos seis milhões de fotografias que tiraste hoje — disse-lhe ele quando saíram do carro.

— Nem podias escapar. Sou quase tão chata com as impressões como sou com as lentes. Foi divertido. Ainda bem que a Cam me massacrou para eu vir. E dizer isto acabou de provar que me esqueço sempre de usar o cérebro antes da língua.

— Tudo bem, eu também fui massacrado. Calculei que, se isto se tornasse um pesadelo, podia cobrá-lo ao Brad durante anos. Vou ter de arranjar outra coisa qualquer para lhe cobrar. Importas-te que te ligue?

— Mesmo nada — ela puxou um pedaço de papel do bolso. — Já escrevi aqui o meu número. Se não mo tivesses pedido, eu ia meter-to no bolso enquanto fizesse isto.

Agarrou-lhe a camisa com as duas mãos, deu-lhe um rápido puxão e pôs-se em bicos de pés ao mesmo tempo. O beijo foi quente e promissor.

— Bom — ela esfregou os lábios um no outro. — Sabes, se alguma coisa funcionar entre nós os dois, *eles* é que nos vão andar a cobrar montes de tempo.

— A vida é cheia de riscos — ele decidira que a argola na sobrancelha era sensual. — Se calhar, eu podia entrar.

— Tentador, muito tentador. Mas acho que é melhor ficarmos por aqui — ela destrancou a porta, entrou. — Liga-me.

Pôs-lhe o número no bolso e estava a sorrir quando ele se dirigiu para o carro.

* * *

Uma vez que ficara com a noite livre e não tinha o companheiro de quarto a tocar música em altos gritos, Josh sentou-se para escrever. Decidiu que devia ser divertido tentar construir um conto em volta do casamento.

Ele queria ter algumas coisas escritas antes que as impressões — que eram tantas — se comesçassem a misturar ou a desvanecer.

Por muito que tivesse gostado que Reena passasse com ele a noite, também estava um pouco contente por ela ter ido para casa. Ter o apartamento só para si significava poder pensar. Poder trabalhar.

Tinha a maior parte de um rápido rascunho já alinhavado quando foi interrompido pelo som de alguém a bater à porta. Com a cabeça ainda na história, levantou-se para atender. Quando abriu a porta, inclinou a cabeça, num cumprimento.

— Posso ajudar?

— Sim, sou do andar de cima. Também ouviu... Olhe, aí está outra vez.

Instintivamente, Josh olhou por cima do ombro na direção que a sua visita apontava. A dor explodiu na sua cabeça, uma mancha vermelha sobre os seus olhos.

A porta estava fechada antes de ele atingir o chão.

Miúdo magricela. Nem custou nada arrastar o seu rabo estúpido para o quarto. A meia cheia de moedas deixaria uma marca. Talvez a encontrassem mais tarde. Ia deixá-lo no chão, para parecer que ele teria batido com a cabeça ao cair da cama.

Era tudo muito simples, muito rápido. Acender o cigarro, limpá-lo, pô-lo entre os lábios do parvalhão. Pelo sim, pelo não. Pôr-lhe as impressões digitais no maço, nalguns fósforos. Pelo sim, pelo não. Agora, enfiar o cigarro aceso na cama, nos lençóis. Queima bem. Juntar um pouco de papel — papéis da escola. Deixar o maço de cigarros, deixar uns fósforos.

Vou buscar uma cerveja ao frigorífico. Bem que posso beber qualquer coisa enquanto começa.

Nada como ver o nascimento de um fogo. Nada no mundo. O poder é como uma droga.

O fogo a fumegar baixinho. Fogo furtivo. Dissimulado e astucioso. A crescer, a crescer, silenciosa e secretamente, até formar aquela primeira chama.

Pôr as luvas, tirar as pilhas do detetor de incêndio. As pessoas são tão descuidadas. Esquecem-se sempre de substituir as pilhas. Uma pena.

O miúdo pode acordar. Se acorda, só tenho de lhe bater outra vez.

Espero que acorde. Anda lá, meu sacana magricela, acorda, para te bater outra vez.

Aguenta, aguenta. Olha para o fumo — sensual, silencioso, mortal. O fumo é o que os apanha. Deixa-os tontos. O papel está a incendiar, aí está a chama.

A primeira chama é o primeiro poder. Ouve como ela fala, como susurra. Vê como se move, como dança.

Agora os lençóis. Foi um bom começo. Puxar o lençol para cima do idiota.

Lindo! Olha só as cores. Dourado e vermelho, laranja e amarelo.

Vai parecer assim: acende um cigarro na cama, adormece. O fumo apanha-o, ele tenta sair da cama, cai, bate com a cabeça. O fogo atinge-o quando está desmaiado.

A cama está a incendiar. Bonito, não é bonito? Um pouco mais de papel não vai fazer mal nenhum. A camisa já está. É mesmo assim!

Continua, continua. Demora tanto tempo, raios. Bebe uma cerveja, tem calma. Quem diria que um cabrão magricela podia arder desta maneira? Agora foi a carpete — é que acontece, quando compras coisas baratas!

Uma torrada, é o que ele é. Uma torrada, caralho. Cheira a porco assado.

É melhor pôr-me a andar. É uma pena ir embora e perder o espetáculo. É tão interessante ver as pessoas a estalarem e a derreterem enquanto são comidas pelo fogo.

Mas está na hora de dizer as nossas despedidas ao parvalhão. Vai como calma, vai com cuidado. Verifica o patamar. É uma pena não poderes ficar a ver, mas tens de ir embora. Sai devagar, sem pressas. Não olhes para trás. Calma, sem preocupações.

Mete-te no carro. Cumpre os limites de velocidade como qualquer outro filho da puta cumpridor da lei.

Ele vai estar estaladiço, quando o encontrarem.

Isso é que é divertido.

7.

Bo acordou com uma ressaca a abalar-lhe o crânio como sinos de catedrais. Estava deitado de barriga numa cama que cheirava mais a meias de ginástica do que a lençóis, e suficientemente infeliz para ponderar deixar-se ficar ali, a respirar o fedor, durante o resto da sua vida.

Não tinha culpa que a festa dos vizinhos de baixo estivesse no auge mesmo à hora em que chegara, depois de deixar Mandy em casa. Passar por lá fora educado e uma maneira divertida de passar o resto da sua noite de sábado.

E, uma vez que só tinha de subir as escadas para chegar à sua própria casa, não vira mal nenhum em beber umas cervejas.

Mas tinha culpa, e estava pronto a admiti-lo, assim que a sua cabeça parasse de gritar, por ter ficado até depois das duas da manhã e emborcado um *pack* de seis inteiro.

Mas a culpa não era inteiramente dele, porque a cerveja estava ali, ao lado dos *nachos*. E que mais se pode fazer quando se está a comer *nachos* senão empurrá-los com cerveja?

Oceanos de cerveja.

Ele tinha aspirina. Provavelmente. Algures. Oh, se ao menos houvesse um Deus piedoso que lhe lembrasse onde raio enfiara o frasco do *Advil*. Iria buscá-lo de gatas, se soubesse ao menos para onde teria de arrastar o seu pobre corpo maltratado.

E porque não fechara as persianas? Porque não podia aquele Deus piedoso desligar a luz do Sol que lhe batia como uma fornalha contra os olhos doridos?

Porque ele adorara o deus da cerveja, era por isso. Quebrara um mandamento e adorara o deus falso e espumoso da cerveja. E, agora, estava a ser castigado.

Pensou que a aspirina, que tinha agora o peso da sua redenção, devia estar, muito provavelmente, na cozinha. Rezou por que estivesse mesmo enquanto cobria os olhos com uma mão e saiu da cama. O seu gemido foi sentido, e transformou-se em algo mais parecido com um grito quando ele tropeçou nos seus sapatos e caiu de cara no chão.

Mal tinha força para um queixume, quanto mais para soltar a praga que lhe veio à boca.

Conseguiu pôr-se de gatas, equilibrou-se nessa posição, esperou para recuperar o fôlego. Nunca mais. Jurou que nunca mais. Se tivesse uma faca, ter-se-ia cortado e escrito com o próprio sangue o juramento no chão. Conseguiu pôr-se de pé, sentindo a cabeça dorida a andar à roda e o estômago agitar-se. Só não queria vomitar nos próprios pés. Preferia a dor ao vômito.

Felizmente, o seu apartamento tinha aproximadamente o tamanho de um monovolume, e a cozinha distava apenas uns poucos passos do sofá-cama. Alguma coisa na cozinha cheirava a rato morto, não era perfeito? Ignorou o lava-loiça cheio de pratos, o balcão juncado de caixas de *takeout* que ainda não deitara fora e remexeu nos armários.

Madeira da treta, pensou, como sempre pensava. Pior, só plástico. Lá dentro, havia caixas de *Life*, *Frosted Mini Wheats*, *Froot Loops* e *Cheerios*. Um pacote de batatas fritas com sabor a cebola, quatro caixas de macarrão com queijo, *Ring-Dings*, latas sortidas de sopa e uma caixa de bolo de queijo e framboesa.

E ali, ali entre o *Life* e os *Cheerios*, estava o *Advil*. Obrigado, Deus.

Uma vez que ele já atirara com a tampa depois da sua última ressaca, a única coisa que tinha de fazer era despejar três pequenos comprimidos na sua mão suada. Atirou-os para dentro da boca, virou-se para a torneira e, uma vez que não tinha espaço para a cabeça sobre os pratos, recolheu água corrente nas palmas das mãos e engoliu os comprimidos.

Engasgou-se quando um deles ficou entalado na sua garganta, arrastou-se para o frigorífico e tirou numa garrafa de *Gatorade*. Bebeu, encostando-se fracamente contra a bancada.

Abriu caminho por entre a pilha de roupas, os sapatos, as estúpidas chaves e tudo o resto que estava caído no chão e chegou à casa de banho.

Apoiando as mãos no lavatório, reuniu coragem. E ergueu a cabeça para se olhar ao espelho.

O seu cabelo parecia o rato morto da cozinha. O seu rosto estava cadavérico. Os olhos, tão injetados de sangue que ele se perguntou se ainda haveria algum no resto do seu corpo.

— O.K., Goodnight, seu grande estúpido, ouve-me bem. Tu vais endireitar a tua vida.

Voltou-se para o chuveiro e meteu-se debaixo do miserável fio de água. E, erguendo os olhos ao teto, despiu os *boxers* e a única meia que ainda tinha calçada. Inclinou-se para a frente de modo que a água lhe caísse sobre o cabelo.

Ia sair daquela espelunca, na primeira oportunidade. Entretanto, ia ter de a limpar. Uma coisa era poupar dinheiro e viver naquele apartamento de merda, outra era deixar que ele se transformasse numa fossa por falta de cuidado.

Aquilo não era maneira de se viver, e ele estava farto de si mesmo por se deixar levar. Farto de se matar a trabalhar a semana toda e depois gastar toda a energia com demasiada cerveja, para ficar sempre a sofrer nos domingos de manhã.

Estava na altura de avançar.

Levou uma hora a tomar duche e livrar-se do sabor horrível da sua boca e depois obrigou-se a enfiar alguma coisa no estômago, esperando que lá se mantivesse. Vestiu umas calças de fato de treino velhas e começou a arrumar a sala.

Fez pilhas de roupa suja. Quem diria que tinha tantas roupas? Arrancou os lençóis repugnantes da cama e ponderou deitar-lhes fogo. Mas, no fim, a sua natureza frugal fê-lo usá-los como saco para o resto das roupas e toalhas. Pelo aspeto, decidiu, ia acabar por passar uma boa parte do seu domingo na lavandaria.

Mas, primeiro, pegou na sua toalha mais maltrapilha, rasgou-a em pedaços e usou um deles para limpar o pó da mesa de apoio. Fora ele que fizera aquela peça, um trabalho bom como o raio, e olha como a estava a tratar.

Procurou os lençóis suplentes e, depois de os levar ao nariz, atirou-os diretamente para a pilha de roupa suja.

Entrou na cozinha, descobriu que afinal tinha detergente para a loiça e uma garrafa ainda fechada de *Mr. Clean*. Encheu sacos com lixo, descobriu que não era um rato morto que estava a empestar a casa, mas um porco doce mesmo muito antigo. Despejou detergente no lava-louça. Despejou mais. Os pratos pareciam mesmo com mau aspeto.

Respirou fundo, abriu as pernas como um pistoleiro e lavou pratos num oceano de bolas de sabão.

Depois de lavar as bancadas para ter um sítio onde empilhar os pratos depois de lavados, sentiu-se quase normal.

Como já estava lançado, esvaziou o frigorífico e esfregou-o todo. Abriu o forno, encontrou uma caixa de piza com o que devia ter sido, em algum passado longínquo, os restos de uma piza Havai.

— Céus, sou um porco.

Perguntou-se onde poderia alugar um fato de proteção contra materiais perigosos antes de atacar a casa de banho.

Quase quatro horas depois de se arrastar da cama, tinha dois molhos de roupa suja enfiados no cesto de plástico que estivera a usar como caixote de tralha generalizada, três sacos de lixo que desafiavam qualquer descrição e um apartamento limpo.

Foi um homem orgulhoso que carregou o lixo para o contentor.

De volta a casa, despiu as calças de fato de treino, juntou-as à roupa suja, depois vestiu as suas calças de ganga mais limpas e a *T-shirt* menos ofensiva.

Juntou os trocos que encontrou na cama, debaixo da cama, na sua única cadeira e em vários bolsos. Colocou os óculos de sol que julgara ter perdido semanas antes e pegou nas chaves.

Alguém bateu no momento em que estava prestes a pegar no cesto da roupa suja.

Brad entrou assim que ele abriu.

— Olá. Tentei ligar-te... — ele calou-se, ficou de boca aberta. — Mas que raio! Entrei nalgum universo alternativo?

— Fiz umas limpezas.

— Umas? Meu, agora até pode cá viver um ser humano. Tens uma cadeira!

— Sempre tive uma cadeira. Só que estava enterrada. Vou à lavandaria, queres vir? Às vezes, há lá miúdas giras.

— Talvez. Olha, tentei ligar-te há algumas horas, deu sempre impedido.

— Devo ter deixado cair o telefone do descanso, ontem à noite. O que se passa?

— Merda da grossa — Brad entrou na cozinha, parou espantado por um momento e depois tirou uma Cola do frigorífico. — Houve um incêndio no prédio da Mandy, ontem à noite.

— Um incêndio? Jesus, que espécie de incêndio? Ela está bem?

— Está. Muito abalada. Foi para a casa da Cammie. Acabei de vir de lá. Pensei que ela ia precisar de relaxar, percebes? Apareceu nas notícias.

— Ainda não liguei a televisão. Tenho estado a ouvir Black Sabbath. Ajuda-me a concentrar. Foi muito mau o fogo?

— Muito mau — Brad deixou-se cair na cadeira. — Começou no andar de cima. Dizem que parece que estava a fumar na cama — ele pas-

sou uma mão sobre o rosto, enfiando os dedos debaixo dos óculos para os pressionar contra os olhos. — Jesus, Bo, morreu um tipo. Quero dizer, todo queimado, juntamente com a casa toda. Apanhou quase todo o segundo andar, parte do terceiro. A Mandy saiu e deixaram-na entrar para ir buscar algumas das suas coisas, mas ela está em farrapos. Era o tipo de gravata. Eeh, Josh. Lembras-te, aquele tipo do andar de cima?

— Céus, ele morreu? — Bo deixou-se cair no sofá.

— Foi muito mau. A Mandy mal consegue falar do assunto. O tipo morreu e há mais alguns no hospital com queimaduras ou por inalação de fumo. Ela disse que deve ter começado mesmo depois de tu a deixares em casa. Ela ainda estava acordada a ver televisão quando ouviu pessoas a gritar, e os alarmes a disparar.

— Ele ia a um casamento — murmurou Bo. — E não conseguia apertar a gravata.

— Agora está morto — Brad bebeu um longo gole da lata de Cola. — Faz-nos pensar, faz-nos perceber como pode ser curta, a viagem.

— É — Bo tinha a imagem do tipo morto na cabeça, com o seu fato e um sorriso acanhado no rosto. — É, faz-nos pensar.

* * *

Não costumava haver muito movimento nos domingos à tarde. Havia quem aparecesse tradicionalmente depois da missa, mas a maioria das pessoas voltava para casa para o jantar. Reena e Xander ficaram no turno de depois-da-missa com a prima de Pete, Mia, a servir às mesas e Nick Casto nas entregas e no trabalho da loiça.

Tinham Tony Bennet a tocar na pequena aparelhagem porque os clientes habituais de domingo gostavam, mas Xander fazia as pizzas e *calzones* na grande bancada de trabalho com Pearl Jam a tocar baixinho nos auscultadores.

Reena gostava de estar na cozinha quando a procura era pouca e de sair para a zona de refeições, de tempos a tempos, para passar pelas mesas, como o seu pai fazia.

Fran daria continuidade ao negócio — isso já estava decidido —, mas Reena sempre trabalharia ali algum tempo. Se não tivessem convidados para o jantar, ela e Xander podiam sair depois do turno e assistir ao último torneio de *boccia*, ou jogar à bola com uns amigos.

Mas, uma vez que teriam um convidado — e que o convidado era, por acaso, o seu namorado —, ela iria para casa para ajudar a mãe com o jantar.

Dali a poucas horas, estaria em casa a pôr a mesa com a toalha e a

loição para as visitas. A mãe estava a fazer o seu prato especial de frango com rosmaninho e presunto, e haveria tiramisú para a sobremesa.

Havia flores do casamento de Bella.

Ele estaria envergonhado, pensou ela enquanto empratava risoto. Mas a sua família iria fazê-lo ultrapassar isso. Não se podia esquecer de instruir Fran para ela pedir a Josh que falasse da sua escrita.

Fran era ótima a fazer as pessoas descontraírem.

A cantarolar ao som de Tony, Reena levou os pratos para os servir pessoalmente.

— Então, a tua irmã já é uma mulher casada.

— É verdade, senhora Giambrisco.

A mulher fez um aceno com a cabeça, lançou um olhar para o marido, que estava já a atacar o seu risoto.

— Apanhou um rico, segundo ouvi dizer. É tão fácil uma pessoa apaixonar-se por um homem rico como por um pobre.

— Pode ser — pessoalmente, Reena perguntou-se como seria estar apaixonada por qualquer tipo de homem. Talvez se estivesse a apaixonar por Josh e não o soubesse.

— Não te esqueças — a senhora Giambrisco agitou o seu garfo. — Talvez os rapazes andem por aí a rondar as tuas irmãs, mas o teu dia há de chegar. Este marido da tua irmã, tem algum irmão?

— Tem. É casado, tem um filho e outro a caminho.

— Talvez um primo, então.

— Não se preocupe, senhora Giambrisco — disse Xander da sua mesa de trabalho. — A Catarina já tem namorado — beijou os dedos na direção dela. — Ele vem cá jantar esta noite para o papá lhe poder dar um bom apertão nos calos.

— Assim é que deve ser. O rapaz é italiano?

— Não. E ele vem para comer frango — retorquiu ela para Xander. — Não para lhe apertarem os calos. Bom proveito.

Lançou um olhar furibundo a Xander a caminho da cozinha, mas estava secretamente satisfeita por poder ser arrelhiada por causa do namorado.

Olhou para o relógio, pôs *penne* no forno e estava a servir esparguete *puttanesca* quando Gina entrou a correr.

— Reena.

— Precisa de mais alguma coisa? — Ela agarrou no jarro de água e encheu os copos da mesa. — A mamã hoje fez *zabaglione*, se quiser guardar algum espaço.

— Catarina — Gina agarrou-a pelo braço e afastou-a da mesa.

— Jesus, qual é o problema? Eu saio daqui a meia-hora.

— Não soubeste?

— Não soube o quê? — viu finalmente a intensidade nos olhos de Gina, os seus olhos chorosos. — O que aconteceu? O que se passa? É a tua avó?

— Não. Oh, Deus, não. É o Josh. Oh, Reena, é o Josh.

— O que aconteceu? — os seus dedos ficaram dormentes sobre a pega do jarro. — aconteceu-lhe alguma coisa?

— Houve um incêndio, no seu apartamento. No seu apartamento, Reena... Vamos ali para trás.

— Diz-me — ela soltou-se da mão de Gina, e entornou água sobre a borda do jarro, que lhe molhou a mão. — Está ferido? Está no hospital?

— Ele... Oh, santa Maria. Reena, não chegaram a tempo, não o salvaram a tempo. Ele morreu.

— Não, não morreu — a sala dançou na frente dos seus olhos. Um lento, nauseante, círculo de paredes amarelas, desenhos coloridos, toalhas aos quadrados vermelhos e brancos. Dean Martin cantava o *Volare* com a sua cremosa voz de barítono.

— Não, não morreu. O que é que se passa contigo, para me vires dizer uma coisa dessas?

— Foi um acidente, um acidente horrível — gordas lágrimas escorriam pela face de Gina. — Reena, oh, Reena.

— Estás enganada. Isto é um engano. Eu vou-lhe telefonar e tu vais ver. Eu telefono-lhe já.

Mas, quando se voltou, Xander estava ali, a cheirar a farinha, como o seu pai. Os braços dele fecharam-se com força à sua volta.

— Anda, vamos lá para trás. Mia, chama o Pete, diz-lhe que precisamos dele aqui.

— Não, deixem-me. Eu tenho de lhe ir ligar.

— Anda sentar-te aqui — Xander pegou no jarro de água antes que ela o deixasse cair e passou-o a Mia.

— Ele vem cá jantar. Se calhar até já saiu. O trânsito... — começou a tremer enquanto Xander a puxava para dentro.

— Senta-te. Faz o que te estou a dizer. Gina, tens a certeza? Não há nenhum engano?

— Soube pela Jen. Uma amiga dela vive no mesmo prédio. Ela... a amiga dela vive mesmo em frente ao Josh. Levaram-na para o hospital — Gina limpou as lágrimas com as costas da mão. — Ela vai ficar bem, mas teve de ir ao hospital. O Josh... o fogo começou no apartamento dele, foi o que disseram. Não conseguiram lá entrar antes... Apareceu nas notícias, até. A minha mãe ouviu nas notícias.

Sentou-se aos pés de Reena e pousou a cabeça sobre o colo dela.

— Tenho muita pena, muita pena.

— Quando? — Reena olhava diretamente em frente, não via nada. Nada senão cinzento, como fumo. — Quando foi que isso aconteceu?

— Não tenho a certeza. Ontem à noite.

— Tenho de ir para casa.

— Eu levo-te. Toma — Xander passou-lhe um copo de água. — Bebe isto.

Ela pegou no copo, olhou para ele.

— Como? Disseram como começou?

— Acham que devia ter estado a fumar na cama e que adormeceu.

— Isso não pode ser. Ele não fuma. Não pode ser.

— Preocupamo-nos com isso depois. Gina, liga à minha mãe, e podes esperar aqui até o Pete descer? Nós vamos para casa, Reena. Saímos pelas traseiras.

— Ele não fuma. Talvez não fosse ele. Enganaram-se.

— Já vamos descobrir isso. Ligamos ao John, quando chegarmos a casa — disse Xander enquanto a fazia levantar. — Agora, vamos para casa.

Foi atingida pela luz do Sol e o calor de junho. Sem saber como, estava a andar, a pôr um pé na frente do outro, mas não sentia as pernas.

Ouviu crianças a brincar ao virar a esquina, a chamarem-se umas às outras à maneira das crianças. E a música alta que jorrava dos rádios dos carros que passavam. E a voz do irmão a murmurar-lhe.

Ela sempre recordaria como Xander a levava para casa, os dois ainda de aventais vestidos. Xander a cheirar a farinha. O Sol brilhante a magoar-lhe os olhos, e o braço dele, forte e firme, em volta da sua cintura. Umas meninas a brincar com uma bola saltitona no passeio, outra sentada nos degraus de mármore branco numa intensa conversa com a sua *Barbie*.

De uma janela vinha o som de ópera — *Aida* — que soava como lágrimas. Ela não chorou. As lágrimas de Gina tinham sido tão grandes, tão rápidas, mas os seus olhos permaneciam dolorosamente secos.

Depois, ali estava a mamã, a sair da casa, deixando a porta aberta atrás de si. A mamã, a descer o passeio na sua direção, como fizera uma vez quando ela caíra da bicicleta e abriu o pulso.

E quando os braços da mãe se fecharam à sua volta, apertados, apertados, apertados, tudo aquilo se tornou real. Parada no passeio, abraçada pela mãe e o irmão, Reena afogou-se em lágrimas.

* * *

Foi levada para a cama e a mãe ficou com ela durante a tempestade de lágrimas. E estava com ela quando acordou de um sono fino, atormentado por uma dor de cabeça.

— O John já telefonou? Apareceu?

— Ainda não — Bianca acariciava o cabelo de Reena. — Disse que ia levar algum tempo.

— Eu quero ir ver. Quero ver com os meus próprios olhos.

— E o que foi que ele disse acerca disso? — perguntou Bianca gentilmente.

— Que não devia — a sua própria voz soava-lhe fina aos ouvidos, como se estivesse doente há muito tempo. — Que não me deixariam entrar. Mas...

— Sê paciente, *cara*. Eu sei que é difícil. Tenta dormir mais um pouco. Eu fico aqui contigo.

— Não quero dormir. Pode ser um engano.

— Vamos aguardar. É a única coisa que podemos fazer. A Fran foi à igreja acender uma vela e rezar, para eu poder ficar aqui contigo.

— Não consigo rezar. Não consigo pensar em palavras.

— Não são as palavras, sabes bem.

Reena inclinou a cabeça, viu o rosário na mão da mãe.

— Tu tens sempre palavras.

— Se precisas de palavras, podes dizê-las comigo. Começaremos um rosário — ela pôs o crucifixo pendurado na mão de Reena. Respirando fundo, Reena benzeu-se com ele, depois pegou na primeira conta minúscula.

— Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra.

Rezaram o rosário, a voz baixa da mãe a fundir-se com a sua. Mas não podia rezar pela alma de Josh, nem pela graça de aceitar a vontade de Deus. Rezava por que fosse um engano. Rezava para acordar e descobrir que era tudo um pesadelo horrível.

Quando Gib chegou à porta do quarto, viu a sua filha deitada com a cabeça no colo da mulher. Bianca ainda tinha o rosário na mão, mas estava agora a cantar baixinho — uma das canções de embalar que cantara a todos os filhos quando eles tinham medo à noite.

Os olhos de ambos encontraram-se, e ele percebeu que ela via o que estava nos seus, porque o seu rosto transpareceu a dor.

— O John está aqui — ele esperou, sentiu o baque quando Reena voltou a cabeça, olhou para ele com uma esperança nua. — Queres que ele suba, pequenina?

Os lábios de Reena tremeram.

— É verdade?

Ele não disse nada, apenas correu para ela, pousou os lábios sobre a sua cabeça.

— Eu vou descer. Vou descer agora.

Ele estava à espera na sala, com Xander e Fran. Se ela lera tristeza na cara do pai, era compaixão que havia na de John. Ela ia ser forte, de alguma maneira conseguiria ser forte, porque não havia mais nada que pudesse fazer.

— Como? — a voz saiu rouca, e ela abanou a cabeça antes de ele poder responder. — Obrigada. Obrigada por fazeres isto, por vires falar comigo. Eu...

— Chh — ele deu um passo em frente para lhe pegar nas mãos. — Vamos sentar-nos todos.

— Fiz café — Fran ocupou-se a servir as chávenas. — Reena, trouxe-te uma *Pepsi*. Eu sei que não gostas de café, por isso... — Ela parou, ergueu as mãos, num gesto de impotência. — Não sabia que mais podia fazer.

— Está tudo bem — Bianca conduziu Reena a uma cadeira. — Senta-te, por favor, John. A Reena precisa de saber tudo o que lhe puderes dizer.

Ele coçou o nariz e sentou-se.

— Falei com o comandante dos bombeiros, o investigador, e alguns dos bombeiros, e a polícia. O fogo está a ser considerado accidental, causado por um cigarro.

— Mas ele não fumava. Disseste-lhe que te tinha dito que ele não fumava?

— Falei-lhes disso, Reena. As pessoas que não fumam habitualmente podem fumar um cigarro de tempos a tempos. Talvez alguém lhe tenha deixado um maço em casa.

— Mas ele nunca fumava. Eu... eu nunca o vi fumar.

— Ele estava sozinho no apartamento, não há sinais de arrombamento. Ele estava... Parece que estava sentado ou deitado na cama, possivelmente a ler ou a escrever. Um cigarro caído no colchão. O ponto de origem e o progresso do fogo são bastante claros. Começou com um fogo pequeno, no colchão, apanhou-lhe os lençóis. Ele deve ter acordado, ficou tonto e confuso pelo fumo. Ele caiu, querida. Caiu ou rebolou da cama, levando com ele os lençóis. Que funcionaram como um rastilho. O... o médico legista vai fazer os exames e o investigador vai dar mais uma vista de olhos por cortesia profissional, mas, neste ponto, não há razões para suspeitar que tenha sido outra coisa que não um trágico acidente.

— Vão procurar drogas. Fazer um rastreio para procurar drogas ou álcool. Ele não usava drogas e não bebia muito. E não fumava. A que horas começou o fogo?

— Por volta das onze e meia, ontem à noite.

— Eu estive com ele. No apartamento. Estive lá até perto das dez. Fui lá com ele depois do casamento. Nós... desculpa, papá... fizemos amor. Ele

perguntou-me se queria passar lá a noite porque o colega de quarto estava fora da cidade, mas eu pensei que era melhor voltar para casa. Se tivesse ficado...

— Tu não sabes se alguma coisa teria acontecido de maneira diferente se tivesses ficado — interrompeu John. — Tu não fumas.

— Não.

— O mais provável é que ele soubesse isso e não quisesse fumar perto de ti.

— Examinaste o local? Foste...

— Reena, fica fora da minha jurisdição. É em Prince Georges County, e as pessoas que lá estão são competentes. Eu vi as fotografias tiradas no local, os esquemas, os relatórios... mais uma vez, mostraram-mas por cortesia profissional. Eu teria chegado à mesma conclusão. Querida, já lidaste com fogo posto em primeira mão, e percebes como é feito. Mas estás a estudar este tipo de investigação e sabes que, por vezes, este tipo de tragédia é um acidente.

— Pastorelli...

— Está em Nova Iorque. Só para ter a certeza, eu pedi à polícia local para confirmar. Ele estava em Queens, ontem à noite. Tem um emprego como porteiro noturno e parece que está confirmada a sua presença. Não podia ter vindo a Maryland e regressado a Nova Iorque para picar o ponto à meia-noite e seis. Que foi a hora em que picou.

— Então, simplesmente... aconteceu? Porque é que isso torna tudo pior?

— Porque estás à procura de respostas, e não há nenhuma.

— Não — ela baixou o olhar para as próprias mãos e sentiu um pedaço do seu coração partir-se e desfazer-se em pó. — Por vezes, as respostas não são aquelas que procuramos.

8.

Baltimore, 1996

Que dificuldade podia haver? Reena contornou o edifício com um aspeto inócuo, alcunhado como “o labirinto”. Talvez tivesse ganho uma reputação quase mítica no quartel, mas não provocava qualquer medo no seu coração. Claro, ela já ouvira as histórias, as anedotas, os avisos a respeito do que os recruta enfrentavam no interior daquela caixa, mas, a sério, não era apenas uma questão de se manterem concentrados?

Ela já passara pelo treino em edifícios a arder, ali mesmo, na Acade-

mia. Já passara pelo *stress* físico. Subira escadas, descera paredes em papel — com o equipamento completo. Já fizera turnos — principalmente como observadora, é certo —, mas já participara ativamente em dois incêndios residenciais.

E carregar uma mangueira a funcionar não era para fracos de corpo nem de coração.

Agora já era polícia, não era? E orgulhava-se de envergar o seu uniforme. Mas, se queria ascender a detetive da brigada de incêndios, ou usar um distintivo dessa unidade, ela precisava de compreender o fogo por dentro. Enquanto não conseguisse fazer o que um bombeiro fazia, enquanto não o *fizesse realmente*, não alcançaria o seu objetivo pessoal.

E não apenas em laboratório, não apenas em simulações. Não ficaria satisfeita com nada menos do que a situação real.

Estava em boa forma, lembrou-se a si mesma. Trabalhara arduamente para desenvolver músculos na sua estrutura ossuda. Do tipo de músculos capazes de a fazer subir, com todo o equipamento, cinco andares a correr.

Ela merecera aquele ritual de passagem e ganharia o respeito dos homens e mulheres na linha da frente da batalha contra o fogo.

— Não tens de fazer isto, sabes?

Ela voltou-se e olhou para John Minger.

— Tenho, sim. Por mim. E tenho a certeza que o consigo.

— Que raio de maneira de se passar uma linda manhã de sábado.

Nisso tinha de lhe dar razão. Mas aquela era a sua missão e, de uma maneira que não sabia explicar, a sua recompensa.

— O Sol ainda vai estar a brilhar quando eu sair. Ainda vai haver pássaros a cantar — mas ela estaria diferente. Pelo menos, era o que esperava. — Eu fico bem, John.

— Se não ficares, a tua mãe arranca-me a cabeça — ele desviou o olhar, estudou o labirinto. Estava quase com sessenta anos.

As linhas em volta dos seus olhos eram profundas.

Ele confiava naquela rapariga, tinha um orgulho paternal nas suas conquistas e na forma determinada como perseguia os seus objetivos. Mas com o orgulho vinha a preocupação.

— Nunca vi ninguém treinar tanto como tu.

O rosto dela foi assomado por uma expressão de surpresa, um instante antes do seu sorriso.

— Que simpático.

— Tens-te esforçado muito, nestes últimos anos, Reena. O treino, o estudo, o trabalho — e ele perguntou-se se o que se acendera nela onze anos antes fora exacerbado no dia em que o rapaz de que ela gostava morrera pelo fogo. — Andas muito depressa.

— Há alguma razão para andar devagar?

Era difícil explicar a uma rapariga de vinte e dois anos como havia muito mais vida, que não se tratava apenas de viver, mas de saborear.

— Ainda és nova, querida.

— Eu consigo fazer o labirinto, John.

— Não estou a falar apenas do labirinto.

— Eu sei — ela deu-lhe um beijo no rosto. — Era uma metáfora da vida que tenho levado. Isto é o que eu quero. O que sempre quis.

— Bem, fizeste bastantes sacrifícios para cá chegar.

Ela não pensava dessa maneira. Verões passados a trabalhar, estudar, treinar, eram investimentos no futuro. Para acrescentar a isso, havia a fúria, a descarga de adrenalina que experimentava quando vestia o seu uniforme, ou quando ouvia alguém chamar-lhe «agente Hale». O coração a bater com mais força, o estômago a apertar-se quando se via rodeada por fogo, envolvida na batalha.

Ou a absoluta exaustão que vinha após a guerra.

Ela nunca seria como Fran, serenamente satisfeita por gerir um restaurante, ou Bella, a fazer malabarismos de agendamento de sessões no cabeleireiro e almoços.

— Eu preciso disto, John.

— Sim, eu também sei isso — de mãos nos bolsos, ele acenou com a cabeça na direção do labirinto. — O.K. Aquilo ali dentro é difícil, Reena. Não podes entrar toda convencida.

— Não vou entrar convencida. Vou só sair convencida. Aqui vêm uns bombeiros — ergueu uma mão num cumprimento e arrependeu-se de não se ter dado ao trabalho de se maquilhar.

Steve Rossi, moreno e magro, com olhos de *cocker spaniel*, era o atual namorado de Gina. Um fogo lento que se transformara em fervura desde que Reena os apresentara, seis semanas antes. Mas o colega que vinha com ele, o Adónis bronzeado de calças de ganga e *T-shirt BFD*, tinha grandes possibilidades.

Ela já almoçara com Hugh Fitzgerald — e uma cozinha cheia de outros bombeiros — no quartel. Tinham jogado *poker*, tomado umas cervejas. E, depois de alguns avanços mútuos, tinham passado pela história da piza, um cinema, seguida por vários beijos bastante sumarentos.

Mesmo assim, parecia-lhe que, em metade desse tempo, ele via-a apenas como mais um dos homens.

Raios, de fato protetor e botas *Fire Line*, até ela se via como um dos homens.

— Olá — disse a Steve —, o que fizeste à minha amiga?

— Está a dormir como um bebé. Não consegui fazê-la mexer-se para vir. Estás pronta?

— Pronta — olhou para Hugh. — Vieste ver?

— Acabei agora mesmo o turno, mas não me importava de trocar, para o caso de precisares de reanimação.

Ela riu-se e começou a vestir o fato protetor, enfiando as calças protetoras, ajustando os suspensórios.

— Se vocês os dois passaram, eu também passo.

— Não tenho a mínima dúvida disso — concordou Hugh. — Mais dura do que tu é impossível.

Não era exatamente o tipo de descrição que uma mulher gostava de ouvir de um potencial amante, pensou Reena. Mas, quando se trabalha num clube de rapazes, acaba-se muitas vezes como um dos rapazes. Ela prendeu o longo cabelo encaracolado num rabo-de-cavalo e colocou o capuz.

Não, ela nunca teria a feminilidade inata das suas irmãs, mas, por Deus, teria um certificado de aptidão profissional antes do final do verão.

— Podíamos ir comer qualquer coisa, quando acabares — sugeriu Hugh.

Ela apertou o casaco, pesado ao calor de agosto, e ergueu os olhos. Os dele eram como água de um lago, pensou ela, fascinantes, entre o azul e o cinzento.

— Tudo bem. Pagas tu?

— Se passares pelo labirinto, pago eu — depois de a ajudar com o seu tanque, deu-lhe uma palmada amigável no ombro. — Se desistires, pagas tu.

— Combinado — lançou-lhe um sorriso tão soalheiro como o dia, colocou máscara e capacete.

— Verificação de rádio — ordenou John.

Ela verificou o seu rádio, o seu equipamento e ergueu um polegar para John.

— Eu vou-te guiando — disse ele. — Não te esqueças de controlar a respiração. O pânico é que provoca problemas.

Ela não entraria em pânico. Era um teste, apenas mais uma simulação. Foi respirando de forma regular e normal enquanto esperava que John carregasse no seu cronómetro.

— Vai.

Era escuro como um túmulo e quente como o sétimo círculo do Inferno. Era fantástico. Um espesso fumo preto ocupava o espaço do ar, por isso ela ouvia a sua própria respiração, um pouco ruidosa, enquanto aspirava o oxigénio do seu tanque. Ela orientou-se, colocou os pontos cardeais

na sua cabeça antes de ir avançando às cegas, toda mãos, pés, instinto. Encontrou uma porta.

Passou a porta. Pelo seu rosto, escorriam já gotas de suor.

Havia alguma espécie de obstáculo. Tentou medi-lo com as mãos enluvadas, localizou o espaço baixo e apertado e passou por baixo de cócoras.

Podia haver pessoas presas lá dentro. Era esse o propósito daquele exercício. Ela devia revistar o “edifício”, descobrir quaisquer sobreviventes ou vítimas e sair novamente. Fazer o trabalho. Salvar vidas. Continuar viva.

Ouviu a voz de John, estranha e desconhecida naquele buraco negro, a pedir o ponto da situação.

— Tudo bem. Cinco estrelas.

Foi avançando às apalpadelas ao longo de um corredor, depois viu-se obrigada a passar por uma abertura estreita. Estava a começar a perder o sentido de orientação e parou para recuperar.

Calma, vai com calma, ordenou-se a si mesma. Entra, atravessa, sai.

Mas não havia mais nada senão escuridão, e fumo, e um calor indescritível.

Chegou a um beco sem saída, sentiu o primeiro fio de pânico na sua garganta, ouviu-o na respiração rápida e ofegante.

A voz de John disse-lhe para manter a calma, manter a concentração. Ficar atenta à respiração.

Depois, o chão abriu-se debaixo dela.

Ela soltou um grunhido com o impacto, conteve a respiração, sentiu desaparecer mais um pouco do seu controlo.

Estava cega e, por um momento aterrador, sentiu-se surda quando o sangue lhe fez zumbir os ouvidos. O suor agora era um rio, escorrendo-lhe pelo rosto, pelo corpo debaixo do fato protetor. O seu equipamento pesava quinhentos quilos e a máscara estava a asfixiá-la.

Enterrada viva, pensou. Estava a ser enterrada viva em fumo. Sobreviventes? Ninguém podia sobreviver àquele sufocante inferno negro.

Por um momento, debateu-se com a necessidade desesperada de se livrar do equipamento, de se libertar.

— Reena, verifica a tua respiração. Eu quero que abrandes a respiração e me dês o teu ponto de situação.

Não consigo. As palavras estiveram quase a sair. Ela não conseguia. Como é que alguém podia fazer aquilo? Como era possível pensar quando não via nada, não respirava, quando cada músculo do seu corpo gritava de tensão? Ela queria abrir um buraco nas paredes, no chão, com as unhas. Sair para a luz, para o ar.

Tinha a garganta em fogo.

Fora assim para Josh? Agora, as lágrimas arderam-lhe nos olhos, porque conseguia vê-lo. Agora não havia pontos cardeais na sua mente, mas aquela cara doce, aquele sorriso tímido, aquela cortina de cabelo quando ele baixava a cabeça. Teria ele estado consciente tempo suficiente para se sentir cegado, sufocado pelo fumo antes de ser apanhado pelo fogo? Teria entrado em pânico, teria lutado, lutado por ar suficiente para pedir ajuda?

Oh, Cristo, teria percebido o que estava a acontecer?

Isso, claro, era uma das razões por que ali estava, naquele odioso buraco de calor e sofrimento. Para saber como era. Para compreender. E para sobreviver.

Pôs-se de gatas. Não estava a morrer, disse-se a si mesma, mesmo que lhe parecesse estar no seu próprio caixão.

— Eu estou bem. Caí num dos alçapões. Tudo bem. Vou continuar.

Levantou-se, avançou. Não havia agora qualquer sentido de direção, apenas movimento. Mais uma porta, mais um beco sem saída.

Como é que aquela coisa podia ser tão grande, raios?

Subiu por uma abertura. Cada músculo do seu corpo estava a tremer, e ela suave como água. O tempo e o espaço confundiam-se. Os seus olhos esforçavam-se por ver... ver qualquer coisa. Luz, forma, sombra.

Fumo e desorientação, pânico e medo. Matavam tão insidiosamente como uma queimadura. O fogo não era apenas chama, não fora o que aprendera? Era fumo e vapor, chãos enfraquecidos, tetos caídos. Era um pânico repressivo e ofuscante. Era exaustão.

Caiu noutra alçapão — seria o mesmo? — e estava demasiado cansada para praguejar.

Sentiu outra parede. Que espécie de sádico teria construído aquela coisa, perguntou-se. Enfiou o corpo por mais outra abertura, encontrou outra porta.

E, ao abri-la, saiu de rompante para a luz.

Arrancando a máscara, inspirou fortemente, levou as mãos aos joelhos enquanto a sua cabeça andava à roda.

— Bom trabalho — disse-lhe John, e ela conseguiu erguer a cabeça o suficiente para lhe ver o rosto.

— Quase cedi algumas vezes, lá dentro.

— O quase não conta.

— Ensinou-me uma coisa.

— O quê, querida?

Ela pegou na garrafa que ele lhe estendia, bebeu como um camelo.

— Quaisquer dúvidas que pudesse ter a respeito de seguir investigação em vez de apagar fogos foram postas de lado. Não é assim que quero passar o meu tempo.

Ele ajudou-a a soltar-se do tanque, deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Saíste-te bem.

Ela bebeu novamente, depois pousou a garrafa no chão para mais uma vez se apoiar sobre os joelhos. Uma sombra passou na sua frente, fazendo-a levantar a cabeça de novo enquanto Hugh se aproximava. Ele imitou a sua posição, sorriu para ela.

Ela sorriu também e, embora sentisse a respiração ofegante, sentiu o riso subir pela sua garganta. Tanto de alívio como de triunfo.

Ele riu-se com ela e apanhou-lhe o capacete quando ela o atirou para o chão.

— É lixado, não é?

— Muito lixado.

— Parece que vou ter de te pagar um pequeno-almoço especial no Denny's.

Ela riu-se novamente, e deixou a cabeça pender-lhe entre os joelhos.

* * *

— Depois, quando entrei para os balneários e me vi ao espelho... — Reena estremeceu, mudou o saco de compras para a outra mão, a sua recompensa pessoal de uma tarde no centro comercial White Marsh com Gina. — O meu cabelo era um monte de cordões frisados a cheirar a suor. A minha cara estava toda preta do fumo. E eu fedia. Fedia seriamente.

— E, mesmo assim, ele convidou-te — lembrou-lhe Gina.

— Mais ou menos — ela fez uma pausa, distraída por um sensual par de sapatos vermelhos numa montra. — Pequeno-almoço no Denny's. Rimo-nos um pouco. E, amanhã, vamos lançar umas bolas. Não é que eu não goste de passar uma hora num túnel de batimento³, Gina, mas não me importava de ir a um jantar elegante, de vez em quando. Do tipo que poderia justificar eu comprar aqueles sapatos.

— Oh, são fabulosos. Tens de os comprar.

Como era o seu dever de melhor amiga, Gina arrastou Reena para dentro da loja.

— Custam oitenta e sete dólares — disse Reena, enquanto olhava o preço na sola.

— São sapatos. Uns sapatos *sexy*, vermelhos! Não têm preço.

— Têm, sim, para o salário de uma estagiária da polícia. Mas eu

³ No original, *batting cage*: estrutura utilizada para aquecimento ou treino de batimentos no basebol. (N. do T.)

quero-os. Têm de ser meus — Reena comprimiu os sapatos contra o peito. — Não podem ser para mais ninguém. Mas vão ficar fechados no meu armário.

— E?

— Tens razão — encontrou um empregado, deu-lhe o sapato e o seu número e depois sentou-se com Gina e os seus sacos. — Vão ser a minha recompensa por ter sobrevivido ao labirinto. E não me digas que a roupa que acabei de comprar é que era, supostamente, a minha recompensa.

— Porque é que havia de dizer? — e a genuína surpresa na voz de Gina fez Reena sorrir. — Essa foi a tua recompensa de há vinte minutos. Esta é a tua recompensa atual.

— Adoro-te.

Inclinou a cabeça para olhar para a amiga. Gina deixara o cabelo crescer, e usava-o caído numa massa de ondas cor de ébano.

— Estás com um ar muito... sonhador.

— Eu sinto-me sonhadora — Gina ergueu os ombros, envolveu-se num auto-abraço. — O Steve é... É forte e duro e doce, e esperto. Reena, ele é o tal.

— O tal?

— O único. Vou casar com ele.

— Tu... Gina! Quando? Andamos às compras há mais de uma hora e só agora é que me dizes uma coisa destas?

— Ele ainda não me pediu. Mas vou trabalhá-lo bem nesse sentido — acrescentou, acenando com a mão. — Acho que nos devíamos casar em maio. Ou talvez esperar até setembro. Estou a pensar talvez em setembro, porque aí podia usar todas aquelas magníficas cores de outono. Tu deves ficar muito bem de ouro velho. Ou de castanho-avermelhado.

Era, na mente de Reena, um enorme salto, passar do «gajo podre de bom» à escolha de cores de casamento. Mas era típico de Gina saltar etapas.

— Tu queres mesmo casar-te.

— Quero mesmo. Eu sei que pode ser difícil, ser a mulher de um bombeiro — retirou uma caixa de *Tic Tacs* de hortelã do saco, libertou algumas, ofereceu a Reena. — Os turnos são longos e o trabalho é perigoso. Mas ele faz-me tão feliz. Oooh, sapatos vermelhos. Experimenta-os!

Obedientemente, Reena calçou os sapatos que o empregado lhe trouxera. Levantou-se, testando-os, admirando-os num espelho baixo.

Enquanto ela experimentava sapatos vermelhos que não devia comprar e provavelmente nunca usaria, Gina estava a planear um futuro. Ao mesmo tempo que preferia os sapatos, sentiu uma pequena ponta de inveja na barriga.

— E o Steve está a pensar em casar?

— Não, ainda não. Eu também não estava até esta manhã, quando ele se veio despedir de mim com um beijo. Eu pensei, Oh, meu Deus, estou apaixonada, e estou mesmo a ver-me a acordar todos os dias com este tipo. Eu nunca tinha visto isso com outra pessoa. Vais comprar esses sapatos, Reena. Não te dou hipótese de escolha.

— Bem, nesse caso — ela sentou-se e descalçou-os novamente. E teve dificuldade em engolir quando pegou no cartão de crédito para os pagar. — Estou a ser irresponsável.

— Não, estás a ser uma rapariga. Não faz mal.

— Estou a compensar — suspirou. — Eu sei. A minha melhor amiga está apaixonada e eu nem sequer consigo um encontro a sério.

— Oh, claro que consegues. Olha-me só para ti! Toda bronzeada, e tonificada, e linda. Só precisas de cinco minutos para te arranjares de manhã. Eu levo uma hora, se tiver sorte.

— Eu visto um uniforme — lembrou-a Reena. — Não é preciso ser-se um génio do guarda-roupa — abanou a cabeça. — Vou parar com isto imediatamente. Gosto muito do Steve, era isso que devia estar a dizer. E se ele não tiver o bom senso para te agarrar rapidamente, precisa de um bom pontapé no traseiro.

— Obrigada.

— Se calhar, vou eu convidar o Hugh para um jantar elegante. Só que, oh, céus, acabei de gastar noventa e um dólares e trinta cêntimos em sapatos.

— Vamos todos jantar fora. Eu faço o Steve organizar tudo.

— Aí está a melhor amiga do mundo.

— O que significa que me emprestas os teus sapatos.

— São um bocado grandes para ti.

— Como se isso tivesse importância. Sabes, podias convidar o Hugh para o casamento da Fran.

— Isso é só em outubro — Reena pegou nos seus sacos e proibiu-se de gastar um só cêntimo mais naquele centro comercial. — Por essa altura, podemos já nem andar.

— Vadia.

— Oh, se fosse mesmo isso. Eu admito livremente que não ando à procura do Príncipe Encantado. Nem sequer tenho a certeza de que quero alguém agora. Só que este tem um corpo. E nós temos, definitivamente, alguma química juntos.

Saíram da loja e juntaram-se à multidão de clientes de sábado.

— E eu não estou sonhadora — acrescentou Reena.

— Pois, olha que me pareces bem no mundo da lua.

— Oh, e estou, sim, mas não estou sonhadora. Não sonhadora do

tipo apaixonada — parou junto a outra montra. — Não estou como tu estás hoje, nem como a Fran estava no dia em que conheceu o Jack.

— Ele é tão querido.

— Pois é, e é perfeito para ela. Vão ser ridiculamente felizes. E eu não quero encontrar já o tipo perfeito. O que é que faria com ele?

— Ser ridiculamente feliz?

Reena abanou a cabeça.

— Não sei. Há coisas que preciso de fazer primeiro. O tipo perfeito e o amor sonhador só iam atrapalhar.

* * *

Arrastar os pés não servia de nada, mas Bo arrastava-os na mesma.

— Eu não quero ir fazer compras. Não quero.

— Oh, para lá de chorar — Mandy usava a mão sobre o seu braço como uma coleira enquanto o ia puxando. — És ou não o meu melhor amigo e, por vezes, o meu companheiro de cama?

— E mereço ser castigado por isso? Porque é que arrastas o teu melhor amigo e ocasional companheiro de cama para o inferno de um centro comercial ao sábado?

— Porque preciso deste presente de aniversário hoje. Como é que havia de saber que as últimas semanas iam ser loucamente ocupadas e que me ia esquecer da festa-surpresa desta noite? Oh, olha-me aquele fato.

— Não! Fatos, não. Tu prometeste.

— Mentir. Sabes, a cor verde foi feita para mim e só para mim. E olha só o corte do casaco. Agora faço parte da redação do *The Sun*. Tenho de me vestir como uma profissional. Vou só experimentá-lo. Dois segundos.

Ele fez o gesto de levar uma pistola à cabeça, depois uma corda ao pescoço enquanto ela corria para um provador.

Podia fugir, pensou ele. Podia simplesmente fugir. Não havia um homem no mundo que o pudesse censurar.

Mas, claro, ele também precisava de um presente para a estúpida da festa-surpresa do seu amigo comum. Mandy tinha recusado a sua ideia de comprarem simplesmente uma garrafa de vinho a caminho da celebração.

Mas ela podia comprar a prenda, e depois ele dava-lhe o dinheiro. Que mal tinha?

Onde raio se metera? Porque é que demorava tanto tempo?

— É perfeito — Mandy quase cantava enquanto voltava a dançar para Bo com o seu saco de compras. — Vou vesti-lo esta noite. Só tenho de encontrar os sapatos certos.

— Eu mato-te já.

— Oh, para lá com isso — deu-lhe uma palmadinha com uma mão a cintilar com quatro anéis. A argola na sobancelha passara à história. Bo até tinha algumas saudades. — Podes sentar-te na zona de restauração enquanto eu vou à procura de sapatos. Mas, primeiro, o presente. Antes que o meu cartão de crédito comece a deitar fumo.

Puxou-o para fora da loja e para a barriga da besta. Tudo ecoava, tudo se movia. Bo pensou, sem saudades, na Casa dos Horrores onde pagara para entrar aos doze anos.

— O que achas? Divertido ou prático?

— Quero lá saber. Compra qualquer coisa e tira-me daqui.

Mandy passeava como uma mulher que não só está no seu terreno, como ficaria contente por continuar durante horas. Dias, possivelmente.

— Velas, talvez. Umas velas grandes e sofisticadas. Isso é divertido e prático.

Ela começava a soar como a mãe do Charlie Brown. Apenas um *uah-uah-uah* nasalado. Ele adorava-a, a sério, mas imaginava que o Charlie Brown também adorava a sua mãe. Isso não a tornava mais compreensível.

Pensou que talvez pudesse tentar rezar, e lançou os olhos ao céu.

O som desapareceu. Vozes, música ambiente, crianças a chorar, miúdas a rir.

A sua visão focou-se como um telescópio, como acontecera antes. Ele viu-a com perfeita clareza.

Estava parada no segundo andar, os braços carregados de sacos, aquela massa de caracóis dourados caída sobre os ombros. O seu coração parou de bater.

Talvez algumas orações tivessem sido atendidas antes de pensar em pedir.

Começou a correr, tentando não perdê-la de vista.

— Bo! Bowen! — Mandy gritou, correndo atrás dele. Apanhou-o depois de ele se escapar por pouco de ir de encontro a um bando de adolescentes.

— O que é que se passa contigo?

— É ela — ele mal conseguia respirar, mal sentia os próprios pés. — Ela está ali. Lá em cima. Eu vi-a. Onde estão o raio das escadas?

— Quem?

— Ela — deu meia-volta, viu escadas e correu para elas com Mandy aos seus calcanhares. — A Rapariga de Sonho.

— Aqui? — a voz dela ergueu-se de surpresa e interesse. — A sério? Onde? Onde?

— Ela estava... — parou ao cimo das escadas, ofegante como um cão no calor da caçada. — Ela estava ali, mesmo ali.

— Loura, não é? — já ouvira a história vezes suficientes, e esticou o pescoço para a procurar no meio da multidão. — Cabelo encaracolado. Para o alta, magra?

— Sim, sim. Tem uma camisa azul. Hmm, sem mangas, com colarinho. Raios, onde é que se meteu? Isto não pode estar a acontecer outra vez.

— Vamos separar-nos. Tu vais por aí, e eu por aqui. Cabelo comprido, curto?

— Comprido, solto, por cima dos ombros. Tinha sacos. Muitos sacos de compras.

— Já gosto dela.

Mas, vinte minutos mais tarde, encontraram-se no mesmo sítio.

— Tenho muita pena, Bo, a sério.

Eram tão grandes o desapontamento e a frustração que ele quase se sentia nauseado.

— Eu não acredito que a vi outra vez e não consegui chegar ao pé dela.

— Tens a certeza de que era a mesma rapariga? Já passaram, o quê, quatro anos?

— Sim, tenho a certeza.

— Bem, vê as coisas desta maneira. Sabes que ela ainda anda por aí. Vais voltar a encontrá-la — Mandy deu-lhe um pequeno abraço. — Tenho a certeza.

9.

Excetuando uns sensuais sapatos vermelhos, Reena não conseguia lembrar-se de nada mais divertido numa tarde de domingo do que uma ronda no túnel de batimento. Sol, basebol e um tipo bem giro para os partilhar.

Quem se podia queixar?

Ajustou o seu capacete, avançou para posição e bateu com o taco em cheio na bola que voava na sua direção.

— Tenho de te dizer, Hale. Estás em forma.

Ela sorriu, deu um pontapé na terra, preparou-se para bater outra vez. Talvez ela tivesse preferido que ele estivesse a admirar as formas do seu corpo em vez da sua mestria com o taco, mas o seu lado competitivo não lhe permitira bater como uma rapariga.

— Bem podes crer! — concordou ela, e bateu outra. — Aquela vai direta para o defesa direito.

— Depende do defesa — Hugh bateu também. — Aí vai uma rebatida dupla.

— Depende do corredor.
— Merda — mas ele riu-se e bateu a bola seguinte.
— Por falar em forma, tu também não estás mal. Costumas jogar?
— Joguei na escola — bateu outra bola. — E temos uma equipa de *softball* no quartel. Sou 2.º base.
— Eu vou normalmente para defesa esquerdo, quando faço algum jogo.
— Tens pernas para isso.
— Fiz atletismo na escola secundária — ela fora aconselhada a aprender a correr, e fora o que fizera. — Tinha pensado em continuar na faculdade, mas a minha carga horária era demasiado pesada. Tive de me faltar de marrar. Manter os olhos na bola — disse ela, meio para si mesma, e bateu outra bola.
— Podíamos ir ver um jogo, um dia destes, em Camden Yards.
Ela olhou para ele, sorriu.
— Com todo o prazer.

* * *

Quando ele propôs irem beber uma cerveja e comer qualquer coisa, ela quase sugeriu que fossem ao Siricó's. Ainda não, decidiu. Ainda não estava pronta para o pôr sob o escrutínio da família, ou da rua.

Escolheram um *Ruby Tuesday's* e partilharam *nachos* e *Coors*.

— Então, onde aprendeste a usar o taco?

— Mmm — ela lambeu queijo derretido do pølegar. — Com o meu pai, principalmente. Ele adora o jogo. Conseguíamos sempre ir ver alguns por ano, quando éramos miúdos.

— Pois, tens uma família grande, não é?

— Duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo. Cunhado, sobrinha e sobrinho pela minha irmã do meio. Cunhado a caminho graças à irmã mais velha. Ela vai casar este outono. Tias, tios, primos demasiado numerosos para os contar... e esses são só os direitos. E tu?

— Três irmãs mais velhas.

— A sério? — mais pontos no capítulo dos aspetos em comum, decidiu ela. Ele não ficaria intimidado com uma família grande. — E tu és o príncipe.

— Bem podes apostar — ele sorriu e ergueu o copo num brinde. — São casadas. Têm cinco miúdos, entre todas.

— O que fazem as tuas irmãs?

Ele pareceu não perceber por um momento.

— A respeito do quê?

— Trabalho.

— Não trabalham. São... sabes como é, donas de casa.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele enquanto bebia mais um gole de cerveja.

— Eu ouvi dizer que isso é trabalho.

— Não havia salário suficiente que me pusesse a fazer isso, por isso, sim, acho que é. A tua família tem aquele restaurante, o Sirico's. Ótimas pizzas.

— As melhores de Baltimore. Já vai na terceira geração. A minha irmã Fran é co-gerente. E o Jack, o tipo com que ela vai casar, também lá trabalha, faz a massa. Tu também és segunda geração no trabalho, não és?

— Terceira. O meu pai ainda continua. Anda a falar em reforma, mas, não sei. Fica-nos no sangue.

Ela pensou no labirinto e no facto de ter vontade de o fazer outra vez. Fazê-lo mais depressa, fazê-lo melhor.

— Eu sei.

— Mas já tem cinquenta e cinco anos. As pessoas... os civis... não compreendem realmente o *stress* físico daquilo.

— Nem o emocional, nem o psicológico.

— Sim, bem, esse também não — ele recostou-se na cadeira, estudou-a longamente. — Saíste-te muito bem, fisicamente. O labirinto não é para fracotes. Tens uma estrutura boa, como um... como é que se chama? Um galgo.

Ela podia ter andado a atravessar o deserto no campo dos homens, mas ainda sabia seduzir.

— Já andava a pensar que não reparavas.

Ela gostava do sorriso dele, da sua rapidez, da sua confiança. Era um sorriso que dizia que ele era um homem que sabia quem era, o que era e o que procurava.

Ele mostrava-o naquele momento.

— Reparei, sim. Especialmente quando andas a correr na Academia com aqueles calções curtos. De qualquer maneira, a maior parte das mulheres não aguenta a parte física da coisa.

— Muitos homens também não.

— Sem dúvida. Não era uma tirada sexista — ele ergueu uma mão. — O que eu estou a dizer é que és uma das poucas mulheres que vi que conseguem. Tens a energia, os instintos, os miolos. E também não te falta coragem. Por isso, não sei porque é que não te juntas a nós.

Ela pegou noutro *nacho*. Ele não era do tipo que desperdiça elogios. Por isso, levou as suas observações a sério e deu-lhe uma resposta séria.

— Pensei nisso, e por vezes senti-me tentada. Durante a formação,

ou quando faço um turno. Mas combater incêndios não é o que me atrai. Tens de te sentir atraído. Saber como funcionam, porquê. Descobrir como começam, porquê, quem os acende. Isso é que é a minha praia. Correr para um edifício a arder exige uma espécie singular de coragem.

— Já te vi a fazê-lo — comentou ele.

— Sim. Bem, sim, tinha de o fazer, de ver como se fazia. Mas não é o trabalho da minha vida. O trabalho da minha vida é entrar nesse edifício a seguir, procurar as provas e descobrir porquê.

— O corpo dos bombeiros tem inspetores. Minger é dos melhores.

— Sim. Eu ponderei seguir essa direção. O John, bem, ele é um dos meus grandes heróis. Mas... há outra coisa que muitas pessoas, muitos civis, não compreendem. O fogo posto. O que ele provoca, e não apenas na propriedade. O que um incendiário pode fazer às pessoas, a um bairro, a um negócio, à economia. A uma cidade.

Ela ergueu um *nacho*, encolheu os ombros para aligeirar o ambiente.

— Por isso, é essa a minha missão na vida. Tu combates incêndios, Fitzgerald. Eu faço a limpeza.

* * *

Ele não era do tipo de dar a mão, notou ela, mas acompanhou-a à porta. E, quando chegaram, encostou-a à parede para outro daqueles beijos luxuriantes.

— Ainda é cedo — disse ele, quando ergueu a cabeça.

— Pois é — e aborreceu-a o facto de um par de encontros casuais fazer com que fosse cedo *demais* para as suas normas. — Mas...

Ele recuou, mas havia humor nos seus olhos cor de lago.

— Tinha o pressentimento que ias dizer isso. Queres tentar ir a um jogo, esta semana?

— Sim, isso é bom.

— Eu ligo-te e marcamos — começou a afastar-se, voltou-se, beijou-a outra vez. — Tens uns lábios ótimos.

— Tu também.

— Ouve, consegues tirar alguns dias de férias?

— Provavelmente, consigo juntar umas folgas. Porquê?

— Nós temos uma casa nos Outer Banks. É uma casa velha de praia. Não é má. Podíamos ir lá passar uns dias da próxima vez que tiver uma folga, se tu conseguires encaixar as tuas. Podíamos dizer ao Steve e à Gina.

— Passar uns dias na praia? Quando partimos?

Ele mostrou novamente aquele sorriso.

— Vamos ver os nossos calendários e marcar.

— Vou começar a fazer as malas.

Ela entrou e fez uma pequena dança de vitória pela pequena sala.

A praia, gajo bom, bons amigos. A vida, atualmente, era excelente.

Demasiado boa, de facto, para ficar num apartamento vazio numa noite de verão.

Pegou novamente nas chaves e voltou a sair.

Viu a traseira do carro de Hugh a virar à esquerda na esquina e notou distraidamente outro carro a virar atrás dele. Beijou os dedos naquela direção, depois virou na direção oposta para caminhar até ao Sirico's.

Era bom estar de volta ao seu bairro. Gostara do tempo que passara na casa de estudantes, e gostara do armário de vassouras que alugara durante a sua formação no *campus* de Shady Grove. Mas ali é que era a sua casa.

As casas em banda, com os seus degraus brancos ou pequenos alpendres, vasos de flores ou bandeiras italianas penduradas de postes no telhado.

Havia sempre alguém para cumprimentar.

Demorou-se no caminho, admirou alguns dos murais pintados nos vidros das janelas e perguntou-se se poderia de pedir à mãe que lhe pintasse um. Provavelmente, teria de pedir autorização para isso ao senhorio, mas, uma vez que ele era primo em segundo grau de Gina, ela duvidava que houvesse problema.

Desviou-se um pouco para assistir a alguns minutos de um jogo de *boccia* entre uns velhotes de camisas coloridas.

Porque não pensara em convidar Hugh para dar um passeio, ver um pouco do colorido local?

Ela devia era convidá-lo, casualmente, para irem ao cinema ao ar livre na sexta à noite. Era uma tradição local. Noite de cinema significava também música ao vivo — o que podia conduzir a alguma dança. Podia dar algum uso àqueles sapatos vermelhos, afinal.

Teria de pensar nisso, talvez uma saída a quatro com a Gina e o Steve. Mas, por enquanto, podia aproveitar o resto do seu serão.

Lembrou-se de que as noites de domingo eram atarefadas no Sirico's. Se quisesse ter alguns minutos com a família antes do caos, não se podia demorar.

As coisas estavam já a aquecer quando entrou pela porta do restaurante. O zumbido das conversas, o tilintar de talheres, o telefone a tocar receberam-na à chegada.

Pete estava à bancada de trabalho, a sua mãe ao forno. Fran, juntamente com os outros membros do pessoal de sala a que o pai ainda chamava os seus miúdos, serviam às mesas.

Reena viu o seu futuro imediato passar-lhe diante dos olhos na forma de um avental e um bloco de notas. Cumprimentou Fran, depois viu Bella sentada a uma mesa a provar o *antipasto*.

— Olá, ó desconhecida — Reena deixou-se cair na outra cadeira da mesa dela. — O que fazes por aqui?

— Vince foi jogar golfe. Pensei trazer os miúdos.

— Onde é que eles estão?

— O papá e o Jack levaram-nos a dar um passeio até ao porto. A mãe ligou-te para te dizer que eu estava aqui, mas não estavas em casa.

— Acabei de chegar, nem fui ouvir as mensagens — tirou uma azeitona do prato de Bella. — O torneio de *boccia* está a acabar. Vamos ficar cheios em meia-hora.

— O negócio está bom — Bella encolheu ligeiramente os ombros.

A irmã estava fabulosa, pensou Reena. O estilo de vida com que sonhara durante toda a sua vida adequava-se-lhe muito bem. Ela estava refinada. O cabelo louro, realçado por competentes madeixas, caía-lhe sedosamente em volta de um rosto de pele fina e acetinada. Havia ouro e brilhantes nas suas orelhas, nos dedos, em volta do pescoço. Tudo subtil e caro, para combinar com a camisa de linho rosa pálido.

— Então, e tu? — perguntou Reena. — Estás tão bem como pareces?

Um sorriso assomou aos lábios de Bella.

— Pareço-te bem?

— Como uma capa de revista.

— Obrigada. Tenho trabalhado por isso. Leva algum tempo a perder o peso da gravidez, recuperar a forma. Tenho um *personal trainer* que faz com que Átila, o *Huno* pareça um maricas. Mas vale a pena.

Estendeu o pulso para exibir a pulseira de safiras e diamantes.

— O Vince deu-ma como recompensa por regressar ao meu peso pré-Vinny.

— Linda. Cintilante.

Bella riu-se, encolheu outra vez os ombros e brincou com um pouco de presunto.

— Seja como for, passei por cá para tentar ter uma conversa com a Fran sobre o casamento.

— O que se passa?

— É que eu não percebo porque é que ela insiste em fazer a receção numa salinha qualquer quando pode usar o nosso clube. Até já tenho uma lista de menus, e floristas, músicos. Ela não precisa de fazer uma coisa barata quando eu estou disposta a ajudar.

— É muito querido da tua parte — e estava a falar a sério. — Mas eu

acho que a Fran e o Jack querem uma coisa mais simples e mais perto de casa. Eles são mais simples, Bella. Não é uma crítica — acrescentou, pegando na mão da irmã quando os olhos de Bella faiscaram. — Honestamente. O teu casamento foi espetacular, maravilhoso e refletia absolutamente a tua pessoa. O casamento de Fran devia ser um reflexo dela.

— Eu só quero partilhar um pouco daquilo que tenho. Isso tem algum mal?

— Absolutamente nenhum. E, sabes que mais? Eu acho que devias ajudar com as flores.

Bella pestanejou de surpresa.

— A sério?

— És melhor nisso do que a Fran e a mamã. Eu acho que deviam deixar-te tomar as decisões nesse campo, especialmente se estiveres disposta a pagar.

— Eu estou, mas elas não...

— Eu convenco-as.

Bella encostou-se na cadeira.

— Tenho a certeza que sim. Consegues sempre dar-lhes a volta.

— Só tenho uma condição. Se a Fran quiser flores simples, não compres camiões cheios de orquídeas exóticas, ou coisa do género.

— Se ela quer simples, eu consigo fazer simples. Mas maravilhosamente simples. E eu consigo transformar aquela salinha num jardim. No jardim de uma casa de campo — acrescentou ao ver o olhar de Reena. — Doce, antiquado, romântico.

— Perfeito. Quando chegar a minha vez, contrato-te.

— Tens alguns candidatos?

— Não ando à procura de candidatos a marido. Mas tenho um candidato a namorado. Bombeiro.

— Oh. Grande surpresa.

— Um borracho. Excelentes possibilidades na cama.

Bella reprimiu uma gargalhada.

— Tenho saudades tuas, Reena.

— Oh, querida. Também tenho saudades tuas.

— Nunca pensei que teria.

Agora, era a vez de Reena se rir.

— A sério. Não pensei que teria saudades tuas, ou disto — fez um gesto para abarcar o restaurante. — Mas tenho, às vezes.

— Bem, estamos sempre aqui.

* * *

Ficou mais tempo do que tencionara, até muito depois de Bella levar os filhos de volta para a sua extensa propriedade suburbana. Quando o trabalho acalmou, conseguiu levar a mãe e a irmã para uma mesa.

— Conversa de raparigas.

— Aceito qualquer desculpa para me sentar — Bianca deixou-se cair numa cadeira e serviu água com gás a cada uma.

— É sobre o casamento, e a Bella.

— Oh, não comeces — Fran tapou os ouvidos com as mãos. As ondas do seu cabelo agitaram-se enquanto ela abanava a cabeça. — Não quero um casamento num *country club*. Não quero um bando de empregados de *smoking* a servir champanhe, nem o raio de um cisne de gelo.

— Eu percebo-te. Mas queres flores, não queres?

— Sim, claro que quero flores.

— Deixa a Bella tratar das flores.

— Eu não quero...

— Espera. Tu sabes que tipo de coisa queres, sabes as cores que preferes. Mas a Bella sabe mais. A coisa que Bella mais tem em abundância é estilo.

— Eu iria ficar a afogar-me em rosas cor-de-rosa.

— Não, não irias — senão, pensou Reena, seria ela a afogar pessoalmente Bella nas rosas depois da cerimónia. — Queres um casamento simples, à moda antiga, romântico. Ela já percebeu isso. O.K., não percebe porque é que queres fazer assim, mas compreende que isto é decisão tua. E que é o teu dia. Ela quer ajudar. Quer sentir-se parte disto.

— Ela é parte disto — Fran levou as mãos ao cabelo, enquanto Bianca permanecia em silêncio. — Ela é a madrinha.

— Ela quer-te oferecer qualquer coisa. Ela adora-te.

— Oh, Reena, para — Fran baixou a cabeça sobre a mesa, bateu ligeiramente. — Não me faças sentir culpada.

— Ela está um pouquinho entediada, e está a sentir-se posta de parte.

— Mamã. Socorro.

— Primeiro, quero ouvir tudo o que têm a dizer. Quero saber porque é que a Reena está a tomar o lado da tua irmã.

— Primeiro, porque eu acho... Não, eu sei que ela consegue fazer isto. E pagar — abanou o indicador na frente de Fran, quando esta levantou a cabeça para protestar. — Um presente da tua irmã não é um insulto, por isso, cala-te. Ela quer dar-te as flores para o teu casamento, e quer que fiques feliz com elas, por isso de certeza que não vai fazer nada de errado. Rápido, diz-me cinco nomes de flores. Rosa não conta.

— Humm... Lírio, gerânio... raios, crisântemos, amores-perfeitos. Assim é difícil, com a pressão.

— Lembras-te de como ela massacrava os paisagistas que contratou, quando estava a montar aqueles jardins? Ela percebe mais do assunto do que qualquer uma de nós, e sabe como coordenar uma coisa como esta. Ela disse que conseguia fazer uma espécie de jardim de casa de campo. Não sei bem como é isso, exatamente, mas soa-me bem.

Fran mordeu o lábio.

— Também não sei o que isso significa. Mas parece-me bem.

— Ia ser muito importante para ela, e acho que, quando estiver pronto, vai ser importante para ti.

— Eu posso falar com ela. Talvez pudéssemos ir a uma florista juntas, ou então posso ir ver outra vez o jardim dela, e ela pode explicar-me qual é a sua ideia.

— Ótimo — sabendo quando recuar, Reena levantou-se. — Tenho de ir para casa — baixou-se, deu um beijo a Fran e ia dar um à mãe, mas esta levantou-se.

— Eu acompanho-te, quero apanhar um pouco de ar.

Quando saíram do restaurante, Bianca pôs um braço em volta da cintura da filha.

— Não estava à espera disto. Não costumavas ficar do lado da Bella.

— Normalmente, não concordo com ela. Só que os meus instintos dizem-me que não há maneira de ela poder estragar isto. Em parte por causa da Fran, em parte pelo seu próprio ego.

— Esperta. Sempre foste a minha filha esperta. Porque não vamos todas ver as flores? As mulheres do Sirico's?

— Está bem, pode ser.

— Olha, liga-me quando chegares a casa.

— Mamã.

— Liga-me, só para saber que chegaste bem a casa.

Quatro quarteirões e meio, pensou Reena enquanto se afastava. No meu próprio bairro. Uma agente da polícia.

Mas ligou quando chegou a casa.

* * *

Como polícia estagiária, Reena estava no fundo da cadeia alimentar da esquadra. O facto de ter ficado entre os cinco melhores do curso não contava grande coisa, quando estava de uniforme numa patrulha.

Não fazia mal. Ela fora ensinada a subir a pulso.

E gostava de andar nas ruas. Gostava de poder conversar, de tentar ajudar a resolver problemas ou disputas.

Ela e o seu parceiro, um homem com dez anos na polícia chamado

Samuel Smith, responderam a um alerta de distúrbios em West Pratt, no lado sudoeste da cidade a que os locais chamavam Sowebo.

— E eu que estava a pensar em parar no Krispy Kreme — queixou-se Smithy enquanto virava na direção da chamada.

— Como é que consegues comer tantos desses *donuts* e não engordar?

— Sangue de polícia — ele piscou-lhe o olho. Media um metro e noventa e dois e pesava uns bons cem quilos. A sua pele era cor de noqueira, os olhos, pretos e argutos. Sem uniforme teria parecido intimidante. Com ele, parecia feroz.

Para uma pessoa no primeiro ano na polícia, era reconfortante ter como parceiro alguém com a solidez de um camião. E, como natural de Baltimore, ele conhecia a cidade tão bem como ela — ou melhor ainda.

Ela viu o ajuntamento no passeio assim que entraram na rua. Aquela área era mais conhecida pelas galerias de arte e os edifícios históricos do que pelo tido de zaragata de rua que ela percebeu estar em progresso.

Com efeito, a maior parte das pessoas que observava os dois homens a rebolar pelo asfalto estavam vestidas com estilo — muitas cores ousadas e preto Nova Iorque.

Saiu do carro com Smithy e abriu caminho com ele por entre a multidão.

— Dispersem, dispersem — a voz de Smithy era um rugido, e as pessoas afastavam-se. Mas os dois homens continuavam a esmurrar-se mutuamente. E com muita falta de jeito, notou Reena.

Os sapatos italianos estavam raspados e os casacos de corte italiano teriam de ir diretamente para o lixo, mas não havia muito sangue.

Preparou-se para pegar num deles para os separar, e Smithy fez o mesmo.

— Polícia! Acabou!

Ela pôs as mãos sobre o homem mais baixo, que se voltou quando ela lhe agarrou o braço. O outro braço ergueu-se, de punho fechado. Ela viu o movimento, teve um momento para pensar, Merda, e depois bloqueou-o com o antebraço.

Usando o impulso dele, ela atirou-o ao chão e puxou-lhe as mãos para trás das costas.

— Quer mesmo bater-me? Quer dar-me um murro? — algemou-o enquanto ele agitava o corpo como uma tartaruga virada ao contrário. — Agora, vai dentro por agressão a um agente da polícia.

— Foi ele que começou.

— Mas que idade é que tem? Doze anos?

Ela fê-lo levantar. O homem tinha o rosto um pouco arranhado, e ela

julgou que estaria a meio da casa dos vinte anos. O seu adversário, basicamente no mesmo estado e basicamente da mesma idade, estava sentado no chão, onde Smithy o pusera.

— Tentaste dar um soco na minha parceira? — Smithy apontou para o segundo homem. — Não saias daí — ordenou, e aproximou-se do rosto do primeiro homem. Era como um pau-brasil a agigantar-se sobre um rebento. — Tentaste dar um murro à minha parceira, seu idiota?

— Eu não sabia que ela era da polícia. Não sabia que era uma mulher. E foi ele que começou. Pode perguntar a qualquer pessoa. Ele começou a empurrar-me lá dentro.

— Não estou a ouvir um pedido de desculpas — Smithy deu uma palmadinha na orelha. — Agente Hale, está a ouvir algum pedido de desculpas deste idiota?

— Não, não estou.

— Desculpe — não parecia arrependido, mas bastante mortificado, quase à beira das lágrimas. — Eu não lhe queria bater.

— E não bateu. O senhor bate como uma rapariga. E, os outros, vão lá às vossas vidas — ordenou aos mirones. — Agora, pode contar-me o seu lado da história enquanto ele conta ao meu parceiro a dele. E não quero voltar a ouvi-lo dizer que foi ele que começou.

* * *

— Uma mulher — disse Smithy com um suspiro quando se foram embora. — É sempre por causa de uma mulher.

— Ei, não culpe a minha espécie pela estupidez da sua.

Ele voltou a cabeça, abriu muito os olhos.

— És uma mulher, Hale?

— Porque é que me calham sempre os chicos-espertos?

— Saíste-te bem. Trataste bem do assunto. Tens bons reflexos e mantiveste a calma.

— Se me tivesse acertado, se calhar a história tinha sido diferente — mas, satisfeita com o trabalho bem feito, decidiu descontrair. — Pagas tu os *donuts*.

* * *

Quando chegou a casa depois do seu turno, o apartamento estava vazio. Um bilhete com a letra grande e floreada de Gina estava colado ao frigorífico, ao lado de uma fotografia da sua tia tamanho XL, a tia Opal. Gina usava-a como dissuasor de lanchinhos.

Saí com o Steve. Estamos no Club Dread,
se quiseres aparecer. O Hugh também é capaz de passar por lá.

Bjs
G

Ela fez uma pausa e ficou na cozinha a pensar no que poderia vestir. Depois, abanou a cabeça. Não lhe apetecia nada a barulheira de um bar.

Queria despir o uniforme, estender-se no sofá e estudar um pouco. John passara-lhe velhos *dossiers* de casos, para a deixar estudá-los e tentar determinar se se tratava de acidente ou fogo posto, e os comos e os porquês.

Quando se mudasse para a brigada de incêndios, aquelas horas de reconstrução seriam úteis.

Em vez disso, entrou no quarto. Viu pelo canto do olho o seu reflexo no espelho, parou, estudou a sua figura.

Talvez não parecesse particularmente feminina com o uniforme, mas gostava da imagem que projetava. Autoridade e confiança. Embora, nesse dia, tivesse havido um momento na rua em que sofrera como que um abanão, ao perceber ativamente como seria fácil ser magoada. Nem que fosse com um murro na cara.

Mas saíra-se bem. Significava muito para ela que tivesse sido o próprio Smithy a dizê-lo.

Embora se considerasse mais à vontade em casa com livros e pastas para estudar, ela sabia o que fazer nas ruas. Estava a aprender, pelo menos.

Tirou o boné, pô-lo em cima da cómoda. Desapertou o coldre e pôs-o de lado. Desabotoando a camisa do uniforme, franziu o sobrolho ao olhar o prático *soutien* de algodão branco.

Teria de fazer outra saída de compras, decidiu imediatamente. Roupa interior *sexy*. Não havia nada nos regulamentos a respeito da roupa interior das mulheres polícias. E saber que tinha qualquer coisa bonita e feminina por baixo seria bom para o seu moral.

Com essa ideia na cabeça, tomou um banho de espuma, acendeu velas, encheu um copo de vinho.

E ficou a ler sobre fogo deitada na banheira.

Quando o telefone tocou, deixou a chamada passar para o atendedor.

Ouviu distraidamente a voz de Gina a convidar a pessoa a deixar uma mensagem, depois levantou-se de repente, atirando água para o chão, quando se ouviu a voz seguinte.

— Olá, cabra. Estás sozinha em casa? Talvez te faça uma visita. Há quanto tempo, aposto que tiveste saudades de mim.

Ela estava de pé, a água apagou as velas. Encharcada e nua, correu para a sua arma e tirou-a do coldre. Agarrando-a com as duas mãos, enfiou um robe enquanto corria para a porta para verificar os trincos.

— É só uma partida — disse ela em voz alta, para se tranquilizar com o som da sua própria voz. — É só um idiota qualquer.

Mas foi espreitar pela janela a rua em baixo.

Depois, voltou a passar a mensagem duas vezes. A voz não era conhecida. E o telefone não voltou a tocar.

* * *

Não chegaram a ir ao jogo, nem ao cinema na sexta-feira. Foram impedidos pelo seu horário ou pelo de Hugh. Mas conseguiram uma rápida refeição de hambúrgueres num café perto do quartel dos bombeiros.

— A Gina já fez e desfez as malas três vezes — disse-lhe Reena. — É como se fosse para um safari, em vez de ir passar um par de dias na praia.

— Nunca conheci uma mulher que não tivesse de fazer e refazer as malas com o que precisa.

— Estás a olhar para uma.

Ele sorriu-lhe, deu uma dentada no hambúrguer.

— Pois, veremos, quando lá chegarmos. Tens a certeza de que já percebeste como lá chegar? Eu posso adiar a minha ida, se tiveres medo de te perder.

— Acho que nos safamos. Desculpa não poder ir mais cedo, mas a Gina também está presa até amanhã à tarde, de qualquer maneira. Vamos nessa altura, nós os três. Devemos lá estar por volta da meia-noite.

— Eu deixo a luz acesa. Até é bom. Assim, posso arejar a casa. Não tem sido muito usada, nesta temporada. E posso arranjar comida. Ouvi dizer que sabes cozinhar.

— Eu nasci com uma caçarola numa mão e uma cabeça de alhos na outra — além disso, ela gostava de cozinhar, do ato e da arte. — Porque não arranjas uns camarões? Eu posso preparar-vos um *scampi*.

— Parece-me ótimo. Devem conseguir fazer um bom tempo. A meio da semana, àquela hora da noite. Não devem apanhar muito trânsito, quando entrarem na Carolina do Norte — olhou para o relógio. — Eu acho que ainda vou chegar a Hatteras pelas duas da manhã. Se me puser a andar.

Inclinou uma anca, retirou a sua carteira e atirou umas notas para cima da mesa.

— Não há telefone na casa, mas podem ligar para o mercado em Frisco e eles fazem-me chegar a mensagem.

- Já explicaste isso, papá. Não te preocupes connosco.
— O.K. — Ele levantou-se, deu a volta à mesa e inclinou-se para a beijar. — Guia com cuidado.
— Tu também. Vemo-nos amanhã à noite.

Tão fácil. Pateticamente fácil. Ninguém acordado e na rua.

*Take me home, country roads.*⁴

Noite linda, montes de estrelas, mas sem lua. Escura quanto baste, deserta quanto baste. Ultrapassei-o há dez quilómetros, por isso há de estar mesmo a aparecer. Escolho um sítio, começo a trabalhar.

Encosto ao lado da estrada, abro o capô. Podia acender um sinalizador luminoso, mas depois outro estúpido filho da mãe podia parar.

Só há tempo para um, esta noite.

Só um.

E ele há de parar. Oh, isso é certo. Os bonzinhos param sempre, os Bons Samaritanos. Não é o primeiro que apanho desta maneira. Provavelmente, não há de ser o último.

Tenho a velha carripiana. O saloio idiota a quem a roubei vai ter de ir afogar as mágoas com a cerveja. Tenho a lanterna. Tenho a .38.

Encosto-me ao carro, a assobiar uma canção. E bem que posso fumar um cigarro, para passar o tempo. Ele deve estar a chegar.

Já se veem os faróis, é melhor fazer um ar atrapalhado. Aproximo-me mais da berma, levanto uma mão. Se não for ele, só tenho de lhe fazer sinal para continuar. Não, obrigado, já está resolvido, digo. Acabei de o pôr a funcionar outra vez, obrigado por parar!

Mas é ele, claro. Um homem grande no seu grande Bronco azul. E, previsível como o nascer do Sol, encosta para parar, para dar uma ajuda a um pobre desgraçado.

Vou logo direto ao carro. É melhor se ele nem sair.

— Ei! — *um grande sorriso aliviado e aponto-lhe a lanterna aos olhos.*
— Bolas, estou mesmo contente por o ver.

Hugh protegeu os olhos contra a luz da lanterna.

— *Está com problemas?*

— *Agora já não — e levanto a arma e dou-lhe dois tiros na cara.*

O corpo agita-se como uma marioneta. Nem uma mãe reconheceria aquela cara, agora. Está na hora de pôr as luvas para poder soltar o cinto a este paneleiro, dar-lhe um empurrão. Agora só tenho de levar este belo jipe e meter-me pela floresta, um bocado. Não demasiado. Quero que seja facilmente encontrado, afinal de contas.

⁴ Tema de uma popular canção americana da autoria de John Denver.

Furo-lhe um pneu. Parece que ele teve um problema, e depois apareceu alguém e deu-lhe um problema ainda maior.

Volto para trás, buscar a lata de gasolina.

Então, vamos lá ver, queremos a carteira, queremos o relógio.

Oh, não! Pobre coitado, foi assaltado e assassinado quando ia a caminho de uns dias na praia! Que horrível tragédia!

Dá vontade de rir. Faço as coisas parecerem amadoras, despejo aquela gasolina, molho bem os estofos, aqueles pneus. Agora recuo — segurança primeiro!

E pego fogo ao cabrão.

Olha para ele a arder. Olha só para ele. A tocha humana, a arder como um filho da puta. O primeiro minuto é o melhor, aquele uush, e o claro. Os amadores é que têm de ficar para ver tudo. É só o primeiro minuto que conta.

Agora, só temos de ir embora e levar aquela caranguejola de volta para Maryland. Talvez vá comer uns ovos com bacon ao pequeno-almoço.

Foi Steve que levou a notícia a Reena. Entrou na esquadra, parou junto à secretária onde ela estava a datilografar o relatório de um incidente. Os olhos dele ardiam num rosto pálido como cera.

— Ei, tudo bem? — ela ergueu o olhar e parou de escrever. — Oh, não me digas que te deram um turno duplo e não podes ir. Eu estava mesmo a acabar o meu turno e ia para casa fazer as malas.

— Eu... Posso falar contigo um minuto? Em particular?

— Claro — levantou-se da sua secretária enquanto olhava para ela com atenção. O nervosismo agitou-lhe a barriga. — Aconteceu alguma coisa. A Gina...

— Não. Não, não foi a Gina.

— Bem, então... O Hugh? Teve um acidente? Foi grave?

— Não, não foi um acidente. É grave. É mesmo muito grave.

Ela agarrou-lhe o braço, puxou-o para o corredor.

— O quê? Diz depressa.

— Ele morreu. Jesus, Reena. Morreu. Acabei de receber uma chamada da mãe dele.

— Da mãe dele? Mas...

— Ele foi morto. Foi assassinado... a tiro.

— Assassinado? — a mão dela enfraqueceu no braço dele.

— Ela estava bastante incoerente, ao princípio — a boca de Steve era fina como uma lâmina, enquanto ele olhava fixamente por cima da cabeça dela. — Mas arranquei-lhe tudo o que consegui. Alguém lhe deu um tiro. Ele ia a caminho para baixo, estava a umas horas da ilha, e alguém deve

tê-lo feito parar o carro, ou atirou-o para fora da estrada, ou ele teve um furo. Não tenho a certeza. Ela não tinha a certeza.

Ele conteve a respiração.

— Mas deram-lhe um tiro, Reena. Jesus, deram-lhe um tiro, depois pegaram fogo ao carro para tentar cobrir a coisa. Levaram-lhe a carteira, o relógio. Não sei que mais.

Uma sensação de náusea subia-lhe pela garganta, mas ela conseguiu conter-se.

— Ele foi identificado, identificado positivamente?

— Ele tinha, eeh, umas coisas no carro, coisas que não arderam, com o seu nome. O registo no porta-luvas. Os pais dele ligaram-me de lá. É mesmo o Hugh, Reena. O Hugh morreu.

— Vou ver o que consigo descobrir. Vou ligar à polícia local para ver o que consigo descobrir.

— Deram-lhe um tiro na cara — a voz de Steve fraquejou. — A mãe dele disse-me. Deram-lhe um tiro na cara, merda. Por causa do raio de um relógio e do que ele tinha na carteira.

— Senta-te — ela fê-lo sentar num banco, sentou-se ao lado dele, deu-lhe a mão.

Independentemente do que viesse a descobrir, pensou, um homem — um homem bom —, um homem que ela beijara menos de vinte e quatro horas antes, estava morto.

E, mais uma vez, o fogo assombrava a sua vida.